

# PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SÃO MARCOS, RS\*

Jairo Henrique Rogge<sup>1</sup>  
Pedro Ignácio Schmitz<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O projeto São Marcos representa mais uma etapa de trabalho do Instituto Anchietano de Pesquisas com casas subterrâneas no Planalto Meridional do Brasil. As pesquisas com esta temática iniciaram em 1968 no município de Caxias do Sul, RS (Schmitz et al., 1988), onde foram retomadas em anos posteriores (Corteletti, 2008). Continuaram no município de Vacaria, RS (Schmitz et al., 2002; Schmitz & Rogge, 2004). Avançaram para São Marcos, RS (este texto), depois para Taió, SC (neste volume) e atualmente estão sendo feitas pesquisas em São José do Cerrito, SC.

O projeto São Marcos iniciou, em 2003, com o estudo, pelos biólogos do Instituto, de ossos humanos encontrados em abrigos da região, que haviam sido entregues ao P. Osmar Possamai, para o acervo do Museu Paroquial da cidade. Os biólogos acabavam de analisar os restos esqueléticos de 65 indivíduos de ambos os sexos e diversas idades, encontrados num abrigo funerário do projeto Vacaria (Schmitz et al., 2005). Ainda estavam estudando os numerosos restos humanos encontrados em vários outros abrigos funerários do planalto do Rio Grande do Sul, recolhidos ao Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL) por Eurico Th. Miller (Krever & Haubert, 2001; Izidro & Haubert, 2003; Schmitz et al. 2005; Brentano & Schmitz, 2006). A informação de que havia abrigos funerários no município, seguida de visitas a alguns deles, e o aparecimento de casas subterrâneas nos seus arredores, transformou uma simples assessoria em novo projeto arqueológico.

O objetivo deste passou a ser o teste dos resultados alcançados pelo Instituto, e por outras equipes, em trabalhos anteriores, e a melhoria da compreensão do sistema de assentamento das chamadas populações Jê Meridionais.

Sob o enfoque de sistema de assentamento se estudam os sítios arqueológicos e sua implantação, as estruturas que os compõem e os artefatos

---

\* Projeto financiado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

Pesquisadores participantes: André Osorio Rosa, Fúlvio Vinicius Arnt, Marcus Vinicius Beber.

Bolsistas do CNPq: Ângela M. Lóf, Antônio Martins, Cátia A. Grespan, Cláucia Brentano, Ellen Augusta V. de Freitas, Gracielle O.S. da Silva, Jefferson Luciano Zuch Dias, Kelly de Oliveira, Marlon Borges Pestana.

<sup>1</sup> Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

<sup>2</sup> Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: anchietano@unisinis.br.

com suas características próprias e sua distribuição, mas também sua função, cronologia e significado. O conceito de sistema de assentamento leva em conta que os sítios arqueológicos possuem implantações, distribuições, formas, funções e hierarquias diferenciadas, que refletem a organização de uma determinada população numa região. (Forsberg, 1985)

Junto com este conceito de sistema de assentamento surgiu a preocupação de saber como os diversos elementos da cultura conhecida pelos arqueólogos se foram criando, adaptando, mantendo e relacionando no espaço em que a população se estabeleceu e se manteve durante muitas gerações, distanciando-se cultural e simbolicamente de sua matriz, criando novas identidades (Oliveira, 1999), que podem ter sobrevivido até os tempos atuais, ou se extinguido em tempos mais ou menos remotos. Com o desenvolvimento de sucessivos projetos, surgiu a necessidade de estudar a história dessa cultura.

As pesquisas anteriores no Planalto mostraram que no sistema de assentamento existem ao menos as seguintes estruturas: casas subterrâneas isoladas ou formando conjuntos, montículos funerários geralmente associados a casas subterrâneas, abrigos funerários em fendas de paredes basálticos, terrenos cercados por taipas de terra (“danceiros”), ocupações habitacionais a céu aberto, e áreas de atividades de caráter variado. Além das estruturas, os elementos materiais de maior destaque nos sítios são a cerâmica da tradição Taquara/Itararé, os objetos líticos lascados e polidos e os esqueletos humanos. Sínteses amplas podem ser vistas em Schmitz (1988, 1999-2000), Mentz Ribeiro (1999-2000), Reis (2002), Beber (2005), Copé (2006).

O ambiente no qual o sistema se desenvolve é a Mata Ombrófila mista com *Araucaria angustifolia* e os campos confinantes, nos quais os assentamentos são mais raros. Ele começa a aparecer ao redor da metade do primeiro milênio de nossa era e se mantém até o século XIX. Neste tempo o espaço está ocupado por populações indígenas denominadas de Kaingang. Apesar de os dados etnográficos e os arqueológicos apresentarem diferenças, a continuidade é uma suposição bem aceita.

O projeto está encravado em áreas já pesquisadas no planalto do Rio Grande do Sul: no leste ele confina com Caxias do Sul (Schmitz et al., 1988 e Corteletti, 2008) e no norte com o de Vacaria (Schmitz et al., 2002; Kern, Souza e Seffner, 1989); avançando mais no planalto encontramos Bom Jesus, Esmeralda, Barra Grande com outras pesquisas (Miller, 1971; Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985; Mentz Ribeiro et al., 1994; Copé, 2006, entre outros).

O município localiza-se no Planalto Basáltico, na margem esquerda do rio das Antas, um dos formadores do rio Taquari, que por sua vez desemboca no rio Jacuí. Além deste rio, que forma o limite norte e oeste do município, drenam o terreno vários cursos de água de certa potência, como o arroio Pereira, o rio Ranchinho, o arroio Cafundó, o rio Redondo e o rio São Marcos.

O recorte do terreno pelos cursos de água criou uma paisagem de dois patamares: o mais alto, bastante reduzido, na cota de 900 m e outro, bem

amplo, entre 800 e 700 m. Nas ondulações negativas desses patamares surgiram banhados cujas águas dão origem a pequenos cursos de água, que vão engrossando até desembocar no rio das Antas, numa altitude de 300 m. Junto a esses banhados e nascentes dos altos patamares estão implantadas as casas subterrâneas, com seu acompanhamento de montículos funerários e assentamentos a céu aberto.

A partir dos patamares estruturais o terreno cai rapidamente para o leito de arroios e rios correntosos e encachoeirados. Nas íngremes encostas, que aí se formam em diversas altitudes, afloram paredões de basalto, em cujas fendas naturais os moradores de casas subterrâneas próximas, ou de passagem pelo lugar, depositavam seus mortos.

O clima da região é considerado Mesotérmico brando, superúmido, sem seca. O inverno é rigoroso e possui ao menos um mês com temperatura média inferior a 13°C. As geadas são freqüentes. Também é comum a invasão de massas de ar de origem polar. A precipitação pluviométrica está entre 1500 e 1750 mm. (Nimer, 1977)

A vegetação predominante nas cotas mais altas, pouco recortadas, é o campo natural, com capões isolados e matinhas ciliares; nas encostas e nos interflúvios de terrenos mais retalhados predominava a Floresta Ombrófila mista com *Araucaria angustifolia*. Nesta mata se destacam dois estratos: por baixo a mata mista densa, com troncos, varas eretas e muitos cipós e por cima as copas dos pinheiros que dominam visualmente a paisagem.

A rodovia, que de São Marcos vai a Criúva, corre aproximadamente no limite entre os dois ambientes: à sua direita estão predominantemente altos campos ondulados, onde os sítios arqueológicos são raros; à esquerda, tem a mata com pinheiros, onde os sítios arqueológicos se multiplicam. Talvez a separação entre o campo natural e a floresta com pinheiros não tenha razões só de altitude, mas de altitude e história. Segundo pesquisas palinológicas (Behling, 1995; Behling et al., 1999), o pinheiro, partindo de vales enfunados, onde se encontrava retido por razões climáticas, teria começado a invadir os campos do planalto a partir de meados do primeiro milênio de nossa era, com uma aceleração a partir do segundo milênio. Então os interflúvios mais próximos a estes vales encaixados teriam sido ocupados mais rapidamente que os terrenos mais afastados em direção às nascentes desses rios. Os sítios arqueológicos, como estão ligados aos recursos do pinheiral, acompanham esta distribuição. Os assentamentos humanos abririam pequenas clareiras nesta mata, favorecendo, desta forma, o desenvolvimento de novos pinheiros junto às casas, os acampamentos e outros espaços sob intervenção.

O primeiro povoamento europeu é posterior a meados do século XVIII, quando os campos começaram a ser utilizados para criação extensiva de gado por fazendeiros lusos e posteriormente também por alemães. A criação de gado pouco interferiu nos sítios. No fim do século XIX as florestas com pinheiros receberam famílias de pequenos proprietários de origem polonesa e italiana. Foi o começo da derrubada das florestas para implantação de lavouras

e pastos. Mais tarde, os troncos dos pinheiros foram sistematicamente extraídos para consumo local e exportação de madeira. Por isso, mesmo as matas que continuam existindo, principalmente nas encostas íngremes, já não contêm os velhos pinheiros, que mais caracterizavam a paisagem.

Estas utilizações interferiram nos sítios, especialmente nas estruturas construídas, mas não as destruíram completamente. Destruição de sítios vem com a instalação recente de algumas parreiras e a introdução de agricultura mecanizada.

Hoje o município é considerado a capital do alho. Uvas e hortigranjeiros são outros produtos agrícolas, além de gado leiteiro e produção de frangos.

Os sítios localizados na área respondem às seguintes categorias: casas subterrâneas, acompanhadas de eventuais aterros formados com os sedimentos que sobraram após o nivelamento das bordas; habitações a céu aberto, construídas com materiais perecíveis, atendendo diversas finalidades como mineração de material lítico, cultivos ou manejo ambiental; montículos funerários na proximidade das casas; abrigos rochosos com deposição de mortos (Figura 1).

Nos terrenos altamente ácidos sobraram objetos feitos em rocha ou mineral e alguns fragmentos de cerâmica. Os ossos humanos, conservados em abrigos rochosos, são poucos e muito fragmentados. Não foram encontrados restos de fauna associados aos sítios.

Artefatos líticos lascados são numerosos nos sítios. A maior parte é produzida em basalto e riolito, matérias primas fáceis de encontrar no Planalto Basáltico. A estrutura deste basalto pode ser fina, granulosa, até vesicular. Quando fina, presta-se bem para objetos polidos, mas é usada principalmente para lascas. Quando muito granulosa ou vesicular, tem pouca utilidade. Sua cor é cinzenta. O riolito, mais resistente, é melhor que o basalto para objetos lascados, mas é menos usado, provavelmente por ter ocorrência mais restrita. É de cor marrom avermelhada. Ambas as rochas aparecem em formações maciças, em grandes e pequenos blocos ou em seixos cobertos por uma camada pouco cristalizada, ou intemperizada.

O lascamento deste material costuma ser unipolar, usando um seixo do mesmo material como percutor. A maior parte dos objetos resultantes são núcleos, lascas corticais e secundárias, fragmentos corticais e secundários.

Núcleos são considerados objetos globosos que sobraram depois da retirada de lascas unipolares ou de retalhamento bipolar. Lascas são mais finas, têm plano de percussão, ponto de impacto, bulbo, ondas e estrias. Os fragmentos são semelhantes às lascas, geralmente mais espessas e sem todas as características das lascas.

Consideramos corticais as peças cuja superfície externa apresenta 50% ou mais de córtex, semi-corticais as que têm menos córtex. E chamamos secundárias as lascas e fragmentos sem córtex.

Muitas lascas e fragmentos tiveram retoque marginal, simples e irregular, por percussão dura, para criar ou reforçar um bordo ativo, dando-lhe melhores condições para cortar e raspar, sem modificar sua forma. Retoque regular e abrupto formava raspadores.

Grandes seixos ou fragmentos alongados de basalto foram transformados, por redução primária, aplicada nas extremidades ou em todo o contorno, em talhadores terminais ou laterais. Redução primária, aplicada sobre ambas as faces de lascas ou pequenos seixos, complementada com eventual retoque marginal, criou alguns bifaces foliáceos.

Colunas de basalto, com pequena acomodação por picoteamento ou polimento, se transformavam em mãos de mó ou de pilão. Seixos com faces alisadas, em mós.

Seixos médios a grandes, sem necessidade de maiores adaptações, podiam ser usados como percutores no retalhamento de matéria prima, ou como suportes (bigornas) para retalhamento bipolar. Com a formatação e a criação de um gume em bisel duplo se transformavam em lâminas de machado.

O quartzo e a calcedônia também aparecem na decomposição do basalto; eram usados em menor escala. Seu retalhamento por percussão apoiada resultava em pequenos núcleos, fragmentos e lascas bipolares.

Com exceção de um sítio com algumas pontas de projétil, que poderia ser da tradição lítica Umbu, os demais, apesar de pequena quantidade de cerâmica, são atribuídos à tradição cerâmica Taquara. O material lítico, por sua aparente rusticidade e caráter expeditivo, se assemelha ao da tradição Humaitá. Por isso, nos primeiros anos da arqueologia na região (Miller, 1971), materiais como estes, quando desacompanhados de cerâmica, foram identificados como desta tradição lítica (Dias, 2003).

O processo produtivo era relativamente simples: consistia em descascar pequenos blocos e seixos de basalto ou riolito, abundantes em toda a região, para reduzir sua massa a lascas e fragmentos que pudessem ser usados diretamente ou com pequeno retoque. Desse processo resultavam lascas corticais e secundárias, fragmentos corticais e secundários, objetos relativamente pequenos e leves, além de núcleos, que passavam a ser massas inúteis de diversas formas, tamanhos e pesos. Mas, por lascamento de pequenos blocos e seixos, também se produziam objetos grandes e pesados, denominados talhadores; nestes, o núcleo passava a ser o instrumento, as lascas o refugo. Nem sempre é fácil separar estes instrumentos grandes dos núcleos resultantes do processo anterior.

São muito poucos os objetos formatados por picoteamento ou polimento de basalto.

Cristais de quartzo e geodos de calcedônia eram retalhados por percussão apoiada para produzir pequenas lascas e fragmentos, sobrando ainda pequenos núcleos; as bordas destas pequenas peças geralmente eram mais cortantes e resistentes que as das lascas e fragmentos de basalto.

Quando descrevemos individualmente os sítios indicamos também quais são os materiais recuperados em cada um deles e qual é a matéria prima de que são feitos. Não se trata de uma classificação tecnológica, mas descritiva. Para melhor compreensão da tecnologia lítica será preciso retomar todo o material.

Na indicação do tamanho das peças usamos a seguinte divisão: pequeno = até 5,0 cm; médio = de 5,1 a 10,0 cm; grande = maior que 10,0 cm.

Quando comparamos o conjunto de materiais dos sítios, notamos que em alguns existem mais instrumentos (talhadores, bifaces, raspadores, percutores, mãos de pilão, lâminas de machado etc.) e que estão ausentes o quartzo e a calcedônia, enquanto em outros predominam núcleos, lascas e fragmentos e aparece o quartzo e a calcedônia. As primeiras são coletas feitas por um dos moradores (Norberto Lucchi), que prestava mais atenção às peças grandes em prejuízo das pequenas; as demais são as coletas feitas pela equipe de arqueologia.

A localização dos sítios e a permissão de acesso às propriedades basearam-se principalmente na intermediação de três pessoas: P. Osmar Possamai, pároco de São Marcos e Criúva que, além de atender toda a população católica, é homem de cultura, escreveu muito sobre a região e criou importante museu paroquial; Áureo Bertelli, secretário de cultura do município, pessoa ilustrada e de bom relacionamento; e Norberto Lucchi, morador de Linha Café, que mantém a tradição de seus antepassados paternos e maternos, que ambos tiveram aí seus primeiros assentamentos.

Por causa desta intermediação existem áreas mais densamente cobertas, como é o Morro da Antena com suas proximidades e a Linha Café. Na localização dos sítios percebe-se também certa influência das rodovias asfaltadas, a BR 116 e a RST 115, ao longo das quais se foi concentrando a população. Para as áreas de campo e outras áreas mais afastadas da sede e das rodovias houve menor número de registros. Esta informação é importante para avaliarmos corretamente os resultados. Mesmo assim, acreditamos que as amostras produzidas são adequadas para uma visão geral do município de São Marcos, abrangendo inclusive uma parcela do distrito de Criúva, pertencente ao vizinho município de Caxias do Sul. A compreensão progressiva dos sítios e de suas estruturas também interferiu na descrição dos mesmos como se verá no decorrer do texto.

A documentação dos sítios ocupou-se principalmente com a localização geográfica, implantação, tamanho e disposição das estruturas, com realização de croquis, fotografias e coletas superficiais. Em quatro sítios ocorreram escavações de casas subterrâneas, somando dez unidades. Em três sítios foram escavados montículos funerários, três no total. Houve coleta sistemática num sítio superficial com seis concentrações de material. Coletas gerais foram realizadas em todos os sítios em que ocorria material.

Algumas dessas coletas foram realizadas por Norberto Lucchi, em propriedades de sua família ou de parentes; uma parte desse material, depois

de analisado, ficou no Museu Paroquial de São Marcos. Os abrigos funerários foram visitados, mas os materiais, com poucas exceções, já haviam sido recolhidos ao Museu Paroquial, onde foram estudados. O restante do material, com a documentação, encontra-se no Instituto Anchietano de Pesquisas.

Foram datadas 3 amostras de carvão, de 3 casas diferentes, mas nenhuma das datas é confiável. Como o município de São Marcos faz limite com os municípios de Caxias do Sul e Vacaria, para os quais existem datas, que vão desde meados do primeiro milênio até a metade do século XIX de nossa era, podemos supor que uma cronologia parecida ocorra em São Marcos. Ainda não tivemos oportunidade de sanar esta deficiência de cronologia.

## OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MORRO DA ANTENA

O Morro da Antena, com seu topo plano e encosta abrupta, é o ponto mais alto do município, divisor de águas entre o arroio Cafundó e o rio Ranchinho. Na média vertente do lado sul a declividade é interrompida por um patamar não muito largo, formando um degrau antes de atingir a chapada mais baixa em que se encontra a cidade de São Marcos, entre 700 e 800 m de altitude. O substrato desse morro é um fino basalto cinzento, que, em décadas passadas, era muito usado para produção de paralelepípedos e de postes de pedra para as cercas das pastagens e esteios das parreiras dos agricultores de origem italiana. Esse basalto teria sido muito bom para artefatos polidos, mas para a produção de artefatos lascados talvez fosse excessivamente frágil. Em espaços mais restritos aflora riolito, de melhor qualidade para a produção de instrumentos lascados. Tanto no topo, como na encosta surgem abundantes nascentes, que nas ondulações negativas do terreno juntam suas águas em pequenos banhados antes de se lançarem ao patamar inferior. Antigamente todo o morro era coberto por densa Floresta Ombrófila mista, com numerosos pinheiros, que foram cortados e transformados em tábuas em meados do século XX.

No topo do morro, numa altitude um pouco acima de 900 metros, são encontrados os sítios arqueológicos RS-A-53 e 95.

No patamar da meia-encosta, numa altitude entre 850 e 900 m, estão os sítios RS-A-60, 68, 74, 75, 76, 77, 78. Num morro um pouco mais afastado são encontrados os sítios RS-A-89 e 90 (Figuras 2 e 49).

A densidade de sítios para esta área, para a qual existe uma cobertura praticamente completa, deve-se especialmente às informações e relações pessoais do pároco de São Marcos, P. Osmar Possamai. Mas a razão de haver tantos sítios provavelmente tem a ver com a paisagem: este é o local mais alto no conjunto das chapadas. Os outros sítios de habitação também procuram os pontos salientes dentro de suas respectivas chapadas.

Os sítios do Morro da Antena se compõem das seguintes estruturas:

RS-A-53: 4 casas, 2 montículos funerários,  
 RS-A-95: 1 casa,  
 RS-A-68: 9 casas, 3 montículos funerários,  
 RS-A-77: 3 casas, 2 montículos funerários,  
 RS-A-74: 6 montículos funerários,  
 RS-A-75: 3 casas, 1 montículo funerário,  
 RS-A-76: 4 casas (?),  
 RS-A-78: 2 casas, 3 (5) montículos funerários,  
 RS-A-60: 7 casas, 1 montículo grande de terra, 3 montículos  
 funerários,  
 RS-A-89: 2 casas,  
 RS-A-90: 1 casa.  
 Nenhum abrigo funerário.

**RS-A-53** - UTM 494941/6796412, altitude 910 m.

O sítio Ironi Benato, no topo do Morro da Antena, bem na borda da esplanada frente a forte declive, consiste de 4 casas subterrâneas, bem conservadas, com seus respectivos aterros, das quais duas estão no pasto e duas na mata contígua. Depois da pequena mata, junto a uma ondulação negativa do terreno, pela qual escorre a água de um banhado, que se formou na chapada, há dois montículos funerários (Figura 3).

Casa 1: mede 7,60 m de diâmetro, com profundidade 1,80 m.

Casa 2: mede 5,50 m de diâmetro, com profundidade 0,55 m.

Casa 3: mede 2,00 m de diâmetro, com profundidade 0,38 m.

Casa 4: mede 4,00 m de diâmetro, com profundidade 0,40 m.

Os montículos 1 e 2 têm aproximadamente 5 m de extensão.

Do lugar em que se encontram as casas tem-se uma vista de 180° sobre as chapadas inferiores.

Nenhuma intervenção foi feita no terreno e nenhum material foi recolhido.

**RS-A-95:** UTM 495604/6796394, altitude 880 m.

O sítio Ironi Benato 5, no outro extremo da mesma alta esplanada, compõe-se de uma só casa, com 6 m de diâmetro e aproximadamente 2 m de profundidade. Ela fora parcialmente escavada num bloco de basalto em decomposição, na borda íngreme de pequena elevação, separada da chapada do morro da Antena por depressão pela qual escorre água em tempo de muita chuva. Uma parte da parede e o piso da habitação são constituídos pela própria rocha; o resto da parede foi aterrado, mas não chega a ficar da mesma altura. Para não se mexer muito nas árvores que seguram e defendem as paredes, que são bastante eretas, especialmente a formada pela rocha, a escavação se restringiu a dois gomos opostos, cobrindo da parede ao centro,



cada um deles representando uma quarta parte da superfície interna da casa. No espaço central, não coberto por esses quadrantes, foi acrescentada uma quadrícula de 1 x 1 m (Figura 4).

Nas camadas superiores, provenientes de entulhos recentes e sub-recentes, havia algumas estruturas, feitas com seixos rolados, que simulavam pequenas fogueiras e às vezes o eram, mas o carvão delas, datado, se mostrou bem recente. A camada de ocupação original produziu quantidade considerável de material lascado, algumas pedras de fogão e um fragmento cerâmico,

em posição intocada, sobre o piso de rocha compacta, suavemente inclinada das bordas para o centro da habitação. Perto deste foi encontrado um grande bloco de rocha, trazido de fora ou derrubado da pendente e, ao redor dele, estava acumulada considerável quantidade de material lítico, que foi retalhado por alguém sentado na pedra. Os restos líticos são quase todos de basalto cinza, compacto, de granulação fina, do tipo que compõe o próprio Morro da Antena. Ao lado deste basalto existem algumas peças em riolito avermelhado (12), que também aflora em alguns pontos do morro. Nesta casa foram abandonados quase só os resíduos de produção de instrumentos, acumulados ao redor do bloco que serviu de assento ao lascador, um típico contexto de lascamento dentro da casa.

Na proximidade não se percebe nenhum banhado ou nascente de água.

A casa estava protegida em dois lados por encostas, mas subindo a um dos morros se tem boa visão sobre as chapadas inferiores.

Foram recolhidos 498 objetos líticos e 1 fragmento cerâmico simples.

#### *Basalto*

Núcleos grandes 6, médios 17, pequeno 1

Lasas corticais e semi-corticais grandes 2, médias 52, pequenas 62

Lasca cortical com retoques média 1

Lasas secundárias médias 52, pequenas 211

Lasas secundárias com retoques médias 2

Fragmentos corticais e semi-corticais grandes 1, médios 17, pequenos 7

Fragmentos secundários médios 12, pequenos 34

Talhadores terminais grandes 2, médios 2

Percutor médio (seixo) 1, com marca de encabamento 1

Bloco quebrado grande 1

Pedra de fogão grande 1

Seixo natural grande 1

#### *Riolito*

Lasca semi-cortical média 1

Lasas secundárias grandes 1, médias 5, pequenas 5

Como contexto de lascamento pode ser comparado com RS-A-54 e RS-A-59.

**RS-A-68** - UTM 404757/6795923, altitude de 800 m.

O sítio Ironi Benato 1 está sobre o patamar, que circunda a média vertente do Morro da Antena. Junto dele sobe o caminho para a esplanada, na qual estão os sítios anteriores. Em campo de pastagem, área antes longamente cultivada e cortada por velhos caminhos, a cem metros da residência do proprietário, foram localizadas 9 casas subterrâneas próximas umas das outras. As casas parecem ter sido pequenas e pouco profundas como atesta a reduzida quantidade de terra usada para nivelar suas bordas e o entorno imediato. Os aterros individuais de 8 delas (1-7, 9) estão unificados, criando uma plataforma nivelada; a de número 8, que é maior, está um pouco mais afastada.

Junto às 9 casas havia pequeno banhado, posteriormente drenado para fazer uma horta. Em tempo de muita chuva suas águas escoavam para o patamar inferior por um canal, ao longo do qual estão ao menos três montículos funerários (Figura 5).

As casas subterrâneas e os montículos apresentam as seguintes medidas:

Casa 1: 3,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,20 m.

Casa 2: 3,40 m de diâmetro, com profundidade de 0,25 m.

Casa 3: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,10 m.

Casa 4: 3,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,10 m.

Casa 5: 2,80 m de diâmetro, com profundidade de 0,20 m.

Casa 6: 4,50 m de diâmetro, com profundidade de 0,13 m.

Casa 7: 3,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,18 m.

Casa 8: 6,10 m de diâmetro, com profundidade de 0,22 m.

Casa 9: 3,00 m de diâmetro, com profundidade não medida.

Montículo 1: 5,20 x 4,10 m, com a profundidade da valeta não definida, mais perto das casas e do pequeno banhado.

Montículo 2: 3,40 x 6,50 m, com a profundidade da valeta não definida, mais afastada, próxima ao montículo 3.

Montículo 3: 3,40 x 4,50 m, com a profundidade da valeta não definida.

Nenhuma intervenção foi feita nas estruturas e nenhum material foi recolhido junto a elas, que estão cobertas por capim. Antes de chegar ao sítio RS-A-77, que está na propriedade vizinha e dista apenas 75 m, aflora em grandes e pequenos blocos uma rocha de riolito marrom, muito adequada para a produção de artefatos lascados. Na superfície foram notados vários desses objetos, mas não foram recolhidos.

**RS-A-77** - não medida por causa de mata fechada. A referência pode ser o sítio RS-A-68.

O sítio Aldo Cioato, está em declive acentuado da encosta do morro da Antena, em mato original depauperado, cortado por velhos caminhos. O assentamento compõe-se de 3 casas subterrâneas grandes e fundas e de dois

montículos próximos. As casas 1 e 2, muito próximas uma da outra, estão unidas por um mesmo grande e alto aterro, indicando que foram construídas juntas. A casa 3, a pequena distância, está num nível um pouco inferior. Os dois montículos estão à pequena distância numa superfície mais aplanada (Figura 6).

Casa 1: mede 5,00 m de diâmetro, com profundidade de 1,98 m (antes da intervenção). Foi construída em rampa pedregosa, de forte aclive. As paredes são quase verticais; a que dá para o aclave foi escavada na rocha, superficialmente bastante fragmentada e que despenca facilmente; em profundidade ainda é maciça. As demais paredes são constituídas por alto e largo aterro; contra a parede interna que dava para o declive do terreno estavam colocadas pequenas lajes de basalto, funcionando como revestimento e consolidação. Em tempo de grandes chuvas, as águas da encosta se precipitavam para dentro da casa junto com muitos fragmentos rochosos, que formaram nela um acúmulo de mais de um metro de espessura; através deste aglomerado de fragmentos rochosos a água filtrava, abrindo um sorvedouro por baixo do aterro e desembocava encosta abaixo. Mesmo que a casa tivesse um telhado de uma só água, encostado no aclave, a invasão das águas já poderia ter existido ao tempo dos indígenas, o que explicaria a ínfima ocupação da estrutura. Os arqueólogos escavaram a metade da casa, não encontrando nenhum instrumento, nem cerâmica, somente algumas lascas descontextualizadas.

Casa 2: mede 4,50 m de diâmetro, com profundidade de 1,88 m. Tinha formato e estrutura parecidos à anterior, sendo a parede do lado do aclave composta por rocha maciça e as outras paredes, também quase verticais, formadas por alto acúmulo de terra. Raízes de árvores mantinham em pé a maior parte dessas paredes. A estrutura foi escavada integralmente, usando remoção de 10 em 10 cm. O entulho era de aproximadamente 60 cm, composto também, predominantemente, por seixos e fragmentos rochosos rolados do aclave. O carvão encontrado, alguns fragmentos parecendo semente de pinheiro, outros, gomos de taquara, provavelmente é recente. Foram encontrados dois objetos líticos e um fragmento simples de cerâmica da tradição Taquara. Como na anterior, a ocupação parece ter sido mínima.

Casa 3: mede 6,30 m de diâmetro, com profundidade de 2,00 m. Foi escavada na encosta íngreme e tem um grande aterro que nivela a borda no lado do declive. A borda do lado do aclave é segurada por grande árvore. Como nas outras, as paredes são quase verticais, mas o piso é maior que o delas. A casa foi limpa e medida, mas não houve nenhuma escavação.

Montículo 1: 9,00 x 6,00 m; a profundidade da valeta não foi definida. Encontrase a uns 10 m da casa 3, junto a um antigo caminho de roça. Depois do montículo o terreno cai abruptamente num alto paredão rochoso, terminando num patamar anterior.

Montículo 2: 2,50 m, com a profundidade da valeta de 0,46 m. Está a pequena distância, junto ao mesmo paredão rochoso.

Material recolhido:

Casa 1

*Basalto*

Lasca secundárias grandes 2, pequenas 3

Fragmentos secundários médios 2, pequenos 2

Fragmento natural 1

*Quartzo*

Cristais e fragmentos de drusa 5.

*Calcedônia*

Núcleo bipolar pequeno 1.

Lasca bipolar cortical pequena 1.

Fragmentos bipolares pequenos 3.

Casa 2, em superfície

*Basalto*

Lasca secundária média 1.

Fragmento de lascamento secundário médio 1.

As estruturas estão praticamente vazias, e não é por falta de matéria-prima. A 10 m da casa 1, em direção ao sítio RS-A-68, aflora riolito vermelho, maciço e em seixos, de muito boa qualidade, junto ao qual foram vistas algumas lascas, bem como fragmentos e núcleos, como se anotou também naquele sítio. Além disso, o Morro da Antena é formado por um basalto cinza de grão fino, muito bom de lascar, que na proximidade é explorado para a produção de paralelepípedos e de postes para cercas e parreiras.

**RS-A-74** - UTM 494969/6796218, altitude de 892 m.

O sítio Ironi Benato 2 dista aproximadamente 800 m do RS-A-68, um pouco menos do RS-A-77, seguindo pelo caminho que servia para a retirada de troncos de pinheiros em décadas passadas. Compõe-se de 6 montículos, junto a um ramo desse caminho, em mata originária depauperada pela retirada dos troncos. A superfície do terreno é suavemente inclinada e, na proximidade, há várias nascentes que se originam junto ao aclave que dá no morro da Antena.

Os montículos se apresentam da seguinte forma:

Montículo 1: mede 6,80 m. A estrutura se compõe de um aterrado elíptico formado pela terra removida de uma valeta em lua decrescente, que o cerca pelo lado do aclave. A valeta foi limpa, não aparecendo nenhum sedimento arqueológico, ou carvão; na superfície dela estava um talhador grande, feito sobre lasca, e um núcleo usado, que era ainda maior. Não houve intervenção no montículo mas, para se ter uma idéia da ocupação do espaço junto a ele, foram abertas 4 quadrículas de 1 x 1 m, em quatro cantos externos da estrutura e, ladeando a mesma, foi escavada uma trincheira de 1 x 6 m, dividida em quadrículas de 1 m<sup>2</sup>. Em algumas das quadrículas foram encontradas pequenas lascas, dispersas ou agrupadas, somando 13 unidades. Junto com o

talhador e o núcleo, são indícios de que ali se desenvolvia alguma atividade ligada à criação da estrutura (Figura 7).

Os outros montículos não estavam tão bem definidos; foram apenas limpos e documentados.

Montículo 2: semelhante ao anterior.

Montículo 3: 4,00 x 5,00 m, valeta com profundidade não definida.

Montículos 4, 5 e 6: semelhantes aos demais.

Material recuperado:

Na valeta do montículo: 1 núcleo grande de basalto, 1 talhador lateral sobre lasca cortical grande. Nas quadrículas: em *basalto*, lasca cortical média 1, lasca secundária média 1, pequenas 2; fragmentos de lascamento secundário pequenos 6; fragmento natural pequeno 1. Em quartzo, 1 fragmento bipolar pequeno.

No caminho, em direção ao sítio seguinte, RS-A-75, apareceu um talhador.

Este montículo é protótipo para os outros montículos escavados: RS-A-75 e RS-A-78.

**RS-A-75** - UTM 495074/6796182, altitude de 850 m.

O sítio Ironi Benato 3 encontra-se a 120 m de distância do RS-A-74, seguindo pelo mesmo caminho do mato até ultrapassar um valo de água permanente, um pouco encaixado e com pequena queda de água. Compõe-se este sítio de 3 casas subterrâneas e 1 montículo, dispostos junto à borda externa do patamar, em pontos em que ele começa a cair fortemente. Por esta sua posição foram menos atingidos pelo cultivo que se desenvolveu no patamar, e os restos de mata foram menos depauperados (Figuras 8 e 53).

Casa 1: mede 6,00 x 7,00 m, bastante rasa, está bem conservada, com grande acúmulo de terra para nivelar a borda no lado de forte declive; em mata original. Dele se teria boa visão dos patamares inferiores.

Casa 2: mede 7,50 x 5,00 m, bastante rasa, tem forma alongada, em consequência do cultivo ou porque um caminho passava por ela. Está na margem do patamar, entre a mata regenerada e a mata original.

Casa 3: mede 3,50 x 3,75 m, muito rasa, está na borda, mas dentro da área de cultivo, razão pela qual está bastante modificada.

Montículo: mede 3,75 x 4,00 m. Estava bem conservado, em mata original, em declive mais suave que o da proximidade das casas. Dista 14 m do valo de água. Primeiro foi limpa a valeta em lua decrescente, na qual havia pouquíssimo sedimento e nenhum carvão, aflorando diretamente o solo original. Em sua parte mais aprofundada apareceram alguns objetos nucleiformes em basalto de má qualidade e 1 lasca; numa extremidade da valeta, foi encontrado 1 talhador grosseiro.

Como poderia ficar alguma dúvida sobre a natureza do montículo, formado com a terra da valeta, escavamos a metade dele. Nem os sedimentos,

nem o perfil apresentaram qualquer estrutura interna, mas somente a terra retirada da valeta, que foi acumulada na superfície original do solo. Se havia algum corpo enterrado, nada dele sobrou por causa da grande acidez do solo.

O córrego próximo abriu seu leito numa rocha fraturada que oferece alguma matéria prima para produção de artefatos. Junto a ele, de fato, foram vistas lascas, fragmentos e núcleos, testemunhos de sua utilização, mas que não foram recolhidos.

Material recuperado:

Na escavação do montículo: 1 lasca cortical pequena em basalto, 1 talhador terminal grande em basalto, 14 fragmentos naturais de quartzo.

Na superfície externa: 1 núcleo unipolar grande em basalto.

No caminho, a 5 m: 1 lasca cortical grande com retoque lateral.

Este montículo é semelhante a RS-A-74 e RS-A-78.

**RS-A-76** - UTM 495280/6796160, altitude de 886 m.

O sítio Ironi Benato 4 está uns 150 m mais adiante, na encosta exterior do patamar, que se inclina para um pequeno banhado; na outra margem deste banhado está o RS-A-78. No local, a declividade é acentuada e a superfície pedregosa. Em mata secundária, bastante aberta, sobre solo por muito tempo cultivado com instrumentos tradicionais, estão 4 estruturas ainda bem visíveis, mas provavelmente bastante modificadas pelos cultivos. É difícil dizer se teriam sido casas ou montículos funerários (Figura 9).

Estrutura 1: mede 6,00 x 3,50 m, com profundidade não definida.

Estrutura 2: mede 7,30 x 7,00 m, com profundidade não definida.

Estrutura 3: mede 4,60 x 3,60 m, com profundidade não definida.

Estrutura 4: mede 3,00 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Nenhum material foi recolhido.

**RS-A-78** - UTM 495396/6796031, altitude de 862 m.

O sítio Juarez Vanin localiza-se numa pequena elevação, na outra margem do banhado antes mencionado. O banhado e a elevação formam a continuidade da plataforma que circunda a meia encosta do morro da Antena, sobre a qual se encontram os sítios anteriormente descritos. Depois do sítio o terreno cai umas dezenas de metros, dando no patamar inferior pelo qual corre a rodovia São Marcos-Criúva; junto a ela se encontra uma vila operária com sua capela em posição destacada. Entre o sítio e a queda do terreno passava o velho caminho, agora desativado, que ia de São Marcos a linha Zambecari e que também passava na proximidade do sítio RS-A-95.

O banhado, junto ao qual se encontra o presente sítio e o anterior, originou-se de nascentes que brotam numa ondulação negativa desta plataforma; depois de drenado por um canal, este terreno foi longamente cultivado e depois transformado em pasto para gado. Na pequena elevação em que está o sítio já se plantou acácia e hoje existem algumas árvores, especialmente grandes eucaliptos.

No topo e na encosta da elevação foram localizadas diversas estruturas bastante modificadas pelo cultivo, algumas das quais foram identificadas como casas subterrâneas, outras, como montículos funerários, cercados por uma valeta em forma de lua decrescente (Figuras 11 e 12).

A partir do topo da elevação notamos as seguintes estruturas:

Casa 1: mede 2,70 m de diâmetro e 0,20 m de profundidade; está a 10,00 m da borda do banhado.

Casa 2: mede 2,00 m de diâmetro, profundidade não definida.

Montículo 1: mede 8,00 m. Compõe-se de uma larga valeta em lua decrescente e um montículo produzido com a terra removida. Cronologicamente foi a primeira destas estruturas que escavamos. Inicialmente foram retiradas as folhas que cobriam toda a superfície das estruturas e o entorno delas. Depois foi removido o capim de dentro da valeta, mas não do montículo. A parte mais funda da valeta foi então aprofundada, em dois níveis de 5 cm, aparecendo numerosos seixos de basalto, de uns 10 cm de diâmetro, cujos conjuntos pareciam formar pequenos fogões; mas estes não passavam de seixos rolados da encosta, que ficaram retidos dentro da depressão. O carvão, que aparecia junto deles resultou da queima dos galhos de acácia, depois da exploração da casca para produção de tanino. Rebaixada a valeta, numa extremidade da mesma foi aberta uma quadrícula de 1 x 1 m, na qual continuaram aparecendo alguns seixos e grandes grânulos de carvão, mas também foi encontrada uma bonita lâmina de riolito, de uns 15 cm de comprimento, cujo bordo longitudinal, levemente curvo, exibia uma seqüência de microlascamentos, resultantes do uso do instrumento para raspar. É o único artefato seguro da estrutura.

Montículo 2: mede 3,80 m de diâmetro, valeta rasa, profundidade não definida.

Montículo 3: mede 4,00 m de diâmetro, valeta rasa, profundidade não definida.

Montículo 4: mede 4,70 m de diâmetro, valeta rasa, profundidade não definida.

A menos de 100 m de distância, do outro lado do valo que escoo o banhado, existem mais duas estruturas semelhantes, quase imperceptíveis.

No alto da elevação, distando uns 20 m das primeiras estruturas, existe um afloramento de grandes blocos de basalto de boa qualidade, junto aos quais foram vistos núcleos, lascas e talhadores desta mesma matéria prima; peças isoladas também entre as estruturas.

Material recolhido:

*Basalto*

Núcleo grande 1.

Lasca secundária grande 1 (com serrilhamento).

Talhadores terminais grandes 2.

A escavação de semelhantes montículos, nos sítios RS-A-74 e 75, foi posterior e serviu para testar os resultados aqui propostos.

**RS-A-60** - UTM 496064/6796206, altitude de 800 m.

O sítio Oneide Casal, localizado na linha Humaitá, encontra-se numa altitude um pouco menor, na continuação do patamar. Contém 9 estruturas. No

alto do morro, com uma visão panorâmica e na vertente inferior, com uma visão mais limitada, são encontradas 7 casas subterrâneas. Junto das casas do alto do morro, escavadas em terreno aplanado, existe 1 acúmulo grande, produzido com a terra proveniente da escavação das casas; mede 6 m de diâmetro por 1,5 m de altura. Na íngreme encosta existem ainda 3 montículos com sua valeta em lua decrescente, que foram vistos mas não documentados (Figura 10).

Tanto as casas, quanto os montículos, se encontram no pasto e estão bem conservados.

Casa 1: 14,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,70 m.

Casa 2: 5,50 m de diâmetro, com profundidade de 0,71 m.

Casa 3: 8,00 m de diâmetro, com profundidade de 1,63 m.

Casa 4: 4,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,68 m.

Casa 5: 3,00 x 4,00 m, com profundidade de 0,63 m.

Casa 6: 4,80 x 5,30 m, com profundidade 0,40 m.

Casa 7: 10,00 x 7,00 m, com profundidade de 2,00 m.

Na proximidade existem nascentes, que escoam suas águas tanto para o arroio Cafundó como para o rio Ranchinho.

Nenhum material foi recolhido.

#### **RS-A-89** – UTM 0496530/6796680, altitude de 850 m

O sítio Leonardo Ferreira Castilhos 1 (Oficina mecânica Jubinha), ainda está na altitude do patamar do morro da Antena, na localidade de linha Humaitá, cerca de 3 quilômetros do centro urbano e aproximadamente 1500 m da oficina mecânica, em área de reflorestamento de eucaliptos, alcançada por caminho interno da propriedade. Ali foram registradas 2 casas subterrâneas, bastante deformadas, sem a presença de aterros, e muito entulhadas. Cada uma delas mede 4 m de diâmetro; distam entre si 6,90 m (Figura 13).

A água próxima está num córrego, a uns 100 m para sul, das nascentes do rio Ranchinho.

Nenhum material foi recolhido.

#### **RS-A-90** – UTM 0499737/6796161, altitude de 810 m.

O sítio Leonardo Ferreira Castilhos 2 encontra-se aproximadamente 500 m ao sul do anterior, em lavoura de milho, ao lado do mesmo caminho interno que lhe dá acesso. Ali foi registrada 1 casa subterrânea bastante nivelada, medindo cerca de 6 m de diâmetro (Figura 14). O local do sítio está sendo lavrado com trator faz uns 15 anos.

Água mais próxima está a cerca de 300 m para norte, ainda nascentes do rio Ranchinho.

Não foi coletado material no entorno da casa.



## AO LONGO DA RODOVIA SÃO MARCOS-CRIÚVA

O curso da rodovia acompanha aproximadamente o limite entre o campo que está à direita de quem vai, e a Floresta Ombrófila Mista com pinheiros, à esquerda. Na margem direita desta rodovia, isto é, na borda do campo foram localizados os sítios RS-A-58 e 59; 93 e 94; 61. Os sítios contêm as seguintes estruturas:

RS-A-58: 12 casas,  
RS-A-59: sítio superficial, 6 concentrações,  
RS-A-93: sítio Tupiguarani,  
RS-A-94: 1 casa,  
RS-A-61A: 3 casas, 1 montículo não definido,  
RS-A-61B: 6 casas,  
Nenhum abrigo funerário identificado.

**RS-A-58** - UTM 497919/6794567, altitude de 863 m.

O sítio Parque da Prefeitura ou sítio da Represa, na localidade de Capela de São Luiz, em patamar semelhante ao segundo do Morro da Antena, compõe-se de 12 casas subterrâneas pequenas, muito próximas entre si, em mata secundária bastante aberta, junto a nascentes e terrenos pantanosos (Figura 15).

As casas subterrâneas encontram-se em terreno plano e apresentam as seguintes medidas:

Casa 1: 3,10 m de diâmetro, com profundidade de 0,60 m.  
Casa 2: 3,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,80 m.  
Casa 3: 3,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.  
Casa 4: 3,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.  
Casa 5: 3,70 m de diâmetro, com profundidade não definida.  
Casa 6: 2,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.  
Casa 7: 2,80 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.  
Casa 8: 4,50 m de diâmetro, com profundidade de 1,00 m.  
Casa 9: 2,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.  
Casa 10: 2,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.  
Casa 11: 2,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.  
Casa 12: 2,90 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Não houve nenhuma intervenção no solo. No caminho que passa junto das casas foram encontrados: 1 talhador de basalto e 2 fragmentos de cerâmica Taquara, sendo 1 pinçado e 1 unglado.

Seguindo 200 m pelo mesmo caminho encontra-se o sítio RS-A-59.

**RS-A-59** - UTM 497905/6794407, altitude de 912 m

No sítio Gilberto Polleto, aproximadamente 200 m depois do anterior, seguindo pelo mesmo caminho, em suave ondulação do terreno, cercada por

fortes nascentes e banhados, foram localizadas 6 concentrações de material, testemunhos de antigas moradias de um assentamento a céu aberto.

O sítio ocupa uma extensão de uns 20.000 m<sup>2</sup>. A área dos conjuntos de material tinha sido arada com trator e estava plantada com milho pequeno; o material superficial era abundante e formava conjuntos não muito densos, mas distinguíveis.

À esquerda de quem chega pelo caminho, na continuação do sítio de Gilberto Polleto, em terra de outro proprietário, desmatada recentemente sem ter sido arada e que foi transformada em plantação de caquizeiros, também aflora material, mas em menor abundância (ver Figura 15).

Conjunto 1: mede 10,00 x 25,00 m.

Conjunto 2: mede 50,00 x 10,00 m.

Conjunto 3: mede 50,00 m de diâmetro.

Conjunto 4: mede 30,00 x 35,00 m.

Conjunto 5: mede 35,00 x 16,00 m.

Conjunto 6: mede 25,00 x 35,00 m.

No conjunto 1 foram recolhidos os seguintes objetos líticos e 7 fragmentos cerâmicos.

#### *Basalto*

Núcleos grandes 1; médios 5; pequenos 4

Lascas corticais grandes 1; médias 12; pequenas 6

Lascas corticais com retoques médias 1

Lascas secundárias grandes 2; médias 25; pequenas 33

Lascas secundárias com retoques grandes 3; médias 5, pequenas 1

Fragmentos corticais médios 2; pequenos 6

Fragmentos corticais com retoques pequenos 1

Fragmentos secundários médios 7; pequenos 12.

Fragmentos côncavos médios 2

Talhadores terminais grandes 2; médios 2.

Talhadores laterais grandes 3

Fragmentos colunares 3

Seixos naturais 6

#### *Quartzo*

Núcleos bipolares 8

Lascas bipolares 20

Fragmentos bipolares 60

#### *Calcedônia*

Núcleos bipolares 5

Lascas bipolares 5

Fragmentos bipolares 8

No conjunto 2 foram recolhidos os seguintes objetos líticos, nenhuma cerâmica.

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 4; médios 1.  
Núcleos bipolares pequenos 3  
Lascas corticais grandes 1; médias 3; pequenas 1  
Lascas corticais com retoques grandes 1; médias 2  
Lascas secundárias pequenas 4  
Lascas secundárias com retoques grandes 2; médias 3; pequenas 1  
Fragmentos corticais grandes 1  
Fragmentos secundários grandes 1; médios 6; pequenos 8  
Fragmentos secundários com retoques médios 3  
Fragmentos côncavos com retoques grandes 1; médios 1  
Talhadores terminais grandes 5; médios 2  
Talhadores laterais médios 3  
Fragmentos colunares com retoques grandes 1  
Fragmentos colunares com desgaste grandes 1  
Seixo médio (bigorna) 1

*Quartzo*

Lascas bipolares 2

*Calcedônia*

Lascas bipolares 2  
Fragmentos bipolares 2  
Percutor médio 1

No conjunto 3 foram recolhidos os seguintes objetos líticos, nenhuma cerâmica.

*Basalto*

Núcleos grandes 1; médios 6; pequenos 2  
Lascas corticais médias 6; pequenas 5  
Lascas secundárias médias 8; pequenas 11  
Lascas secundárias com retoques grandes 1; pequenas 1  
Fragmentos corticais médios 2; pequenos 5  
Fragmentos secundários médios 2; pequenos 6  
Fragmentos secundários com retoques médios 3  
Talhadores terminais médios 1; pequenos 1

*Quartzo*

Núcleos bipolares 1

*Calcedônia*

Lascas bipolares 2  
Fragmentos bipolares 2  
Percutor pequeno 1

No conjunto 4 foram recolhidos os seguintes objetos líticos e 6 fragmentos cerâmicos.

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 1; médios 24; pequenos 8  
Lascas corticais grandes 1; médias 24; pequenas 27  
Lascas corticais com retoques médias 3  
Lascas secundárias grandes 2; médias 30; pequenas 39  
Lascas secundárias com retoques médias 16; pequenas 7  
Fragmentos corticais pequenos 10  
Fragmentos secundários médios 9; pequenos 27  
Fragmentos côncavos 14  
Talhadores terminais grandes 3; médios 3  
Talhadores laterais médios 2  
Fragmentos colunares médios 4  
Seixos naturais 15

*Quartzo*

Núcleos bipolares 10  
Fragmentos bipolares 37

*Calcedônia*

Núcleos bipolares 5  
Lascas bipolares 11  
Fragmentos bipolares 14

No conjunto 5 foram recolhidos os seguintes objetos líticos e 8 fragmentos cerâmicos.

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 7; médios 34; pequenos 22  
Lascas corticais grandes 5; médias 33; pequenas 13  
Lascas secundárias grandes 3; médias 34; pequenas 80  
Lascas secundárias com retoques grandes 11; médias 7; pequenas 4  
Fragmentos corticais grandes 1; médios 18; pequenos 3  
Fragmentos corticais com retoques médios 1  
Fragmentos secundários grandes 1; médios 8; pequenos 9  
Fragmentos secundários com retoques grandes 2; médio 1  
Fragmentos côncavos 13  
Talhadores terminais grandes 5; médios 5  
Talhadores laterais médios 4  
Fragmentos colunares médios 3  
Seixos naturais médios 14

*Quartzo*

Núcleos bipolares 8  
Fragmentos bipolares 29  
Cristais naturais 4

*Calcedônia*

Núcleos bipolares 12  
Lascas bipolares 11  
Fragmentos bipolares 7

No conjunto 6 foram recolhidos os seguintes objetos líticos e 1 fragmento cerâmico.

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 3; médios 9; pequenos 3  
Lascas corticais médias 24; pequenas 8  
Lascas corticais com retoques grandes 1; médias 3  
Lascas secundárias grandes 4; médias 13; pequenas 17  
Lascas secundárias com retoques médias 8  
Fragmentos secundários pequenos 2  
Fragmentos côncavos 2  
Talhadores terminais grandes 3  
Talhadores laterais grandes 3  
Seixos naturais médios 6

*Quartzo*

Núcleos bipolares 8  
Fragmentos bipolares 27

*Calcedônia*

Núcleos bipolares 1  
Fragmentos bipolares 4

Ao redor do conjunto 1 e no fim do caminho que leva à lavoura, foram recolhidos mais objetos líticos, 1 fragmento cerâmico.

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 1; médios 6; pequenos 2  
Lascas corticais médias 5; pequenas 1  
Lascas corticais com retoques grandes 1; médias 2  
Lascas secundárias grandes 1; médias 9; pequenas 9  
Lascas secundárias com retoques grandes 2  
Fragmentos corticais médios 3; pequenos 4  
Fragmentos corticais com retoques médios 1  
Fragmentos secundários pequenos 5  
Fragmentos secundários com retoques médios 1  
Talhadores terminais grandes 1; médios 1  
Seixo naturais médios 9

*Quartzo*

Núcleos bipolares 9

Fragmentos bipolares 27

Cristais naturais 8

*Calcedônia*

Núcleos bipolares 2

Fragmentos bipolares 6

Na soma dos conjuntos foram encontrados 23 fragmentos cerâmicos da tradição Taquara, dos quais 7 são alisados, 5 pinçados, 4 ponteados, 5 unglados, 2 não classificados.

Possivelmente o RS-A-58 e o RS-A-59, por sua proximidade, estejam relacionados entre si, mas não possuímos elementos concretos para demonstrá-lo.

**RS-A-93:** UTM 499079/6796859, altitude 780 m.

O sítio, na linha Tuiuti, está na chácara de Pedrinho Adonir Girardini, no lado direito da rodovia VRS-15, no sentido São Marcos-Criúva, 5 km da zona urbana de São Marcos.

O terreno, sobre o qual está implantado possui declividade para oeste, ligada à encosta baixa de uma série de elevações que estão mais a leste e sul. Esta declividade termina numa nascente, que deu origem a um açude, a 50 m do sítio; a nascente deságua no Arroio do Meio, que é afluente do rio Ranchinho. O local foi desmatado e limpo com trator de esteira, depois plantado. Atualmente o terreno é usado como lavoura de mandioca e milho e também como pomar. Por ocasião da aração do terreno o proprietário encontrou fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani, que foram doados à equipe. Na superfície apareceram mais alguns fragmentos, junto aos quais se abriu uma quadrícula de 1 x 1 m, com a recuperação de mais material da mesma tradição.

Foram recolhidos:

*Basalto*

Lasca cortical média 1

Lasca secundária pequena 1

Fragmento secundário pequeno 1

E 40 fragmentos de cerâmica Tupiguarani, assim classificados: 7 simples, 14 corrugados, 18 corrugado-ungulados, 1 branco externo.

**RS-A-94:** UTM 499176/676381, altitude 840 m.

O sítio Alemar Trevisan está localizado cerca de 500 m do anterior, em direção sul, seguindo pelo meio do campo até a vertente oposta de uma elevação, que dá origem ao patamar em que este está implantado.

Ele é composto por uma casa subterrânea de 6 m de diâmetro, em meio ao pasto, na meia encosta de uma elevação. Na construção da casa, a borda foi regularizada por um potente aterro em sua borda leste, que mede 3,20 m na porção mais larga e 2 m de altura máxima (Figura 16).

Nenhum material foi encontrado dentro ou no entorno da casa. Porém, a cerca de 50 m, dentro da mata que cobre a elevação a oeste da casa, na sua encosta mais alta, foram localizadas, junto a um afloramento basáltico e uma nascente, várias peças líticas. Ainda na mesma encosta, entre o afloramento basáltico e a casa, percebem-se ao menos duas estruturas não muito claras, que poderiam ser montículos funerários.

Foram recolhidos 3 talhadores terminais grandes e 1 talhador lateral grande.

#### **RS-A-61** - UTM 500533/6798094, altitude de 760 m.

O sítio está distribuído em três propriedades (Figura 17). Nas terras de José Mário Fontana, em pasto, no topo de colina, foram localizadas três casas subterrâneas e um pequeno montículo, possivelmente funerário. As casas 1 e 2 se apresentam grandes e fundas; a casa 3, embora também de tamanho grande, é rasa. Uma das casas grandes (casa 3) estava permanentemente cheia de água.

A uns 100 m de distância, no terreno vizinho, de propriedade de Luis Carlos Machado, depois de uma taipa de pedra, foram encontradas 6 casas subterrâneas, no pasto. As casas 1 e 2 são grandes e fundas, as casas 3, 4, 5 e 6 são pequenas e rasas e poderiam ser montículos funerários. Uma das casas grandes estava permanentemente cheia de água. Talvez alguma(s) das estruturas pequenas seja(m) montículo(s) funerário(s). Por ocasião da pesquisa ainda não conseguíamos identificá-las claramente.

Nas terras de Olga Tomiello, que encosta em ângulo nas propriedades anteriores, não se encontraram casas subterrâneas mas, numa área erodida, em pequeno mato de eucalipto, próximo às casas anteriormente mencionadas, foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica.

As três propriedades formam um único sítio, pouco atingido pela ação do homem por ser área de pastagem. Do sítio, que se encontra no limite entre o pinheiral e o campo, tem-se uma visão panorâmica da área.

Estruturas na propriedade de Fontana:

Casa 1: 10,00 de diâmetro com profundidade de 0,42 m.

Casa 2: 10,00 de diâmetro com profundidade de 0,20 m.

Casa 3: 6,00 de diâmetro com profundidade de 0,38 m.

Montículo: 1,40 m de diâmetro com 0,40 m de altura.

Estruturas na propriedade de Machado:

Casa 1: 7,50 de diâmetro com profundidade de 1,00 m.

Casa 2: 6,00 de diâmetro com profundidade de 1,10 m.

Casa 3: 2,40 de diâmetro com profundidade de 0,10 m.

Casa 4: 3,00 de diâmetro com profundidade de 0,10 m.

Casa 5: 4,00 de diâmetro com profundidade de 0,10 m.

Casa 6: 4,00 de diâmetro com profundidade de 0,25 m.

No terreno de Olga Tomiello foram recolhidos 6 fragmentos simples de cerâmica Taquara.

Na antiga estrada, que passa ao longo da taipa de pedra, no terreno de Fontana, foram recolhidos:

*Basalto*

Núcleos grandes 1, médios 9

Lasca cortical pequena 1

Lascas secundárias médias 1, pequenas 4

Fragmentos corticais grandes 1, pequenos 2

Fragmentos secundários médios 2, pequenos 2

Talhador lateral médio 1

*Quartzo*

Fragmentos bipolares pequenos 2.

## **SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA LINHA CAFÉ, DISTRITO DE CRIÚVA**

Continuando por esta rodovia e seguindo, depois, à esquerda, por uma estrada de terra, chega-se à Linha Café, distrito de Criúva, município de Caxias do Sul. Ali, em altitudes entre 750 e 800 m, no divisor de águas entre o Arroio Pereira e um arroio sem nome, ambos afluentes do Rio das Antas, encontram-se os seguintes sítios: RS-A-62, 63, 64, 65, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 99 e 100 (Figura 18 mapa). No divisor de águas encontram-se principalmente casas subterrâneas; em terrenos mais acidentados na proximidade do Arroio Pereira, existe abrigos funerários.

A densidade de informações para esta área é devida ao morador Norberto Lucchi, cujos ancestrais, tanto pelo lado paterno, como materno tiveram ali sua origem e ele conhece bem estes terrenos. Em função disso, a maior parte dos sítios foi por ele informada e coletas foram feitas por ele. A amostragem para esta área ficou densa e representativa como a do Morro da Antena.

Os sítios se caracterizam pelas seguintes estruturas:

RS-A-65: 1 abrigo funerário,

RS-A-62: 2 casas destruídas,

RS-A-63: 1 sítio de mineração,

RS-A-64: 2 casas

RS-A-99: 1 sítio superficial,

RS-A-100: 1 sítio superficial,

RS-A-81: 4 casas,

RS-A-82: 4 casas, 3 montículos funerários,

RS-A-83: 4 casas, 5 montículos funerários,

RS-A-84: 8 casas, 1 montículo funerário,

RS-A-85: 7 casas,

RS-A-88: 2 casas destruídas, 1 montículo funerário.



**RS-A-65** - UTM 6827071, altitude de 700 m.

O sítio Renor Campos, na Linha Café, é um abrigo sob rocha, localizado na parte baixa de uma encosta muito íngreme, na margem esquerda do Arroio Pereira. Dista 800 m da residência do proprietário, em direção leste. O abrigo mede 50 m de comprimento, 15 m de profundidade e 6 m de altura (Figura 19).

Os ossos humanos que o proprietário encontrou nele foram doados, algum tempo atrás, ao Museu Paroquial de São Marcos. Em visita feita ao local a equipe de arqueólogos não encontrou mais nenhuma evidência de material. Os ossos não foram analisados.

**RS-A-62** - UTM 498288/6805981, altitude de 740 m.

O sítio Norberto Lucchi 1, na Linha Café, distrito de Criúva, se compunha de 2 casas subterrâneas, que foram entulhadas quando se implantou um parreiral na proximidade da residência, junto a uma nascente. O sítio, bem como a residência, encontram-se na transição de uma larga esplanada que, por um lado, termina abruptamente no Arroio Pereira e, pelo outro, se eleva rapidamente para um alto morro.

No lado esquerdo da casa e na plantação do outro lado da estrada que passa em frente da residência, o morador recolheu muito material cerâmico e lítico, inclusive uma ponta de projétil em calcedônia, lâminas de machado totalmente polidas e uma mão de pilão. Por ocasião da documentação do sítio mais material foi reunido. Ainda do outro lado da estrada, a pequena distância do primeiro local mencionado existe outro, denominado RS-A-99, no qual o proprietário recolheu muitos objetos líticos, como se registra no próximo item (Figura 21).

Foram recolhidos os seguintes objetos líticos:

*Basalto*

Núcleo grande 1, médios 2, pequeno 1

Lascas corticais grandes 3 (com retoques), médias 3, pequenas 1

Lascas secundárias pequenas 8

Fragmentos corticais grandes 3 (com retoques), médios 3 (+ 3 com retoques), pequenos 2

Fragmentos secundários médios 3, pequenos 12

Talhador terminal grande 1

*Quartzo*

Fragmento bipolar pequeno 1

*Calcedônia*

Lasca bipolar cortical pequena 1

Ponta de projétil 1

Foram recolhidos 150 fragmentos cerâmicos da tradição Taquara, dos quais 99 alisados, 17 brunidos, 6 pinçados, 3 ponteados, 11 ungulados, 3 incisos, 8 vermelhos externos, 1 vermelho interno, 2 não classificados.

**RS-A-99** – UTM 498288/6805981, altitude de 740 m.

O sítio Lucchi 5 está na proximidade da residência do proprietário, no outro lado da estrada e a pequena distância da área de coleta mencionada no RS-A-62. Com ele se completa o conjunto artefactual do sítio.

O proprietário do terreno recolheu os seguintes objetos líticos.

*Basalto*

Núcleos grandes 19, médios 5, pequenos 1

Lascas corticais médias 2 (+ 1 com retoques), pequena 1

Lascas secundárias grandes 5 (+ 2 com retoques), médias 4 (+ 5 com retoques), pequenas 2

Talhadores terminais grandes 54 (dois com ponta), médios 4

Talhadores laterais grandes 12, médios 1

Bíface grande 1, médio 1

Raspador plano-convexo médio 1

Percutores (seixos) médios 5

Mãos de pilão grandes 2 (uma inteira, uma quebradas)

Fragmentos colunares médios 2 (um com retoques)

Seixo tabular grande 1 (com retoques)

Seixos naturais médios 6 (dois com face polida)

A pequena distância destes dois, na encosta do morro, encontra-se um outro sítio, RS-A-63 e no topo do morro mais um, o sítio RS-A-64.

**RS-A-63** - UTM 497968/6805830, altitude de 800 m.

O sítio Norberto Lucchi 2 está na encosta do morro, atrás da residência e das benfeitorias da casa, área que é parcialmente pasto e parcialmente mato em regeneração.

Neste espaço, entre os blocos de basalto de diversos tamanhos, que aí afloram, Lucchi recolheu abundante material lítico, especialmente artefatos grandes e médios; os pequenos talvez não chamassem sua atenção no meio da grama do pasto e do mato. Os objetos recuperados compõem-se principalmente de restos de retalhamento, como núcleos, fragmentos e lascas, e de artefatos.

Foram recolhidos:

*Basalto*

Núcleos grandes 233, médios 10.

Lascas corticais grandes 10

Lascas corticais com retoques grandes 15, médias 9  
Lascas secundárias grandes 17, médias 15  
Lascas secundárias com retoques grandes 28, médias 16  
Fragmentos secundários médios 2, pequenos 2  
Fragmento secundário com retoques grande 1  
Talhadores terminais grandes 260, médios 31  
Talhadores laterais grandes 64, médios 16  
Bífaces grandes 5 (um deles bumerangóide)  
Raspadores plano-convexos grandes 9, médio 1  
Percutores (seixos) médios 5  
Mãos de pilão grandes 3 (uma inteira, duas quebradas)  
Fragmentos tabulares grandes 11 (com retoques)  
Fragmentos colunares médios 4 (um com face polida)  
Seixos naturais médios 10 (um com face polida)  
*Calcedônia*

Seixo natural pequeno 1.

Nos sítios de habitação a céu aberto e em casas subterrâneas também se faz a produção de artefatos semelhantes, mas outras funções estão mais presentes. Para comparação pode-se ver o sítio RS-A-95, uma casa subterrânea em que a produção de artefatos líticos parece ter predominado, ou RS-A-54, também uma casa subterrânea, na qual mais funções se fazem presentes; ou ainda RS-A-59, um sítio a céu aberto com várias habitações.

**RS-A-64** - UTM 498112/6805661, altitude de 880 m.

O sítio Norberto Lucchi 3 encontra-se dividido entre a propriedade de Norberto Luchi e de Adão Antônio Fabro. No topo do mesmo morro, depois de passar pelo sítio anterior, são encontradas 2 casas subterrâneas, bem conservadas, em pasto, uma num lado, a outra no outro lado do morro (Figura 22).

Na proximidade existem pequenas nascentes, cujas águas correm para o arroio Pereira.

Tanto de uma, como de outra destas casas, tem-se uma visão panorâmica sobre todos os arredores.

A casa 1, que é alcançada por primeiro, mede 8,70 m de diâmetro e 1,20 m de profundidade. Na lavoura de milho, próxima da casa, numa área de uns 500 m<sup>2</sup>, foram encontrados diversos objetos líticos e 3 fragmentos simples de cerâmica Taquara.

Material lítico recolhido:

*Basalto*

Núcleos grandes 1 (+ 1 com retoques), médios 4 (+ 1 com retoques), pequenos 2

Lascas corticais grandes 1 (+ 1 com retoques), médias 6 (+ 2 com retoques)

Lascas secundárias grandes 1, médias 10 (+ 2 com retoque), pequenas 5

Fragmentos corticais médios 2  
Fragmentos secundários médio 1, pequenos 4  
Fragmento tabular 1

*Quartzo*

Núcleo bipolar pequeno 1  
Lascas bipolares pequenas 2  
Fragmentos bipolares pequenos 2

*Calcedônia*

Núcleo bipolar pequeno 1  
Fragmentos bipolares com marcas de ação térmica 2

A casa 2 mede 7,00 m de diâmetro e 1,40 m de profundidade. Está na propriedade de Adão Antônio Fabro. Junto a esta casa Norberto Lucchi recolheu numerosos objetos líticos.

Material lítico recolhido:

*Basalto*

Núcleos grandes 22, médio 1  
Lascas corticais com retoques grandes 5  
Talhadores terminais grandes 31 (1 com ponta, 1 sobre seixo tabular), extra-grandes 5  
Talhadores laterais grandes 9  
Bíface grande 1  
Raspador plano-convexo grande 1.

**RS-A-100** - UTM 497623/6806468, altitude 730 m.

O sítio Lucchi 6, em campo de pastagem, a 240 m da capela de Linha Café, encontra-se em suave declive e se compõe de um montículo e de material disperso. Está no divisor de águas entre o arroio Pereira e um arroio sem nome. Na proximidade existem nascentes.

Foram reunidos pelo proprietário os seguintes objetos líticos:

*Basalto*

Núcleos grandes 19, médios 8  
Lascas corticais grandes 2 (+ 6 com retoques), médias 1 (+ 3 com retoques)  
Lascas secundárias grandes 5 (+ 14 com retoques), médias 12 (+ 11 com retoques), pequenas 5  
Talhadores terminais extra-grandes 2, grandes 115, médios 6  
Talhadores laterais grandes 26, médios 29  
Bífaces grandes 2 (um deles bumerangóide)  
Raspadores plano-convexos grandes 1, médio 1  
Lâmina de machado polida grande 1  
Mãos de pilão médias 3 (fragmentadas)  
Percutores (seixos) médios 10

Bigorna (seixo) grande 1

Fragmentos tabulares grandes 5 (com retoques)

Seixos naturais grandes 1 (com face polida), médios 7 (um com face polida), pequenos 5

**RS-A-88** – UTM 495776/6800376, altitude de 774 m.

O sítio Valdemar Rizzon está localizado aproximadamente 800 m depois da capela de Linha Café, no alto de um morro. O proprietário indicou o local onde teriam existido 2 casas subterrâneas em área que já foi lavoura; hoje elas se encontram totalmente destruídas, não se percebendo mais sua forma. Na encosta baixa, no lado oeste do mesmo morro, foi localizado 1 montículo funerário intacto, que mede 6,00 x 5,00 m.

Foram recolhidos no local onde estavam as casas:

*Basalto*

Núcleos grandes 2

Talhador terminal grande 1 (bumerangóide)

Talhadores laterais grandes 2

Biface médio 1

Percutor (seixo) grande 1

Bigorna (seixo) grande 1

**RS-A-81** – UTM 497410/6808018, altitude de 750 m.

O sítio Linha Café 1 e os dois seguintes (RS-A-82 e 83) fazem parte de um conjunto cujo proprietário atual não registramos. Sabemos que a propriedade pertenceu aos ancestrais maternos de Norberto Luchi. No local ainda existem os vestígios da habitação e respectivas benfeitorias deste primeiro morador (Figura 23).

A pequena distância da tapera, numa pequena encosta da margem direita de uma nascente, cujas águas desembocam no rio das Antas, foram registradas 4 estruturas bastante descaracterizadas, que parecem casas. A nascente fora cercada por lajes em pé, formando um bebedouro para animais, no antigo pasto antigo; talvez também para uso dos moradores da casa.

Casa 1: 3,50 m de diâmetro, com profundidade de 0,50 m.

Casa 2: 4,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.

Casa 3: 3,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 4: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

No sítio foi recolhido 1 núcleo unipolar médio e 1 talhador lateral grande (11 x 12 x 6 cm), em basalto.

**RS-A-82** -UTM 497358/6808200, altitude de 750 m.

O Sítio Linha Café 2 encontra-se em suave ondulação do terreno a 300 m do RS-A-81, acompanhando pelo mesmo lado o valo de água, que aí se

tornou pantanoso. Foram localizadas 7 estruturas pouco definidas, com as seguintes medidas:

Casa 1: 2,70 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.

Casa 2: 3,80 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Casa 3: 3,40 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Casa 4: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.

Montículo 1: 2,50 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 2: 5,00 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 3: 2,00 m, com profundidade da valeta não definida.

Nenhum material foi recolhido.

**RS-A-83** – UTM 497066/6808061, com altitude de 750 m.

O Sítio Linha Café 3 encontra-se aproximadamente 100 m do RS-A-82, passando para o lado esquerdo do valo de água.

Foram localizadas 10 estruturas, em campo de pastagem suavemente ondulado, estando 9 voltadas para um terreno pantanoso, e 1 no alto da ondulação do terreno, voltado para um precipício; deste tem-se uma vista panorâmica sobre toda a área.

Casa 1: 2,90 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 2: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,40 m.

Casa 3: 3,50 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 4: 4,30 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Montículo 1: 6,40 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 2: 4,00 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 3: 4,40 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 4: 4,80 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 5: 4,80 m, com profundidade da valeta não definida.

Montículo 6: 2,50 m, com profundidade da valeta de 0,25 m.

Nenhum material foi recolhido.

**RS-A-84** - UTM 497502/6807935, altitude de 743 m.

O sítio Hilda Chemello, tia de Norberto Lucchi, está em pasto, nos fundos da residência, separado do sítio anterior apenas por uma cerca (Figura 24).

Em terreno ondulado foram registradas 8 estruturas desfiguradas, mas ainda visíveis.

Casa 1: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 2: 2,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,20 m.

Casa 3: 2,70 m de diâmetro, com profundidade de 0,25 m.

Casa 4: 3,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 5: 3,10 m de diâmetro, com profundidade de 0,20 m.

Casa 6: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,25 m.

Casa 7: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.

Casa 8 e 9: não medidas.

Montículo 1: 5,00 m, com profundidade da valeta não definida.

Nenhum material foi recolhido.

Se somarmos as estruturas localizadas nas terras da antiga tapera dos ancestrais maternos de Norberto Lucchi, temos 29, distribuídas na proximidade de banhados e córregos, que se formam nas ondulações negativas do terreno. A disposição se repete: na suave vertente, a poucos metros da água e sobressaindo dela de 2 a 5 m. Mas uma casa com grande domínio visual.

**RS-A-85** - UTM 496740/6808144, altitude de 694 m.

O sítio Norberto Lucchi 4, na localidade de Linha Café, está no terreno da tapera de seus antepassados paternos, junto a um arroio anônimo que desemboca no Rio das Antas. Antigamente era denso mato de pinheiros, hoje típico ambiente de longa instalação humana dedicada a agricultura e criação de animais domésticos, com ruínas de casas e benfeitorias e antigas árvores frutíferas. A referência é uma antiga casa de tábuas, hoje depósito de ferramentas e produtos agrícolas, que foi uma das primeiras residências da família Luchi na região. Também existem restos de benfeitorias em pedra, atestando ocupação por várias gerações (Figura 25).

Ali foram registradas 7 casas subterrâneas. As de números 1 a 6 estão em terreno ascendente que dá numa chapada. Esta encosta sempre foi campo de pastagem dos animais da família Lucchi. A de número 7 está na chapada, que sempre foi lavoura.

Casa 1: 4,00 m de diâmetro, com profundidade não definida, no pasto.

Casa 2: 4,00 m de diâmetro, com profundidade não definida, no pasto.

Casa 3: 5,00 m de diâmetro, com profundidade não definida, junto da anterior, no pasto.

Casa 4: 4,00 m de diâmetro, com profundidade não definida, junto das duas anteriores, no pasto.

Casa 5: não medida, no pasto, na borda de uma lavoura, na qual o proprietário recolheu material lítico (mais espalhado) e cerâmico (em espaço limitado).

Casa (ou montículo) 6: 4,00 m, com profundidade não definida, em mata secundária, sobre terreno pedregoso, inclinado.

Casa 7: 5,00 m de diâmetro, com profundidade média de 1,00 m, em meio a terrenos cultivados, onde recentemente se abriu roça, mas sem revolver a terra. Não longe desta também apareceu material arqueológico superficial, na lavoura.

Neste espaço foram recolhidos numerosos objetos líticos e 3 fragmentos cerâmicos simples.

Numa plantação de milho, a 150 m, perto do caminho que leva ao sítio estudado, junto à nascente formadora de um córrego que desemboca no Rio das Antas, também foi encontrado algum material, sem que fosse conhecida nenhuma casa subterrânea próxima. Na proximidade existe uma casa recente, abandonada.

*Basalto*Núcleos grandes 11Lasca cortical grande 1, média 1Lasca secundária grande 1Talhadores terminais grandes 72 (2 com ponta, 1 bumerangóide), médio 1Talhadores laterais grandes 5Percutor grande 1 (sobre núcleo), médio 1

Bigorna grande 1

Seixo tabular grande 1 (com retoques)Seixos naturais médios 3**OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE CAPELA DE SANTO ANTÔNIO,  
DISTRITO DE CRIÚVA**

Os sítios se caracterizam pelas seguintes estruturas:

RS-A-49: abrigo funerário,

RS-A-66: sítio superficial,

RS-A-67: sítio superficial,

RS-A-79: 8 casas, 5 montículos funerários,

RS-A-80: 6 casas, 1 montículo funerário.

**RS-A-49** - UTM 494457/6796169, altitude de 720 m.

A Toca Santa, ou Toca Santa da Gruta das Cavernas, seu nome original, está localizada à meia-encosta, no início do profundo vale do Arroio Pereira, na propriedade de Adão Gomes, localidade Capela de Santo Antônio, distrito de Criúva, município de Caxias do Sul (Figura 26).

Devido à presença de ossos humanos, o local passou a ser considerado sagrado pela população, que começou a realizar peregrinações. Atualmente o espaço ainda é utilizado para celebração de missas e romarias. As imagens de santos e orações depositadas nas fendas contrastam com uma pequena urna de vidro contendo alguns ossos humanos ali encontrados. O local conta com alguma infra-estrutura para receber os romeiros, como bancos, banheiros e, descendo mais a encosta, um espaço com churrasqueiras, no mato próximo ao arroio.

As medidas do abrigo são estimadas em 10 m de comprimento, 3 m de profundidade e 3,5 m de altura. Na parede interna encontram-se várias reentrâncias na rocha, que serviam para a deposição dos mortos. Da parte superior do abrigo desce uma pequena queda d'água, oriunda de uma vertente.

A análise dos remanescentes ósseos possibilitou a identificação de ao menos dois indivíduos adultos. Não houve registro de acompanhamentos culturais junto aos ossos, que estão muito fragmentados.

Não se conhecem sítios com casas subterrâneas na proximidade.



**RS-A-66** - UTM 0497804/6803107, altitude de 700 m.

O sítio 1 está na propriedade de Otávio Antônio Leôncio 1, Capela de Santo Antônio, antes de chegar à residência, onde havia uma plantação de tomates (Figura 20). É um sítio a céu aberto, em pequena esplanada baixa, junto a um córrego, afluente do Ranchinho. O proprietário doou ao Museu Paroquial de São Marcos duas pontas de projétil encontradas no local. Por ocasião das visitas, a equipe recolheu algum material, incluindo uma pré-forma.

Material recolhido:

*Basalto*

Núcleo grande 1, médios 4, pequeno 1

Lasca cortical média 1

Lasca secundária grande 1, média 2, pequenas 5

Fragmentos corticais médios 3, pequenos 2

Fragmentos secundários grandes 1, médios 11, pequenos 9

Biface pequeno 1 (pré-ponta)

Percutor (seixo) grande 1

Mão de pilão (seixo colunar) 1

Seixo colunar grande 1

*Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 5

Fragmentos bipolares pequenos 7

Cristal natural pequeno 1

*Calcedônia*

Núcleo bipolar médio 1, pequenos 4

Lascas bipolares pequenas 8

Fragmentos bipolares pequenos 9

Pontas de projétil 2

A localização no fundo do vale, perto de um arroio e o aparecimento de uma rala indústria com pontas de projétil, com maior quantidade de quartzo e calcedônia, caracteriza este sítio como diferente de todos os outros da região. Só no sítio RS-A-62 foi encontrada outra ponta de calcedônia, mas o contexto material é diferente.

**RS-A-67** - UTM 497533/6803322, altitude de 850 m.

O sítio Otávio Antônio Leôncio 2 encontra-se na mesma propriedade, no topo da chapada, junto a banhado que se formou em ondulação negativa do terreno. Hoje parte do banhado está transformada em açude, cuja água é usada para irrigação de produtos hortigranjeiros. Em linha reta, este sítio dista aproximadamente 350 m do anterior, mas a ligação direta entre os dois é difícil por causa do aclive que os separa. Na pequena elevação junto às antigas

nascentes foram encontrados numerosos objetos líticos parecidos com os de outros assentamentos da região.

Em sucessivas coletas superficiais foram recuperados os seguintes objetos líticos, nenhuma cerâmica.

*Basalto*

Núcleos grandes 1, médios 3, pequenos 4

Lascas corticais grandes 1, médias 4, pequenas 4

Lascas secundárias grandes 3, médias 10, pequenas 16

Fragmentos corticais grande 1, médios 6, pequeno 1

Fragmentos secundários grandes 1, médios 7, pequenos 14

Talhador terminal grande 1

Fragmento tabular grande 1 (com face alisada)

Fragmento colunar grande 1

Seixos naturais médios 3 (dois com ação térmica)

*Quartzo*

Núcleos pequenos 4

Lascas pequenas 10 (duas com ação térmica)

Fragmentos pequenos 7

Cristais e fragmentos naturais 6

*Calcedônia*

Núcleos pequenos 5

Lascas pequenas 10

Fragmentos 11

*Arenito silicificado*

Fragmento secundário médio 1

Aqui também se nota maior abundância de quartzo, calcedônia e até um fragmento de arenito silicificado. O sítio poderia ter alguma ligação com o anterior.

**RS-A-79** - UTM 498359/6802605, altitude de 786 m.

O sítio Antônio Soldera, primeiro morador nos fundos da Capela Santo Antônio, é formado por 9 casas subterrâneas e 5 montículos funerários, distribuídos ao longo do caminho que atravessa a propriedade. As estruturas estão num pasto, que antes foi lavoura e parreiral, em terreno ondulado, com pequena inclinação para uma nascente, que foi barrada para formar um açue. As águas fluem para o rio Ranchinho. As estruturas estão bastante desfiguradas (Figura 27).

Do lado direito do caminho, que sai da casa do proprietário, encontram-se:

Casa 1: 7,00 m de diâmetro, com profundidade de 1,20 m. Esta casa foi utilizada para depósito de lixo, especialmente de latarias.

Casa 2: 3,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,70 m.  
Casa 3: 4,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,80 m.  
Casa 4: 3,00 m de diâmetro, com profundidade não definida.  
Casa 5: 2,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.  
Casa 6: 2,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,20 m.  
Casa 7: 3,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,60 m.  
Montículo 1: 6,30 m, valeta com profundidade não definida.  
Montículo 2: 4,00 m, com profundidade da valeta não definida.

Do lado esquerdo do caminho, encontram-se:

Casa 8: 3,60 m de diâmetro, com profundidade de 0,30 m.  
Montículo 3: 4,50 m, com profundidade da valeta não definida.  
Montículo 4: 5,80 m, com profundidade da valeta não definida.  
Montículo 5: 12,70 m, com profundidade da valeta não definida; próximo do açude.

No mesmo lado do caminho existem outras depressões, mas que são duvidosas.

O proprietário informou que, quando pequeno, brincava com cacos de panelas de barro, que encontrava dentro dos “buracos de bugre”.

Na estrada, próximo à porteira junto ao sítio foi encontrado 1 talhador lateral médio de basalto.

#### **RS-A-80** - UTM 498086/6802119, altitude de 786 m.

O sítio Hilário Darós encontra-se aproximadamente 540 m depois do anterior, seguindo pelo caminho ao longo do qual estão as casas e montículos registrados. Está em mata secundária, junto ao córrego originado da nascente antes indicada. Dista uns 80 m desse córrego, está sobre um patamar que para um lado se eleva em pequena ondulação e para o outro se inclina para dar num precipício. Ali existem 6 casas subterrâneas muito próximas e um montículo funerário um pouco mais afastado. Apesar de longo cultivo com técnicas tradicionais, as estruturas estão bem conservadas, as casas mantêm paredes quase verticais e os aterros correspondentes ao nivelamento das bordas estão bastante visíveis (Figuras 28, 50 e 51).

As 6 casas foram integralmente escavadas e foram realizados mais 4 cortes de 1 x 1 m na periferia das casas, seguindo os pontos cardinais, para delimitar o sítio. O corte 1 foi localizado em cima do aterro das casas 4 e 5; os outros três deram em solo original. O montículo foi limpo, mas nele não se fez nenhuma outra intervenção.

Casa 1: 2,60 m de diâmetro, com profundidade de 1,50 m depois da escavação. Tinha 0,20 m de camada arqueológica. Sobre o piso queimado havia carvão disperso, correspondente, em grande quantidade, a taquara queimada. As paredes são quase verticais e o pequeno piso relativamente plano. A parte superior da parede que está voltada para o centro do assentamento foi escavada no aterro da casa 4.

Casa 2: 5,00 m de diâmetro, com profundidade de 2,00 m depois da escavação. Tinha 0,30 m de camada arqueológica. Ao redor da parte baixa da parede, não chegando até a base, havia um revestimento, não contínuo, de lajotas de basalto, que medem entre 15 e 30 cm. O piso é bastante plano e sobre ele havia carvão disperso, também em parte de taquara queimada; para um lado existia um conjunto de grandes fragmentos de carvão, como de grossas varas queimadas superficialmente, que provavelmente correspondiam a troncos queimados. Como na casa anterior, a parte superior da parede voltada para o centro do assentamento, corresponde ao aterro da casa 4.

Casa 3: tem aparência elíptica ou em meia-lua, com um pouco mais de 3,00 m no eixo maior, aproximadamente 1,00 m de profundidade e 0,20 m de camada arqueológica. Numa das extremidades oblongas da estrutura aparece um lugar de fogo, com abundante carvão em grânulos grandes, às vezes parecendo galhos ou varas queimadas. Na parede voltada para o centro do assentamento vê-se o aterro da casa 4.

Casa 4: tinha aproximadamente 4,50 m de diâmetro, 1,80 m de profundidade e ao redor de 0,50 m de camada arqueológica. Por causa das hastes e raízes da samambaia que nela crescia, foi difícil separar o que seria o entulho recente e a camada arqueológica. Sobre a base via-se uma que parecia uma bem formada estrutura de fogo, com numerosos seixos e núcleos e bastante carvão. Parte deste carvão vem da queima de madeiras leves e taquara, mas outra se originou de varas mais grossas, ainda com alguma consistência, que poderiam ser da estrutura aérea da casa, mas também de varas jogadas na casa ao limpar o terreno para a plantação. O piso é bastante estreito. Esta foi a primeira casa construída; as demais foram escavadas no aterro dela.

Casa 5: tem aproximadamente 2,50 m de diâmetro, 1,10 m de profundidade e 30 cm de camada arqueológica. Também nesta foi difícil separar a camada arqueológica do entulho mais recente, com hastes e raízes de samambaia. No centro, sobre o piso, havia um bloco arredondado de basalto, ao redor do qual existia uma camada de terra queimada com carvão, proveniente principalmente da combustão de materiais leves, como taquara, mas havia também vários nós de pinho chamuscados. O piso era relativamente estreito. Na parede voltada para o centro do assentamento, aparece o aterro da casa 4.

Casa 6: tem aproximadamente 3,30 m de diâmetro de boca, 1,30 m de profundidade e 0,35 m de camada arqueológica. Nesta havia 19 nós de pinho, dois deles chamuscados. Também existia algum carvão granulado. No fundo, algumas pedras formavam como um fogão e junto a ele estavam alguns nós de pinho não queimados. O piso é bem estreito.

O montículo tem aproximadamente 6,00 m de medida maior, com uma rasa valeta em lua decrescente. Na valeta foi encontrado um grande núcleo ou raspador; e sobre o montículo se encontravam algumas pedras, mas estas podem ter sido ali colocadas pelo agricultor por ocasião da limpeza da lavoura.

A estratigrafia dentro das casas pode ser assim resumida: um estrato marrom, como o solo da periferia, resultante da ação de cultivo; uma camada

bastante espessa, escura e fofo, cheia de raízes e hastes de samambaia parcialmente apodrecidas, sem carvão; uma camada escura, um pouco mais marrom, mais compacta, com terra queimada, carvão e alguns elementos líticos, nucleiformes e seixos de basalto em decomposição. Em várias casas os elementos líticos pareciam formar estruturas como de fogões, em outras apareciam dispersos

Em 3 cortes de 1 x 1 m, feitos na periferia das casas, o solo é raso. O quarto corte não ultrapassou o aterro das casas 4 e 5.

Por causa dos longos anos de cultivo, tanto é duvidoso o material, como as pequenas estruturas encontradas dentro das casas e o carvão. As datas feitas com as melhores amostras de carvão da casa 2 e da casa 3 não são confiáveis: uma deu 150, a outra 250 anos A.P., mas a curva das medições é extremamente irregular.

Nas escavações fica evidente que primeiro se construiu a casa 4, no centro do assentamento. Sobre o aterro desta surgiram as demais. Isto é bem evidente nas casas 1, 2 e 5. A grande proximidade entre elas sugere que não se teriam originado ao mesmo tempo, porque não haveria espaço para as respectivas estruturas aéreas de paredes e coberturas, nem para a circulação. Por exemplo, o espaço entre as casas 1 e 2, as casas 2 e 3 e as casas 2 e 4 não chega a um metro; com exceção das casas 3 e 6, entre as quais a distância é um pouco maior, as outras também estão muito próximas.

Este não é o único sítio em que numerosas casas pequenas estão densamente aglomeradas; também acontece nos sítios RS-A-58 e RS-A-68. Duas casas muito próximas, parecendo geminadas, são mais freqüentes.

Os familiares do proprietário contam que, quando eram crianças brincavam dentro das casas e encontravam muitos cacos de panelas de barro. Mas é notável a falta de material arqueológico, tanto lítico, como cerâmico, dentro e nos arredores das casas. Um fragmento cerâmico foi encontrado na casa 3, outro foi recolhido num corte; os outros dois ficaram sem registro de proveniência.

A equipe recolheu 116 objetos líticos nem sempre confiáveis e 4 fragmentos cerâmicos pinçados.

#### Casa 1

*Basalto*

Lasca cortical grande 1, média 1

Fragmentos secundários médios 2 (com retoques), pequenos 3

Quebra-coquinho 1

Plaqueta cortical média 1

Fragmentos naturais médios 2.

#### Casa 2

*Basalto*

Lasca cortical grande 1, média 1

Lasca secundária média 1 (com retoques).  
Talhador terminal grande 1  
Talhador lateral médio 1.  
Percutor médio 1.  
Pedras de fogão grandes 2, médias 6.  
Plaqueta média 1.

## Casa 3

*Basalto*

Núcleo grande 1, pequeno 1 (riolito)  
Lasca cortical grande 1, média 1.  
Fragmento nucleiforme médio 1.  
Pedras de fogão grandes 3, médias 3.

## Casa 4

*Basalto*

Núcleos grandes 3, médio 1, pequeno 1.  
Lasca secundária média 1, pequenas 4; secundária média com retoques 1, com bordo serrilhado 1.  
Fragmentos médios 2.  
Raspador lateral grande 1  
 1 peça discóide grande, com uma face plana e outra levemente convexa.  
Pedras de fogão grandes 3, médias 8, pequenas 2.

## Casa 5

*Basalto*

Núcleos unipolares grandes 2, médio 1.  
Lasca cortical grande 1  
Lascas secundárias médias 2, pequena 1.  
Fragmentos médios 2.  
Talhador terminal grande (grosseiro) 1, médio 1.  
Percutor médio 1.  
Raspador grosseiro grande 1.  
Pedra de fogão grande 1, médias 3.

## Casa 6

*Basalto*

Núcleo unipolar grande 1, médios 3.  
Lasca cortical média 1 (+ 1 com retoques)  
Lasca secundária 1 (com retoques).  
Fragmentos médios 3.  
Percutor (seixo) médio 1  
Seixo grande (enxada) 1  
Pedras de fogão médias 7, pequenas 3.

Junto ao montículo foi encontrado um núcleo unipolar grande de basalto.

Na sondagem 1: 1 lasca unipolar cortical de riolito e 1 seixo de calcedônia.

Na sondagem 2: 1 lasca secundária média de basalto.

Na sondagem 3: 1 lasca cortical grande, 1 secundária grande, 1 fragmento de lascamento cortical pequeno, todos em basalto.

Na estrada e em antiga lavoura, do outro lado do arroio, foi encontrado 1 núcleo unipolar grande com retoques e 1 lasca cortical grande com retoques, em basalto.

Este sítio é importante não pelo material recuperado, que é duvidoso, mas pelas estruturas e sua disposição no terreno. Na disposição das casas e do montículo temos uma amostra do que se repete em vários outros sítios, como RS-A-57, RS-A-58 e RS-A-68.

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE LINHA ZAMBECCARI

Os sítios se caracterizam pelas seguintes estruturas:

RS-A-48: 1 abrigo funerário,  
RS-A-55: 2 casas destruídas,  
RS-A-56: sítio superficial.

**RS-A-48** - UTM 495779/6800386, altitude de 800 m.

A Gruta das Cabras, na propriedade de José Ricardo de Castilhos, linha Zambecari, junto ao Rio Ranchinho, continha ossos humanos (Figura 29).

O abrigo mede cerca de 10,00 m de comprimento, 6,00 m de profundidade e 1,53 m de altura. Os ossos humanos ali encontrados estão sob a guarda do Museu Paroquial de São Marcos. Em visita feita ao local, a equipe de arqueólogos encontrou mais alguns fragmentos, que também foram entregues ao referido museu. A análise dos remanescentes ósseos possibilitou a identificação de 9 indivíduos através do pareamento do úmero, sendo 3 adultos, 1 jovem e 5 crianças.

No momento da visita, o abrigo era utilizado para criação de cabras.

**RS-A-55** - UTM 493876/6798994, altitude 800 m.

No sítio Loreno Casarotto 2, linha Zambecari, existiam duas casas subterrâneas, em pequeno patamar, entre alta e média vertente, que foram totalmente entulhadas quando da instalação de novo parreiral. Aclive acima, a vertente termina numa chapada com água, que antigamente formava um banhado, transformado posteriormente em açudes para irrigação das plantações; declive abaixo há forte pendente que vai dar num córrego, da bacia do Ranchinho (Figura 30).

No terreno nivelado, entre cepas novas de uva, foram recolhidos alguns artefatos líticos dispersos. O proprietário também encontrou ali uma lâmina polida de machado.

Material recolhido:

*Basalto*

Núcleo grande 1, médios 4.

Lasca cortical grande 1 (com retoques), médias 5, pequenas 4

Lasca secundária grande 1, médias 6, pequenas 5.

Fragmento cortical médio 1 (com retoques)

Fragmentos secundários médios 1 (+ 2 com retoques).

Talhador terminal médio 1

Talhador lateral grande 1.

Seixo médio 1.

Lâmina polida 1.

*Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 4.

Lascas bipolares pequenas 2.

Fragmentos bipolares pequenos 15.

Cristais 5.

**RS-A-56** - UTM 494166/6799000, altitude de 900 m.

Na propriedade do mesmo Loreno Casarotto, linha Zambecari, seguindo uma centena de metros pelo mesmo caminho, em alta vertente, foram recolhidos 78 objetos líticos e 7 fragmentos cerâmicos, dispersos, em meio a terreno recém lavrado e plantado. O terreno ascende a uma pequena chapada, onde, como no registro anterior, há nascentes que formavam banhados e que foram transformados em açudes para irrigação das lavouras (ver Figura 30).

Material lítico recolhido:

*Basalto*

Núcleos grandes 1 (+ 2 com retoques), médios 9.

Lascas corticais grandes 3 (+ 1 com retoques), médias 4 (+ 1 com retoques), pequenas 3

Lascas secundárias médias 7, pequenas 11.

Fragmento cortical grande 1, médios 5 (+ 1 com retoque), pequenos 4

Fragmentos secundários médios 9, pequenos 7.

Talhadores terminais grandes 3, médio 1.

Seixo grande 1, médio 1.

*Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 4.

Lasca bipolar pequena 1.

Fragmentos bipolares pequenos 5.



*Calcedônia*

Núcleo bipolar pequeno 1.

Lasca bipolar pequena 1.

Foram recolhidos 7 fragmentos de cerâmica, sendo 2 simples, 1 pinçado, 2 ponteados, 2 unglados.

O sítio tem semelhança com o RS-A-51, material na alta encosta, com casas subterrâneas em encosta inferior.

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS AO SUL DE SÃO MARCOS

Os sítios estão dispersos e se caracterizam pelas seguintes estruturas:

RS-A-54: 2 casas,

RS-A-97: sítio superficial,

RS-A-98: 1 casa e 1 montículo funerário,

RS-A-69: 2 casas,

RS-A-70: 1 abrigo funerário,

RS-A-72A: sítio superficial,

RS-A-72B: 5 casas.

**RS-A-54** - UTM 493983/6794389, altitude de 700 m.

O sítio Fortunato Sogari, no patamar sobre o qual está a cidade, compõe-se de duas casas subterrâneas, em mata limpa, na qual circulam vacas de uma pastagem próxima. Para um dos lados, o terreno desce abruptamente para a cabeceira do arroio Studulski, um afluente do rio Redondo, no outro lado passa uma rua e se encontram construções da cidade. Na proximidade das casas subterrâneas, em lados opostos, existem afloramentos rochosos naturais bastante grandes, que dão a impressão de montículos construídos para proteger as casas (Figura 31).

Casa 01: mede 9,00 m de diâmetro, com 1,30 m de profundidade antes da escavação. Estava intacta. Em 2004 foi escavada sua metade, em dois quadrantes, separados por um berma de 20 cm de largura. Os 70 cm de estratos mostram, sucessivamente, uma fina camada areno-argilosa escura, solta, recente, com muita matéria orgânica; uma camada argilosa vermelha, com raízes e algum material arqueológico, também posterior à ocupação indígena; uma camada argilosa mais escura, solta, com muito material arqueológico, da ocupação original da casa; o substrato, que forma o piso, argiloso, vermelho, compacto. Na escavação, feita em níveis artificiais de 10 cm, foram recuperados 970 artefatos líticos e 49 fragmentos cerâmicos, dos quais 46 são simples e 3 brunidos (Figuras 32 e 52).

Casa 2: mede 8,00 m, com profundidade semelhante. Não pôde ser escavada porque nela, um ano antes, o caseiro tinha enterrado uma mula morta, num buraco aberto com retro-escavadeira entre o centro e a borda da casa. No meio da terra revolvida foram recuperados dois talhadores e um núcleo unipolar grande.

Ao redor das casas foram realizados 11 cortes de 1 x 1 m, mais um de 1 x 4 m, em níveis artificiais de 10 cm, que produziram algum material lítico no primeiro e no segundo níveis. Aproximadamente a 10 cm já aparecia o substrato argiloso intacto.

A escavação feita na casa 1 foi deixada aberta. Como o sítio está na cidade, em ambiente limpo e agradável de mata, é de fácil acesso para visitação pelas escolas. A casa 2 foi recomposta em sua forma original. Os cortes periféricos foram fechados.

O proprietário, em anos anteriores, tinha encontrado uma mão de pilão e uma lâmina polida de machado, as quais ficaram sob a guarda do Museu Paroquial de São Marcos.

Vizinhos informaram que, na borda da mata atual, onde hoje existe uma rua com residências urbanas, teria havido mais casas subterrâneas.

A 1.220 m de distância, junto às cabeceiras do mesmo arroio, estão os sítios RS-A-97 e 98.

Objetos líticos recolhidos na escavação da casa 1:

*Basalto*

Núcleos grandes 18, médios 18, pequenos 6.

Lascas corticais grandes 5, médias 11, pequenas 5

Lascas secundárias grandes 2 (+ 1 com borda desgastada), médias 16 (+ 1 com retoques), pequenas 23.

Fragmentos corticais médios 6, pequenos 1.

Talhadores terminais grandes 6, médio 1.

Percutores médios 3.

Seixos grandes 2, médios 15, pequenos 34.

Fragmentos naturais grandes, médios 23, pequenos 121.

*Quartzo*

Fragmentos bipolares pequenos 2.

Fragmentos naturais, cristais, drusas 688.

*Calcedônia*

Núcleos bipolares grandes 1, médios 1, pequenos 10.

Lascas bipolares pequenas 13 (+ 1 com marcas de uso).

Fragmentos bipolares pequenos 12.

Na casa 2 foram recolhidos: 1 núcleo grande e 2 talhadores grandes, de basalto.

No conjunto das janelas foram encontrados os seguintes materiais:

*Basalto*

Núcleos grandes 6, médios 23 (+ 1 bipolar), pequenos 6.

Lascas corticais grandes 1, médias 5 (+ 1 com retoque), pequenas 32

Lasca secundária grande 1 (+ 1 com retoques), médias 13, pequenas 30.

Fragmentos corticais grandes 1, médios 5, pequenos 4

Fragmento secundário médio 1, pequenos 13.

Raspador pequeno 1.

Faca de dois gumes grande 1.

Seixo colunar grande 1 (18,00 x 5,50 x 3,00 cm), seixo médio 4, pequenos 17; fragmentos naturais médios 15, pequenos 19.

*Quartzo*

Lasças bipolares pequenas 3.

Fragmentos bipolares pequenos 46.

Fragmentos naturais, cristais, drusas 782.

*Calcedônia*

Núcleos bipolares pequenos 6.

Lasças bipolares pequenas 4.

Fragmentos bipolares pequenos 9.

Seixos e fragmentos naturais 12.

A grande quantidade de quartzo, em cristais e drusas quebradas, é de origem natural e resulta da decomposição de um basalto especialmente vesicular.

O material do interior da casa pode ser comparado favoravelmente com o da casa do RS-A-95 e o do sítio a céu aberto RS-A-59.

**RS-A-97-** UTM 495078/6794048, altitude de 739 m.

O sítio Áureo Bertelli está localizado sobre as cabeceiras do arroio Studulski, um afluente do rio Redondo e se constitui de um pequeno afloramento de basalto, em área de pasto, junto a um banhado. O afloramento está no topo de uma elevação, cuja íngreme encosta dá no leito do arroio. Na alta vertente dessa encosta foram vistos sinais de estruturas do tipo montículo, mas que não puderam ser claramente definidas por causa dos muitos trilheiros de gado.

Foram recolhidos 3 núcleos unipolares grandes, 1 fragmento de lascamento unipolar grande e 1 biface médio, todos em basalto.

**RS-A-98** – UTM 495161/6793949, altitude de 739 m.

Este sítio está localizado na margem esquerda do mesmo Arroio Studulski, em uma posição parecida, mas de frente para o primeiro, do qual dista 140 m. Constitui-se de uma casa subterrânea com 3 m de diâmetro, com profundidade não definida e de um montículo, com 3 m de medida maior, em área de pastagem, na proximidade de nascentes que escoam para o mencionado arroio. Ambas estruturas encontram-se em mau estado de preservação.

Foram recolhidos 2 talhadores grandes de basalto.

**RS-A-69** - UTM 495147/6791877, altitude de 730 m.

O sítio José Santini, na localidade de Capela São Roque, compõe-se de 2 casas subterrâneas próximas, sobre pequena elevação de afloramentos de basalto, na borda do patamar formado pela cota de 700 m, a partir da qual o terreno cai rapidamente para o rio Redondo, que está a 170 m. A 270 m existiam nascentes que formavam pequeno banhado. As casas estão em mata secundária, que nasceu sobre antigas lavouras.

Casa 1: 4,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,70 m.

Casa 2: 5,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,35 m.

Segundo informação do proprietário, no tempo em que o terreno era cultivado, foram recolhidos fragmentos cerâmicos. Nenhum material foi achado por ocasião do levantamento.

**RS-A-70** - UTM 499088/6791477, altitude de 800 m.

O sítio Paulo Francischelli é uma fenda horizontal no basalto, em cuja frente o rio Redondo cai na forma de alta e bonita cascata. Este abrigo está na borda da cota de 800 m, na mata ciliar do referido rio, em área de campo, já na proximidade da Fazenda Pedras Brancas.

Mede 15 m de comprimento, 4 m de profundidade e 2,5 m de altura. Nele foram encontrados fragmentos de ossos humanos correspondentes ao menos a 2 indivíduos adultos e 1 jovem, ossos que foram doados ao Museu Paroquial de São Marcos. Em visita ao local, a equipe de arqueólogos encontrou mais alguns fragmentos, porém não os recolheu.

**RS-A-72A** - UTM 496737/6790910, altitude de 750 m.

O sítio Adelar Scain, na capela de São Jacó, encontra-se numa ondulação negativa do terreno. No sítio seguinte o terreno se eleva até atingir um patamar na cota de 850 m. Junto a várias nascentes que confluem para formar pequeno arroio, que desemboca no rio São Marcos, está o sítio, no qual foram vistas três concentrações de material lítico (Figura 33 e 54). O proprietário informou que, junto a uma dessas concentrações, teria havido 5 pequenas casas subterrâneas, que foram entulhadas e niveladas por ocasião da abertura de lavoura. Informou também que, nesse local, foram encontrados fragmentos de cerâmica. Este poderia ser um bom exemplo para estudar ocupações ligadas a cultivos. Hoje, a área é utilizada para plantação de milho.

No levantamento realizado pela equipe de arqueólogos, foram encontrados objetos líticos, mas nenhuma cerâmica, nem vestígios das casas subterrâneas. Novamente aparece maior quantidade de restos de quartzo e calcedônia como no RS-A-51e no RS-A-56.

### *Basalto*

Núcleos grandes 6 (+ 1 com retoques), médios 9, pequeno 1.

Lascas corticais grandes 3 (+ 1 com retoques), médias 13 (+ 2 com retoques), pequenas 3;

Lascas secundárias grandes 1, médias 7 (+ 1 com retoques), pequenas 8.

Fragmento cortical grande 1, médio 5

Fragmento secundário médio 1, pequeno 1.

Talhadores terminais grandes 7, médios 2

Talhadores laterais grandes 5.

Fragmento tabular grande 1

Fragmentos com ação térmica médios 4.

Seixos grandes 3, médio 1

#### *Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 3.

Lascas bipolares pequenas 3.

Fragmentos bipolares pequenos 13.

Fragmentos naturais e cristais 13.

#### *Calcedônia*

Núcleo bipolar grande 1, médios 3, pequenos 2.

Lascas bipolares pequenas 3.

Fragmentos bipolares pequenos 7.

Seixo médio 1, pequenos 2.

**RS-A-72B** - UTM 496670/6791233, altitude de 840 m.

O sítio Constante Corso é a continuação do sítio RS-A-72A. Nele foram agrupadas 5 casas subterrâneas, que se encontram na encosta que se levanta a partir do terreno anterior e vai dar na chapada da cota de 850 m. Num aplanamento do terreno, cortado por um pequeno córrego, na encosta alta, encontram-se as casas 4 e 5. No topo do terreno, na proximidade de banhados, encontram-se, espaçadas, as casas 1, 2 e 3. Destas se tem amplo controle da região, especialmente em direção sul, para o vale do rio São Marcos (Figura 34).

Há cerca de 10 anos, o filho do proprietário encontrou fragmentos cerâmicos na abertura de uma roça, distante uns 150 m das casas 4 e 5. Atualmente, a área do sítio é utilizada em parte como pastagem e lavoura e em parte como mata de eucalipto.

Em levantamento realizado pela equipe de arqueólogos, nada foi encontrado, com exceção de uma pequena lasca de basalto junto à casa 2.

As casas apresentam as seguintes medidas:

Casa 1, na alta chapada: 5,40 x 5,60 m, com profundidade de 0,35 m, no campo.

Casa 2: 3,20 m de diâmetro, com profundidade não definida, no campo.

Casa 3: 4,50 m de diâmetro, com profundidade não definida, no campo.

Casa 4: 4,80 m de diâmetro, com profundidade de 0,90 m, dentro de capão de eucalipto.

Casa 5: 4,00 m de diâmetro, com profundidade de 0,85 m, dentro de capão de eucalipto.

Material recolhido: 1 lasca unipolar secundária pequena de basalto e 6 fragmentos cerâmicos ponteados.

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS JUNTO AO ARROIO CAFUNDÓ

Na parte alta deste arroio encontram-se: dois sítios com casas subterrâneas (RS-A-96 e 51) e dois abrigos com ossos humanos (RS-A-50 e 73). Num de seus afluentes, mais um sítio com casas subterrâneas (RS-A-52) e mais um abrigo com ossos humanos (RS-A-71).

Os sítios se caracterizam pelas seguintes estruturas:

- RS-A-96: 1 casa,
- RS-A-51: 3 casas, 1 superficial,
- RS-A-50: 1 abrigo funerário,
- RS-A-73: 1 abrigo funerário,
- RS-A-52: 8 casas, um montículo grande de terra,
- RS-A-71: 1 abrigo funerário.

**RS-A-96** - UTM 491505/6798890, altitude de 826 m.

Em terreno da Prefeitura de São Marcos, numa área desmatada, reservada para instalação de parque industrial, existe uma casa subterrânea isolada, com 7 m de diâmetro e 1,80 m de profundidade. Ela se encontra na borda da alta chapada, com excelente visão para o lado sul, sobre as cabeceiras do Arroio Cafundó. Nas encostas próximas existem nascentes que formam pequenos banhados.

Nada foi recolhido.

**RS-A-51** - UTM 491567/6797298, altitude de 800 m.

O sítio Ricieri Michelin, no bairro Michelin, se compõe de duas partes. A alta vertente, chegando até a alta chapada, para além dos galpões de secagem de fumo, onde foi feita coleta superficial, que rendeu objetos líticos e 3 fragmentos cerâmicos simples. Na baixa vertente existem três casas subterrâneas próximas entre si, bastante entulhadas, duas num parreiral e a terceira no pasto próximo. Na proximidade, tanto da primeira, como da segunda parte, existem nascentes que desembocam no Arroio Cafundó. As casas foram medidas (Figura 35).

Casa 01 (no parreiral): 4,50 x 7,00 m, com profundidade não definida.

Casa 02 (no parreiral): 6,60 x 9,30 m, com profundidade não definida.

Casa 03 (no pasto): 6,00 x 6,70 m, com profundidade não definida.

Material recolhido na primeira parte:

*Basalto*

Núcleos grandes 2, médios 8, pequenos 2.

Lascas corticais grandes 1 (+ 1 com retoque), médias 7 (+ 2 com retoque), pequena 1

Lascas secundárias grandes 2 (com retoque), médias 24, pequenas 14.

Fragmentos corticais médios 10 (+ 1 com retoques), pequenos 2

Fragmentos secundários médios 10 (3 de diabásio)

Talhador terminal grande 1, médio 1

Talhador lateral grande 1.

Fragmento colunar médio 1.

*Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 2.

Lasca bipolar pequena 1,

Fragmento bipolar pequeno 1,

Cristais naturais e fragmentos de drusa 3.

*Calcedônia*

Núcleos bipolares médios 2.

A 400 m, no paredão próximo ao Arroio Cafundó, está um abrigo com ossos humanos (RS-A-50).

**RS-A-50** - UTM 491471/6797297, altitude de 700 m.

O sítio Fernando Michelon, no bairro Michelin, na divisa com Irineu Zanella, é um abrigo rochoso, em meia encosta da escarpa do arroio Cafundó, no qual foram encontrados ossos humanos. Dista do anterior aproximadamente 400 m (Figura 36).

As medidas do abrigo são: 8,50 m de comprimento, 7,00 m de profundidade e 1,5 m de altura. Os ossos humanos encontrados no local estão sob a guarda do Museu Paroquial de São Marcos. Em visita realizada pela equipe de arqueólogos foram resgatados mais alguns fragmentos ósseos, que também foram encaminhados ao mencionado museu. A análise dos remanescentes ósseos possibilitou a identificação de 3 indivíduos através do pareamento dos ossos longos (úmero e ulna), sendo 2 adultos e 1 criança.

**RS-A-73** - UTM 491140/6796892, altitude de 730 m.

O sítio Nadir Hoffmann, próximo aos dois anteriores, é outro abrigo, formado debaixo de um grande bloco de basalto despencado da encosta. Está situado no Bairro Industrial de São Marcos, ao lado da Fábrica Bepo e a cem metros do Arroio Cafundó. Nele foram resgatados restos ósseos humanos de pelo menos um indivíduo adulto, que se encontram sob a guarda do Museu Paroquial de São Marcos.

O abrigo sob rocha mede 8 m de comprimento, 3 m de profundidade e 0,70 m de altura.

**RS-A-52** - UTM 491733/6794853, altitude de 700 m.

O sítio Miro Fabro, no bairro Francisco Doncatto, junto às nascentes do arroio Cafundó, compõe-se de 8 casas subterrâneas bastante deformadas e um montículo grande de terra. Está em baixa vertente, em campo de pastagem, junto a uma nascente, que foi represada para formar um açude, no

qual os animais do pasto vêm beber. Anteriormente o terreno foi cultivado durante muitos anos (Figura 37).

Embora as casas estejam fortemente modificadas, ainda se percebem os aterros resultantes do nivelamento das bordas. Após as casas, declive abaixo, o terreno se torna mais plano e pantanoso; perto se encontra o acúmulo de terra, confinando com um parreiral abandonado no terreno vizinho. Depois das casas, aclive acima, a inclinação do terreno se acentua e ali se encontra uma mata secundária.

As estruturas têm as seguintes medidas:

Casa 1: mede 11,00 x 5,50 m, com profundidade de 1,30 m.

Casa 2: mede 5,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,60 m.

Casa 3: mede 8,00 x 5,50 m, com profundidade de 0,70 m.

Casa 4: mede 4,10 m de diâmetro, com profundidade de 0,25 m.

Casa 5: mede 2,90 m de diâmetro, com profundidade de 0,10 m.

Casa 6: mede 12,00 x 10,00 m, com profundidade de 1,30 m.

Casa 7: mede 3,50 m de diâmetro, com profundidade de 0,45 m.

Casa 8: mede 3,70 m de diâmetro, com profundidade de 0,17 m.

Montículo: mede 16,00 x 10,00 m, com altura de 1,00 m.

Não havia nenhum material visível.

**RS-A-71** - UTM 488838/6793792, altitude de 732 m.

A gruta Nossa Senhora de Lourdes, junto a um afluente do arroio Cafundó, encontra-se num paredão rochoso à margem de uma estrada secundária que liga São Marcos a Flores da Cunha, na localidade de Capela Santo Henrique. O abrigo mede 30 m de comprimento, 2 m de profundidade e 1,5 m de altura.

Numa das fendas foi organizado um pequeno altar com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, protegido por grades de ferro. A presença de flores e velas indica que o local recebe a veneração de devotos.

Em visita realizada ao local, a equipe de arqueólogos encontrou um único fragmento de osso humano, que não foi recolhido.

## **SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS AO NORTE DE SÃO MARCOS**

Os sítios caracterizam-se pelas seguintes estruturas:

RS-A-57A: 6 casas,

RS-A-57B: 5 casas,

RS-A-91: superficial,

RS-A-92A/B: superficial,

RS-A-86: 7 casas destruídas.

RS-A-87: 3 montículos (?)



**RS-A-57** - UTM 491134/6799452, altitude de 800 m

O sítio Irmãos Casarotto, no Morro Carraro, em terreno ondulado, compõe-se de 11 casas subterrâneas, bastante deformadas, em dois lados de pequena depressão do terreno, que antigamente era banhado, depois lavoura; nesta se recolheu algum material lítico e 1 fragmento de cerâmica simples, ao passo que nada aflorava junto às casas. Seguindo pelo caminho que passa pelo primeiro conjunto de casas subterrâneas, ultrapassada pequena ondulação do terreno, chega-se às nascentes de um córrego, que desemboca no rio das Antas. O terreno em que se encontram as casas é constituído por um pasto, no qual se concentra o gado antes de ser alimentado e é cortado por caminhos que levam ao fundo da propriedade, o que afetou bastante as estruturas (Figura 38).

As casas do primeiro grupo, localizadas na área identificada como “sítio dos papagaios”, pertencente a Avelino Casarotto, têm as seguintes medidas:

Casa 1: 6,00 x 7,40 m, com profundidade de 1,40 m.

Casa 2: 9,90 x 9,50 m, com profundidade de 2,00 m.

Casa 3/4: 6,20 x 2,90 m, com profundidade de 0,40 a 0,50 m (casas ‘geminadas’).

Casa 5: 2,30 m de diâmetro, com profundidade de 0,42 m.

Casa 6: 5,20 m de diâmetro, com profundidade de 0,46 m.

As casas que se encontram em terreno vizinho, que é do irmão, apresentam as seguintes medidas:

Casa 1/2: 7,30 x 3,20 e 4,30 m, com profundidade de 0,50 m (casas ‘geminadas’).

Casa 3: 2,20 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Casa 4: 3,00 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Casa 5: 2,60 m de diâmetro, com profundidade não definida.

Objetos líticos recolhidos:

#### *Basalto*

Núcleos médios 2.

Lasca cortical grande 1, médias 4

Lascas secundárias grande 1 (com retoques), médias 6 (+ 1 com retoques), pequenas 4.

Fragmentos corticais médios 6, secundários médios 3.

Talhador lateral médio 1.

Fragmento colunar grande 1

Fragmento de seixo com bordo desgastado 1.

Seixo médio 1; seixo grande quebrado por ação térmica 1;.

#### *Quartzo*

Lasca bipolar pequena 1.

Fragmentos bipolares pequenos 2.

Fragmentos naturais 3

**RS-A-91** – UTM 0488007/6802257, altitude de 770 m.

O sítio Telipor Menegon, na linha Edith, está localizado logo depois da capela Nossa Senhora de Fátima, de suas instalações sociais e do campo de futebol. É um sítio a céu aberto, sem casas subterrâneas ou montículos, medindo aproximadamente 4.000 m<sup>2</sup>. O local havia sido recentemente limpo e arado para plantio de figueiras e anteriormente fora usado como lavoura de milho e feijão (Figura 39).

Na área do sítio, o terreno é levemente inclinado em direção oeste, transformando-se, mais adiante, numa vertente bem íngreme em direção ao rio das Antas. Junto ao sítio existe pequeno curso de água, que corre para este rio.

Nele foi encontrado material lítico, principalmente em três concentrações de aproximadamente 100 m<sup>2</sup> cada uma, mas também espalhado em razão de atividades agrícolas com uso de trator.

Foram recolhidos os seguintes objetos líticos:

#### *Basalto*

Núcleos grandes 2, pequenos 2.

Lascas corticais grandes 3 (com retoques), médias 5 (+ 1 com retoques), pequenas 1

Lascas secundárias grandes 2, médias 7 (+ 2 com retoques), pequenas 5.

Fragmentos corticais médios 2, pequenos 2

Fragmentos secundários médios 5.

Talhadores terminais grandes 8

Talhadores laterais grandes 2, médios 3.

Percutores médios 2.

Fragmentos colunares médios 2, pequeno 1

Seixo médio 1 (fragmento)

#### *Quartzo*

Núcleos bipolares pequenos 2.

Fragmentos bipolares pequenos 2.

#### *Calcedônia*

Núcleo bipolar pequeno 1.

Lascas bipolares pequenas 2 (1 de sílex).

**RS-A-92 A e B** - A: UTM 486668/6802159. B: UTM 486762/6802171, altitude de 770 m.

Os locais A e B, na propriedade de Joãozinho Bianchi, na linha Edith, Capela Nossa Senhora de Fátima, aparentemente compõem um mesmo assentamento, estando separados apenas por um resto de mato, com cerca de 40 m de largura (Figura 40).

O terreno da área A é um pouco mais plano e úmido que o da área B, mais íngreme, com forte declividade para o Sul. No entorno do sítio podem ser encontradas várias nascentes que correm para um arroio, bastante encaixado,

que está a 1.000 m e é afluente da margem esquerda do rio das Antas. O material lítico estava disperso por toda a extensão do campo arado, em cerca de 2.000 m<sup>2</sup>, indicando um assentamento a céu aberto, sem casas subterrâneas, nem montículos. Quando arou a terra por primeira vez, com técnicas tradicionais, o proprietário encontrou na área A uma lâmina polida de machado, a qual ficou em sua posse.

Na área B o material estava disperso numa superfície de 800 m<sup>2</sup>, próxima da mata que a separa da área A. Os materiais são parecidos. Por ocasião dos primeiros cultivos, com instrumentos tradicionais, o proprietário encontrou na área B uma mão de pilão, que está em sua posse.

Nas duas áreas foram encontrados os seguintes objetos líticos.

Área A:

*Basalto*

Núcleo grande 1.

Lascas corticais grandes 2 (+ 2 com retoques)

Lasca secundária grande 1, pequena 1.

Talhadores terminais grandes (em preparação) 2, médio 1.

Lâmina polida de machado 1.

Área B:

*Basalto*

Lasca cortical grande 1, média 1

Lasca secundária média 1.

Fragmento cortical médio 1.

Talhadores terminais grandes 3 (1 em preparação), médio 1.

Mão de pilão 1

**RS-A-86** - UTM 487493/6803814, altitude de 745 m.

Na propriedade de César Antônio Menegon, linha Edith, a uns 800 m da residência, numa chapada, junto a uma nascente, havia antigamente 7 casas subterrâneas com muito material, segundo testemunho do proprietário. A instalação era estratégica: num lado o terreno cai fortemente, oferecendo grande domínio visual; no outro, sobe suavemente. Faz dez anos que o terreno foi transformado em lavoura mecanizada e irrigada. Com isso as antigas estruturas foram completamente niveladas.

Na residência do proprietário foram documentadas peças recolhidas no lugar: 1 talhador bifacial, 1 lâmina polida quebrada, 1 mão de pilão, 1 mão e 3 percutores.

Nenhum material foi recolhido.

**RS-A-87** - UTM 484969/6803565, altitude de 696 m.

Na propriedade de Catarina Managutti Perozzo, linha Diogo dos Santos, distando aproximadamente 500 m da residência, na alta encosta de um pequeno vale entre dois patamares, onde existe uma parreira com algumas

figueiras, foram vistos os vestígios de 3 estruturas, bastante niveladas. Elas estão em pequeno pasto junto a um valo pelo qual escoam a água das chuvas. Não é possível dizer se eram casas ou montículos funerários (Figura 41).

Foi recolhido um talhador grande de basalto.

## AS ESTRUTURAS DO SISTEMA DE ASSENTAMENTO

Depois da descrição dos sítios com seus respectivos materiais, tornamos a pensar no sistema de assentamento de que eles fariam parte e explicitamos os elementos que o compõe. Primeiro relembramos a paisagem, depois analisamos as estruturas, que são as casas subterrâneas, os montículos funerários, os abrigos com esqueletos humanos e os sítios a céu aberto. Por fim tentaremos mostrar como estes elementos se relacionavam.

Relembramos a paisagem. Patamares entre 700 e 900 m de altitude, recortados por densa rede de drenagem, formada por nascentes originadas de banhados de altura, que evoluem para arroios e rios correntosos, sem várzeas, entre empinadas rampas em seus cursos inferiores. As superfícies menos escavadas cobertas por vegetação herbácea com isolados capões e estreitas fimbrias de mato; as mais recortadas cobertas por mata mista com predominância visual do pinheiro (*Araucaria angustifolia*) em densos agrupamentos. Chuvas distribuídas pelo ano todo, temperatura amena no verão, fria no inverno, com intensas geadas. Na mata, grande volume de sementes de Araucária no outono, gostosas, alimentícias, passíveis de serem conservadas durante alguns meses; menos disponibilidade de alimentos vegetais nas outras estações, mas possibilidade de cultivos tropicais como o milho, a mandioca, o amendoim, as abóboras para abastecer os meses quentes do ano. Na mata, maior disponibilidade e variedade de caça quando o pinhão está maduro; no campo em qualquer estação; peixes nos arroios e rios o ano todo. Abundância de madeiras para construção e combustível. Facilidade de locomoção nos patamares dos interflúvios e nos campos ondulados junto às nascentes dos rios e arroios. As bordas dos altos patamares permitem alta visibilidade que facilita o controle e domínio do território. Nenhum outro grupo humano ainda se apossara da área, permitindo uma instalação sem conflitos.

Quem mais moldou a paisagem são os aglomerados de casas subterrâneas com seus anexos. Os vestígios das casas subterrâneas aparecem hoje como depressões semi-esféricas, ou em calota de esfera, em encostas de inclinação suave, ou na borda de chapadas, em pontos em que o terreno cai rapidamente; poucas vezes em terreno plano, onde estariam sujeitas à infiltração da água do lençol freático, ou por penetração lateral. Por esta opção, o lado da casa que dá para o declive recebe um aterro, que nivela esta borda e suas adjacências com a borda do aclave. Este aterro costuma ser tanto mais potente (alto e largo) quanto é maior a declividade do terreno e o tamanho da escavação realizada. Nele costuma esgotar-se a terra removida,

raramente sobrando alguma para construir um montículo à parte. Esta última situação se dá quando a casa é cavada em terreno relativamente plano.

A localização nas altas chapadas, nas cotas de 700 a 900 m de altitude, proporcionava aos moradores amplo domínio visual sobre as outras chapadas, as encostas, os córregos e rios. A localização nos patamares, que formam os interflúvios, facilitava a locomoção entre os sítios, evitando a travessia dos vales encaixados.

Os sítios com casas cobrem o terreno em forma de rede, mas com duas concentrações maiores: a do Morro da Antena com 35 casas e a da linha Café com 29 casas. O Morro da Antena é o patamar mais alto, permitindo o melhor domínio visual e estratégico da região; linha Café é um lugar alto, protegido entre o rio das Antas, o arroio Pereira e um outro arroio sem nome. Junto a esses dois núcleos também se encontra o maior número de montículos funerários: 20 no Morro da Antena, 10 na linha Café. A rede é completada por sítios em outros pontos altos do relevo, distribuídos com certa regularidade pelo espaço, alguns com bastantes casas, outros com apenas uma ou duas. Junto de alguns desses sítios também existem montículos funerários.

A observação dos sítios do Morro da Antena e da Linha Café, poderia dar a impressão de que ali teria havido densidade populacional maior que nas outras áreas. Nesses dois locais os sítios se encontram tão próximos uns dos outros que dificilmente poderiam existir simultaneamente. A simultaneidade tampouco responderia ao sistema conhecido de outras áreas pesquisadas, onde se registrou a volta aos mesmos lugares, em tempos sucessivos, para formar novas estruturas junto às já existentes, ou começar um novo núcleo de estruturas.

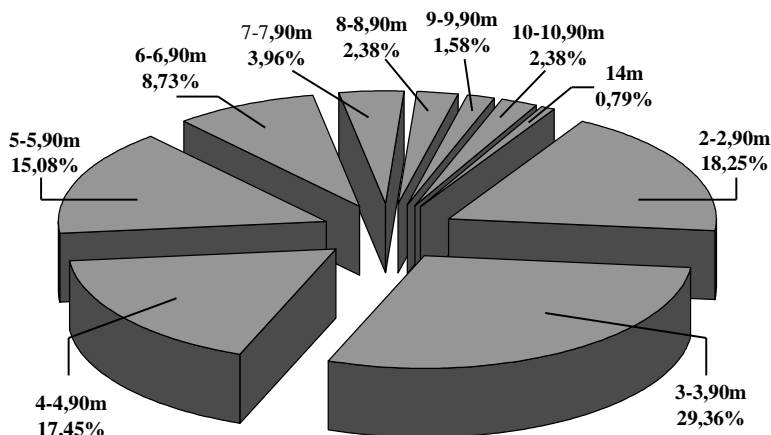
Os aglomerados individuais de casas não são grandes. Por sítio, elas aparecem agrupadas da seguinte maneira: só 1 casa aparece em 6 sítios; 2 aparecem em 7 sítios; 3 em 4 sítios; 4 em 5 sítios; 5 em 2 sítios; 6 em 3 sítios; 7 em 3 sítios; 8 em 4 sítios; 12 em 1 sítio. Elas costumam estar muito próximas umas das outras, formando aglomerados facilmente separáveis uns dos outros.

Como foi dito anteriormente, a reunião das casas num sítio não significa, necessariamente, que elas tenham formado uma aldeia. Para ter esta certeza, seria preciso datar uma por uma ou, ao menos, grande número delas nos respectivos assentamentos. Supõe-se que, em algumas situações, várias casas de um mesmo sítio tenham sido contemporâneas e tenham formado uma pequena aldeia. A razão para esta suposição é o fato de diversas casas partilharem o mesmo aterro (RS-A-68 com 8 casas partilhando um aterro e RS-A-77 com duas casas grandes ligadas por um aterro); outras vezes, os conjuntos podem ter surgido por sucessiva ocupação do mesmo espaço, como é manifesto no sítio RS-A-80, composto por 6 casas. Sítios novamente ocupados, com a construção de sucessivas unidades, até por 800 anos, foram documentados em Caxias do Sul (Schmitz et al., 1988) e em Vacaria (Schmitz & Rogge, 2004).

No sítio RS-A-80, no qual queríamos repetir a experiência de Caxias do Sul e de Vacaria, infelizmente não encontramos carvão adequado. As duas primeiras datações, que mandamos fazer na Beta Analytic, não puderam ser aproveitadas porque as amostras deveriam conter, ou constar de, carvão proveniente de queimadas e do uso agrícola da terra pelos atuais proprietários. Assim, tivemos de desistir de nosso intento.

Os registros anteriores nos induzem a pensar em ocupação do território, numa espécie de rotação de ocupações dentro de espaços não negociáveis, assegurando o domínio sobre eles, sobre seus bens gerais e recursos localizados, quer estes sejam de alimentação, de matéria prima, sociais ou mitológicos. Este domínio poderia ser promovido tanto a nível familiar quanto tribal. Para conseguir este domínio, seria difícil encontrar um meio mais eficaz que a construção de casas subterrâneas inamovíveis, marcando os respectivos espaços.

O tamanho das casas individuais, medidas, é o seguinte: 18,25% têm entre 2,00 e 2,90 m de diâmetro; 29,36% entre 3,00 e 3,90m; 17,45% entre 4,00 e 4,90 m; 15,08% entre 5,00 e 5,90 m; 8,73% entre 6,00 e 6,90 m; 3,96% entre 7,00 e 7,90 m; 2,38% entre 8,00 e 8,90 m ; 1,58% entre 9,00 e 9,90 m; 2,38% entre 10,00 e 10,90 m; 0,79% com 14,00. (Quando há duas medidas bastante díspares foi tomada a medida menor.) O gráfico mostra que são mais comuns as casas de 2,00 a 5,90 m e que são mais raras as casas maiores que 6,00 m. Estas podem estar associadas a estruturas com tamanhos menores (9 casos), ou isoladas (6 casos). As casas isoladas, com uma exceção, têm diâmetros de 6,00 m ou mais. A superfície total das habitações sugere que os assentamentos individuais não eram grandes.



A profundidade atual dessas estruturas varia de 0,20 m a mais de 2 m. A maior parte das casas foi sendo parcialmente entulhada por se achar em áreas de cultivo ou de pastagem. Destruição completa ocorre mais freqüentemente na instalação de parreiras e de lavouras mecanizadas.

Os materiais líticos e cerâmicos, mais o carvão, encontrados no interior dessas estruturas cavadas no solo, sugerem que elas eram habitacionais, usadas para várias funções, como abrigo, preparação e uso de instrumentos de pedra e utilização de cerâmica para cozinhar. Em casas bem conservadas estes materiais eram bastantes, em outras eram poucos. Para indicar as funções de cada uma das casas seriam necessárias muitas escavações e minuciosas análises das estruturas, dos sedimentos e dos artefatos.

As atividades não se restringiam ao interior das casas. Ao redor delas, ou em alguma proximidade, também é encontrado material das mesmas categorias, em maior ou menor abundância.

As casas tinham estruturas aéreas que seriam de troncos e palha, que desapareceram. Diversos arqueólogos criaram modelos de como teriam sido estas estruturas (La Salvia, 1983; Schmitz, 2002; Afonso & Moraes, 2002; Copé, 2006; Prous, 1992, entre outros). Devido à variedade que apresentam, alguns arqueólogos também especulam sobre que outras funções poderiam ter cumprido (Reis, 1980; DeMasi, 2006 entre outros), mas esta é uma discussão insuficiente baseada na empiria.

Junto das casas costuma haver o que denominamos 'montículos funerários', um conceito que ainda necessita muita pesquisa empírica. Eles aparecem como acúmulos elípticos de terra, que medem ao redor de 5 a 6 m

em seu eixo maior e são limitados por uma rasa valeta, em lua decrescente, na parte ascendente do terreno em que as estruturas estão implantadas. A terra removida desta valeta é a que forma o montículo. A instalação em terreno ascendente faz que esta terra, cavada só num dos lados, produza material suficiente para a formação do montículo. O conjunto valeta+montículo assume a forma aproximada de um círculo.

Dentro da valeta ou na proximidade, costuma haver um talhador, um núcleo, ou uma lasca grande, mais algumas lascas e fragmentos pequenos que supomos ligados ao trabalho da escavação.

No montículo (RS-A-75), que abrimos, não existia nada que lembrasse um corpo humano, só a terra retirada da valeta, que estava acumulada em cima da superfície natural do terreno. Uma análise química do solo poderia dizer se tinha havido um corpo, que se decompôs, mas esta análise ainda não foi realizada.

O tamanho do montículo e sua multiplicação nos assentamentos sugerem sepultamentos individuais. Eles costumam estar na periferia das casas, não entre elas; numa ondulação negativa do terreno pela qual escoam a água da chuva, ou de um banhado; aproveitando um terreno com maior declividade que aquela em que estão as casas. Só conhecemos um caso em que montículos parecem não estar ligados diretamente a casas (RS-A-74), mas esta pode ser uma falsa percepção, porque foram verificados sítios com casas a 100 m de distância.

Quando existem diversas casas num sítio também é comum haver vários montículos, o que sugere ter havido ali uma ocupação mais permanente ou renovada. Junto a casas isoladas seu aparecimento é exceção (RS-A-98). Não foram registrados junto a sítios a céu aberto.

Olhando o número de montículos por sítio temos a seguinte situação: 1 montículo aparece em 6 sítios, 2 montículos aparecem em 2 sítios, 3 montículos aparecem em 4 sítios, 5 montículos aparecem em 3 sítios, 6 montículos aparecem em 1 sítio. Ao todo foram registrados 43 montículos funerários.

Nossos dados sobre número de montículos e sua associação com as casas precisam ser tomados com certo cuidado porque nos primeiros sítios estudados em São Marcos (ao longo da rodovia São Marcos-Criúva e na linha Zambeccari) ainda não tínhamos o conceito de montículo funerário, uma vez que este fenômeno não fora percebido em pesquisas anteriores; nelas os montículos eram predominantemente restos de terra não utilizada no nivelamento das bordas de casas. Por esta razão em alguns sítios de São Marcos eles podem não terem sido registrados corretamente, constando talvez como casas subterrâneas.

Em publicação anterior (Schmitz & Rogge, 2004) também registramos os montículos funerários de São Marcos como estruturas semi-lunares e os interpretamos como bases de choças de acampamentos, mas agora percebemos que esta interpretação certamente é falsa. O próprio conceito de



'montículos funerários' tem base factual e interpretativa, mas ainda necessita de bons testes para se tornar mais sólida.

Estas estruturas são diferentes daquelas atribuídas aos índios Kaingang ou Xokleng, descritas como maiores e circulares, com valeta circundante e que podem conter restos humanos cremados. (Mabilde & Booth, 1983; Copé, Saldanha & Cabral, 2002; Copé, 2006; Herbets, 2006; DeMasi, 2006; Müller, 2008)

Em pesquisas posteriores a São Marcos encontramos os mesmos montículos funerários associados a casas subterrâneas, em sítio cerâmico no município de São José do Cerrito no Planalto de Santa Catarina (inédito) e em sítio pré-cerâmico, com pontas da tradição Umbu, no município de Taió na encosta do planalto, neste mesmo Estado (ver neste volume). Suspeitamos também que as 9 casas pequenas indicadas na figura 26, correspondente ao sítio RS-A-29, em Vacaria (Schmitz et al., 2002:71), dispostas ao longo de um declive acentuado, sejam realmente montículos funerários. Como casas elas seriam de difícil utilização.

O sepultamento em montículo, com pequena movimentação de terra, parece ter sido a forma comum de deposição dos mortos, quando não havia um abrigo rochoso próximo para esta função.

Na área de pesquisa existem diversos abrigos rochosos, nos quais foram encontrados ossos humanos provenientes de corpos abandonados na superfície ou guardados em pequenos nichos existentes nas paredes. Estes abrigos, nas íngremes pendentes que dão para rios e arroios encaixados, costumam ser pequenos, internamente secos, favorecendo a guarda dos corpos e a conservação de seus ossos. A água que escorre do teto por cima da boca, e a vegetação viçosa dos arredores, ajudam a criar um ambiente misterioso, propício para um cemitério.

Ao contrário do que se dava nos municípios de Vacaria, Bom Jesus e São José dos Ausentes, nos quais, em cada abrigo, se contabilizam dezenas de mortos (Krever & Haubert, 2001; Izidro & Haubert, 2003; Schmitz et al. 2005), em abrigos de São Marcos foram depositados 1, 2, 3, 3, 9 corpos respectivamente; em dois abrigos, os ossos presentes não puderam ser avaliados em número de indivíduos, mas correspondem ao menos a 1 indivíduo em cada um deles. Com isso temos ao menos 20 indivíduos nesses abrigos, contra os 43 montículos funerários registrados.

Em São Marcos parecem ter sido usadas, complementarmente, as duas formas de deposição dos mortos: junto às casas ou em abrigos rochosos. Quando havia um abrigo na proximidade das casas, temos deposições nele e não se registram montículos. Quando não existe um abrigo próximo, costuma haver montículos junto às casas. Isto pode ser verificado empiricamente em alguns sítios. No conjunto de sítios do Morro da Antena não existe nenhum abrigo funerário próximo, mas para 35 casas constatamos 22 montículos. Algo parecido ocorre na linha Café, onde junto aos sítios RS-A-81, 82, 83, 84 e 88,

não existe um abrigo funerário, mas para 29 casas há 10 montículos. Por outro lado, perto dos sítios RS-A-62, 63, 64, 99 e 100 da mesma linha Café existe o abrigo RS-A-65 com esqueletos e nenhum montículo junto às casas.

Diversos abrigos estão bastante longe de casas (especialmente RS-A-70 e 71). Os corpos neles depositados podem corresponder a falecidos em atividades fora de seu espaço residencial. Sobre estas atividades, especialmente nos campos, nos quais existem capões isolados e matas ribeirinhas, nada ainda conhecemos. Também pode acontecer que haja casas na proximidade, mas elas não foram noticiadas.

Além dos sítios de abrigos e de casas subterrâneas com ou sem montículos funerários, existem os chamados sítios a céu aberto. A unificação debaixo de um termo não significa uniformidade de função. Às vezes são pequenos espaços relativamente próximos de casas subterrâneas, contendo quantidades variáveis de material lítico em basalto, quartzo e calcedônia, além de cerâmica; outras vezes são assentamentos independentes em que foram recolhidos numerosos objetos líticos, feitos predominantemente em basalto local, compreendendo grandes núcleos, variadas lascas primárias e secundárias e grandes artefatos talhados com alguns golpes duros, sem preocupação com o refinamento dos gumes e das formas. Proprietários de terrenos falaram do encontro de lâminas polidas e mãos de pilão; alguns exemplares foram recolhidos.

O RS-A-59 é o mais típico sítio a céu aberto. O material lítico e cerâmico estava distribuído em seis concentrações que podem corresponder a outras tantas habitações, distantes 120 m de um conjunto de 12 pequenas casas subterrâneas. Na maior parte dos sítios o material foi bastante movido por instrumentos agrícolas, deixando menos clara a antiga distribuição das estruturas. No próximo item estudamos seu material.

Todas estas estruturas são típicas da mata mista com pinheiros. Nos campos que limitam com esta mata, menos recortados por cursos de água, não temos informações sobre sítios arqueológicos, a não ser alguns abrigos com deposição de mortos. Esta ausência não nos permite concluir que os campos estivessem fora do sistema de assentamento, e do território a ser mantido sob domínio. Ali podiam ser conseguidos recursos complementares, especialmente caça de animais maiores. Estes recursos não estariam tão claramente localizados e circunscritos como os do pinheiral e talvez devessem ser negociados entre famílias e grupos.

Procedimentos semelhantes poderiam reger a exploração dos recursos de rios e arroios mais afastados de aglomerados de casas.

## O MATERIAL LÍTICO

Nos sítios de São Marcos são numerosos os artefatos líticos lascados, usando como matéria prima o basalto, o riolito, o quartzo e a calcedônia. E são poucos os artefatos picoteados e polidos, usando como matéria prima o basalto. Na introdução ao trabalho já fizemos uma caracterização geral dos artefatos líticos, sobrando poucos acréscimos a fazer.

A maior parte dos objetos foi feita em basalto. Quando este basalto não é de boa qualidade, resulta em núcleos grandes, ainda com muito córtex, e lascas de bordos frágeis, que podem ser melhorados com um retoque, geralmente irregular, tornando-os mais resistentes, principalmente para cortar e raspar; estes retoques são produzidos por golpes irregulares em algum dos bordos, resultando num gume linear ou denteado, mas sem interferir na morfologia original da lasca. Quando a matéria prima é boa, o bloco é utilizado até tamanho médio e pequeno, sobrando raramente algum córtex. O pequeno tamanho de alguns núcleos indica que se continuaram tirando lascas até o total esgotamento da massa, mas as lascas que aparecem nesses tamanhos são irregulares e sem indícios de uso. Quando a matéria prima é fina temos, também, a ocorrência de fragmentos côncavos. A forma do núcleo resulta variada, podendo ser cuboide, globular, prismática, poliédrica, irregular.

As lascas podem ser corticais, semi-corticais, ou secundárias. Costumam ter plataforma de percussão preparada, lisa, raramente facetada ou cortical; alguma vez a borda externa da plataforma teve preparo mais cuidadoso que a retirada prévia de duas ou mais lascas, criando uma ou mais cristas dorsais. O bulbo é difuso, pouco acentuado; dependendo da matéria prima aparece uma cornija. A face interna é um pouco convexa, às vezes convexa-côncava. Não há regularidade na morfologia das lascas, correndo o eixo de força ora paralelo, ora perpendicular ou transversal à forma da mesma. Nossas medidas usaram os pontos mais salientes.

Depois das lascas, utilizadas diretamente, ou com pequena modificação por retoque, aparecem em maior número, especialmente nas coletas de Norberto Lucchi, os talhadores terminais, laterais ou bifaciais. Em número reduzido ocorrem raspadores, percutores, mãos de pilão, mós e lâminas polidas de machado (Figuras 42-47).

Em todos os sítios em que a coleta foi controlada podem ocorrer, ainda, lascas, fragmentos e núcleos de quartzo e de calcedônia; em calcedônia também três pontas de projétil.

Nisto consiste o material, predominantemente de caráter expeditivo, não curado, razão por que fora anteriormente classificado como de tradição Humaitá.

Procurando compreender a regularidade desta produção, voltamos aos registros feitos na descrição desses sítios e, a partir deles, organizamos as

duas tabelas que seguem. Delas excluímos amostras muito pequenas e amostras de cuja validade e completude não temos certeza.

A tabela 1 reúne dados sobre as amostras feitas nos sítios pela equipe de arqueologia, tanto em coletas superficiais como em escavação. Nela damos destaque às características dos objetos feitos em basaltos, com as seguintes colunas: sigla do sítio, quantidade de peças em basalto e riolito; a esta quantidade se referem as colunas seguintes: porcentagem de núcleos, de lascas, de fragmentos, de instrumentos, de objetos retocados, de objetos com córtex, tamanho das peças. As peças das colunas 'objetos retocados' e 'córtex' já foram incluídas nas quatro primeiras colunas, sendo aqui novamente destacadas pelas características indicadas. Na coluna 'tamanho' está novamente incluída a totalidade das peças. Nas colunas seguintes indicamos se existem objetos em quartzo e calcedônia, a quantidade de fragmentos cerâmicos e se a amostra vem de escavação de casa ou de coleta em sítio a céu aberto. Os dados completos podem ser sempre conferidos na descrição dos respectivos sítios.

Tabela 1

Sítio	Total	Categorias (100%)				% Parciais		Tamanho (100%)			Outras M.Primas		Cerâmica	Contexto	
		Núcleos	Lascas	Fragmentos	Instrumentos	Objetos retocados	Córtex	Grandes	Médias	Pequenas	Quartzo	Calcedônia		Casa	Superfície
A-51	94	12,76	55,31	28,72	3,19	6,38	26,59	8,51	71,27	20,21	X	X	3		X
A-56	73	16,43	41,09	36,98	5,47	6,84	31,50	15,06	50,68	34,24	X	X	7		X
A-64	45	20,00	62,22	17,77		11,11	26,66	13,33	62,22	24,44	X	X	3		X
A-67	79	10,12	48,10	40,50	2,53		21,51	12,65	37,97	49,36	X	X			X
A-72 (A)	79	21,51	49,36	11,39	17,72	6,32	35,44	32,91	50,63	15,45	X	X	?		X
A-91	57	7,91	45,61	21,06	26,31	10,52	24,56	29,82	50,87	19,29	X	X			X
Médias	427	14,78	50,28	26,07	9,20	6,86	27,71	18,71	53,94	27,17					
A-59 (1)	139	7,19	64,00	23,74	5,03	7,91	28,86	8,83	43,84	45,32	X	X	7		X
A-59 (2)	60	13,33	30,00	38,33	16,66	26,66	15,00	30,00	41,66	28,33	X	X			X
A-59 (3)	61	14,75	52,45	29,50	3,27	8,19	29,50	3,27	45,90	50,82	X	X			X
A-59 (4)	254	12,99	58,66	25,19	3,14	10,23	25,59	2,75	50,78	46,45	X	X	6		X
A-59 (5)	324	19,44	58,64	17,59	4,32	8,02	22,53	10,80	48,76	40,43	X	X	8		X
A-59 (6)	103	14,56	75,72	3,88	5,82	11,65	34,95	13,59	57,28	29,12	X	X	1		X
Médias	941	13,71	56,57	23,03	6,37	12,11	26,07	11,54	48,03	40,08					

Sítio	Total	Categorias (100%)				% Parciais		Tamanho (100%)			Outras M.Primas		Cerâmica	Contexto	
		Núcleos	Lascas	Fragmentos	Instrumentos	Objetos retocados	Córtex	Grandes	Médias	Pequenas	Quartzo	Calcedônia		Casa	Superfície
A-95	498	4,82	79,11	14,25	1,20	0,60	28,71	2,00	31,92	64,25			1	X	
A-54	226	37,16	56,63	6,19	4,42	0,88	24,77	23,00	45,01	30,97	X	X	49	X	
A-66	44	13,63	20,45	59,09	4,54		13,63	11,36	47,72	40,90	X	X			X

A tabela 2 reúne os objetos coletados por Norberto Lucchi em terras de sua propriedade, na Linha Café. Nessas coletas as peças pequenas estão menos representadas e estão ausentes aquelas feitas em quartzo e calcedônia; mas são numerosos os instrumentos em basalto, aparecendo também objetos polidos. Esta composição sugere que as coletas de Lucchi são menos sistemáticas que as da equipe, mas foram realizadas durante períodos mais longos, enquanto ele trabalhava as terras para cultivo ou pasto de animais. Por esta razão os materiais da tabela 02 não são representados em porcentagens, mas em números absolutos. Os dois tipos de coletas se complementam, mas a representatividade dos materiais não pode ser diretamente comparada.

Na tabela 2 as colunas são formadas pela sigla do sítio, a quantidade de peças em basalto e riolito, o número de núcleos, de lascas, de fragmentos; o número de lascas, fragmentos e núcleos com retoque; a quantidade de talhadores terminais, de talhadores laterais, de bifaces, de raspadores, de percutores, de bigornas, de mãos de pilão e de lâminas de machado. Os dados completos podem ser, novamente, conferidos na descrição dos correspondentes sítios.

Para a organização das duas tabelas usamos amostras que parecem confiáveis em termos de controle da coleta e suficientemente grandes (ao menos 44 unidades), para proporcionarem alguma validade às comparações.

A tabela 1 está organizada em quatro blocos: no primeiro reunimos seis amostras provenientes de coletas de superfície de diferentes lugares da área: RS-A-51, 56, 64, 67, 72 A, 91; no segundo, reunimos as amostras provenientes de seis conjuntos de material de um único sítio, o RS-A-59; no terceiro estão as duas amostras originadas da escavação de casas, RS-A-95 e 54; o quarto contém a amostra do único um sítio em que aparecem pontas de projétil.

Os objetos de todos os blocos podem ser reunidos usando as mesmas categorias e, dentro de cada categoria, as porcentagens são conciliáveis.

Olhando o primeiro bloco da tabela, que reúne 427 objetos de seis sítios, observamos bastante semelhança nas porcentagens das categorias representadas nas colunas, que podem ser expressas em médias não muito destoantes das amostras por sítio: 50% do total são compostos pelas lascas, NÚMERO 67, ANO 2009

26% pelos fragmentos, quase 15% pelos núcleos, 9% pelos instrumentos formatados. O predomínio das lascas e uma alta porcentagem de núcleos indicam que a produção de lascas é, claramente, um dos objetivos; a porcentagem de lascas e fragmentos retocados confirma esta intenção. 27% de córtex no total das peças indica o uso de blocos e seixos de relativo tamanho, com os quais se podem produzir numerosas lascas. Os 54% de peças entre 5,1 e 10 cm caracterizam o tamanho das peças das coleções. Em todas as amostras, além de basaltos, temos a utilização de quartzo e calcedônia.

O segundo bloco reúne as seis amostras provenientes do sítio RS-A-59. O comportamento das porcentagens é muito parecido com o do bloco anterior, embora as médias apresentem pequenas diferenças. No RS-A-59 (2) chama atenção a porcentagem reduzida das lascas, compensada pela presença maior de artefatos e de fragmentos retocados; menor porcentagem de lascas, menor presença de córtex. No (6) a porcentagem maior de lascas é compensada pela presença menor de fragmentos; com mais lascas, há também acréscimo no córtex. O fato de estas duas amostras fazerem parte do mesmo assentamento pode alertar-nos para a variabilidade que também pode existir no interior dos outros sítios, mas que as coletas gerais não chegam a registrar.

O terceiro bloco junta as duas amostras vindas da escavação de casas. O sítio RS-A-95, com apenas 1 fragmento cerâmico, sem quartzo e calcedônia, mostra tipicamente o processo inteiro do lascamento, e seu volume, dentro de uma casa, portanto em espaço restrito, supostamente por um só lascador, que sentava num grande bloco trazido para dentro da habitação. Em  $\frac{3}{4}$  da casa foram recuperadas 498 peças líticas de basaltos. Na amostra temos a maior porcentagem de lascas de todas as amostras (79,11%), um número muito pequeno de artefatos formatados e de lascas e fragmentos retocados, e o maior número de objetos pequenos (64,25%). A maior porcentagem de lascas e de objetos pequenos pode não resultar somente da intencionalidade do lascador, mas ser consequência também de maior controle na coleta; nas amostras superficiais o solo raramente apresentava ótima visibilidade.

O interior de outra casa, do RS-A-54, com 49 fragmentos cerâmicos, abundância de quartzo e calcedônia, redundou em 113 objetos em basalto. Uma variação maior com as demais amostras é o número maior de núcleos (37,16%); na pequena porcentagem de lascas e fragmentos retocados acompanha a outra casa.

Examinamos depois o sítio RS-A-66, no qual apareceu a maior quantidade de material em quartzo e calcedônia, inclusive 2 pontas de projétil em calcedônia e uma pré-ponta em basalto. Nesta amostra temos a menor porcentagem de lascas (20,45%), a maior porcentagem de fragmentos (59,09%) e a menor porcentagem de córtex (13,63%). Como se vê, o sítio se distingue dos demais, não só pela presença das pontas, mas também pelas diferenças nos resíduos de produção em basalto. Ele pode não ser do mesmo grupo que produziu as demais amostras.

Com a possível exceção do sítio superficial com pontas, as amostras tanto das coletas superficiais, quanto do interior das casas, não apresentam variações que indiquem opções tecnológicas ou funcionais diferentes, mas variabilidade natural dentro de uma indústria lítica.

Tabela 2

Sítio	Total	Núcleos	Lascas	Fragmentos	Lascas retocadas	Talhadores terminais	Talhadores laterais	Raspadores	Bifaces	Percutores	Mãos	Machados	Bigornas	Outros
A-63	851	243	110	20	84	291	80	10	5	5	3			
A-64	80	23	5		5	36	9	1	1					
A-85	96	11	3		1	73	5			2			1	
A-99	136	25	22		8	58	13	1	2	5	2			
A-100	335	27	59		34	123	55	2	2	10	3	1	1	18
<b>Total</b>	<b>1498</b>	<b>329</b>	<b>199</b>	<b>20</b>	<b>132</b>	<b>581</b>	<b>162</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	<b>22</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>18</b>

As coletas feitas por Norberto Lucchi (tabela 2), mais seletivas e continuadas, dão uma idéia melhor da potência dos sítios amostrados. Como foram recolhidas principalmente peças grandes e reconhecíveis, muitas vezes em meio a vegetação alta, pasto ou plantação, podemos sentir falta de peças pequenas, mas temos boas condições de avaliar a quantidade de núcleos, de lascas e fragmentos retocados, de talhadores terminais, laterais e bifaciais, de raspadores, como também de percutores e bigornas e de artefatos picoteados ou polidos, como mãos de pilão e lâminas de machado, que formam as colunas da tabela. A grande quantidade de núcleos e de lascas e fragmentos retocados confirma a inferência anterior de que a produção de lascas para uso imediato ou com pequeno retoque é um dos objetivos dos moradores.

A quantidade de peças nessas coletas deixa claro que os assentamentos a céu aberto não podem ser considerados, sempre, meras dependências de conjuntos de casas subterrâneas, como às vezes parece acontecer; mas podem formar assentamentos com potencial próprio, o que parece ter sido mais freqüente. Para saber da função e sazonalidade destes sítios, serão necessários estudos de mais detalhe.

Também é importante lembrar que os sítios de Lucchi se encontram na Linha Café, que é um dos pontos de concentração de assentamentos. Para o outro ponto de concentração, que é o Morro da Antena, só temos a escavação do RS-A-54, onde o material também é abundante, mas não temos coletas superficiais. Os sítios a céu aberto dispersos pelo território, com exceção do RS-A-59, parecem ter sido menos potentes.

Há certa equivalência no material lítico de todos os sítios. Embora não se tenha encontrado cerâmica em todas as amostras, não temos nenhum receio de atribuí-las à tradição Taquara. Talvez seja exceção o RS-A-66, no qual foram encontradas duas pontas de projétil em calcedônia, mais uma pré-forma de ponta em basalto, além de outras diferenças com o restante dos sítios. Assentamentos da tradição Umbu são absoluta exceção no planalto do Rio Grande do Sul. No município de Caxias do Sul, dentro do perímetro urbano, foi encontrado um sítio com numerosas pontas de projétil da tradição Umbu, indicando um sítio estável, não um pequeno acampamento como o RS-A-66; o sítio não está datado. Mais um sítio é conhecido do município de São Francisco de Paula (Corteletti, 2008).

## A CERÂMICA

Como em outras áreas do planalto, a cerâmica ligada às casas subterrâneas e aos sítios a céu aberto a que nos referimos até aqui, é muito pouca, somando 249 fragmentos para toda a área (tabela 3). Só em três sítios (RS-A-62, 54 e 59) ela tem certa representatividade. Dos fragmentos, 67,46% têm acabamento simples, 8,03% brunido, 7,63% ungulado, 6,82% pinçado, 3,61% pontado, 3,61% vermelho interno ou externo, 1,20% inciso, 1,60% não classificado. A abertura da boca é pequena, variando de 10 a 20 cm e a capacidade de 1 a 2 litros. As formas são de pequenos potes com borda levemente infletida (Figura 48). A forma e a decoração são da tradição Taquara (Schmitz et al., 2002).

No meio dos sítios atribuídos à tradição Taquara apareceu um pequeno e isolado sítio com cerâmica da tradição Tupiguarani. Nele foram recolhidos 40 fragmentos típicos, sendo 7 simples, 14 corrugados, 18 corrugados-ungulados, 1 pintado branco interno-externo; as bordas sugerem uma panela corrugada-ungulada com abertura de 24 cm, uma tigela corrugada-ungulada com 26 cm de boca e uma tigela pintada interna e externamente, com abertura de 26 cm. Pequenas intrusões de peças cerâmicas da tradição Tupiguarani foram registradas em Caxias do Sul (Schmitz et al., 1988) e em Bom Jesus (Mentz Ribeiro et al., 1994).



Tabela 3

SÍTIOS	Simplex	Brunido	Pinçado	Ponteadado	Ungulado	Inciso	Vermelho externo	Vermelho interno	Inclás.	Total
RS-A-51	3									3
RS-A-54	46	3								49
RS-A-56	2		1	2	2					7
RS-A-57	1									1
RS-A-58			1		1					2
RS-A-59	7		5	4	5				2	23
RS-A-61	6									6
RS-A-62	99	17	6	3	11	3	8	1	2	150
RS-A-64	3									3
RS-A-80			4							4
RS-A-85	3									3
RS-A-95	1									1
Total	168	20	17	9	19	3	8	1	4	252

## CONCLUSÃO

Tentamos, finalmente, relacionar os diversos elementos do sistema.

A paisagem é o Planalto Basáltico, cortado pelo rio das Antas e seus afluentes da margem esquerda que, no aprofundamento de seus leitos, definiram altos patamares, enquadrando-os entre rios e arroios encaixados, que nascem de banhados em ondulações negativas desses patamares ou brotam das encostas.

Os ambientes disponíveis para ocupação humana eram: o campo com capões de pinheiros e estreitas fímbrias de mata acompanhando nascentes e arroios rasos, e a mata mista com pinheiros nas encostas e terras mais recortadas, seus arroios e rios.

Não há registro de populações que tenham antecedido as das casas subterrâneas. Esta ocupação foi tardia, acompanhando o desenvolvimento da mata com pinheiros que, saindo das encostas recortadas do planalto, se foi expandindo por cima dos campos próximos, desde o primeiro milênio de nossa era. Apesar de ser um fenômeno localizado, a ocupação da região não era independente do que vinha acontecendo em outras partes do Planalto Meridional, em que se registra a mesma forma de instalação material. As datas antigas mais numerosas para esta nova forma de ocupação humana do

planalto encontram-se no vizinho município de Caxias do Sul, onde ela se manifesta desde meados do primeiro milênio de nossa era. Como as datas do início se vão tornando menores na medida em que avançamos sobre o planalto, podemos supor que a origem do povoamento em São Marcos esteja situada entre a de Caxias do Sul e a de Vacaria, isto é, ao redor do final do primeiro milênio de nossa era.

A criação da cultura material desses novos povoadores se baseia na exploração dos recursos animais, vegetais e minerais da mata, dos campos, dos solos e dos cursos de água. O pinheiro pode ser considerado o recurso mais abundante, mas também crítico, por sua distribuição diferencial no espaço e seu rendimento cíclico. Ele produz grande volume de sementes de alto valor nutritivo, passíveis de conservação para consumo em períodos pouco abastecidos, além de atrair mamíferos e aves de diversas espécies, que podem fornecer alimento, peles ou plumagens. A mata de pinheiros ainda oferece troncos e varas para construção e combustível de excelente qualidade. O clima temperado, com verões quentes e invernos frios, sem nenhum mês seco, possibilita ainda o complemento de cultivos tropicais, favorecendo o estabelecimento estável da população.

Não temos informações diretas sobre a economia, a sociedade e o mundo espiritual da população que aí se instalou. A analogia com seus supostos descendentes, os índios Kaingang, também não é uma trilha segura para interpretar os fenômenos arqueológicos. Por isto somos obrigados a construir um modelo a partir dos dados empíricos.

O que mais caracteriza a instalação material dos povoadores são as casas com pisos profundamente rebaixados, em grupos ou isoladas, que se distribuem no espaço em forma de rede, cobrindo os pontos mais altos, com domínio visual dos arredores até o horizonte. Dentro desta rede existem dois pontos de concentração: o do Morro da Antena, no patamar mais elevado do território, e Linha Café, num rincão protegido entre rios e arroios. As casas ocupam as matas com pinheiros, chegando algumas até a borda dos campos.

Elas estão nos altos patamares, instaladas próximas de banheiros e nascentes, longe de arroios e rios encaixados, o que facilitava a comunicação entre elas. As casas que formam os diversos aglomerados não necessariamente são contemporâneas; se fossem, teríamos aldeias de certo tamanho. Mas, em muitos casos, o conjunto parece resultar da construção de novas casas quando as anteriores já foram abandonadas, indicando a volta aos antigos lugares. A multiplicação de montículos funerários junto a essas casas reforça a idéia de permanência de casas e conjuntos. Os montículos parecem corresponder a deposições individuais, resultantes de mortes sucessivas, não de hecatombes. A deposição dos mortos em abrigos rochosos próximos a casas teria o mesmo sentido, de deposições individuais. Quando em abrigos no campo, longe de casas, as deposições podem corresponder a mortes individuais ocorridas com indivíduos em atividades externas.

A volta aos mesmos conjuntos de casas com seus sepultamentos e o estabelecimento dos sítios em rede cobrindo o espaço, podem ser interpretados como um mecanismo tanto de domínio territorial quanto de garantia de acesso a recursos localizados. O mecanismo pode ser eficiente com uma população não muito grande, como parece ter sido a de São Marcos.

O território, de fato, parece ter estado sob domínio. Só encontramos um pequeno acampamento de uma população que usava pontas de projétil, atribuídas à tradição Umbu e um pequeno sítio com cerâmica da tradição Tupiguarani.

As casas com pisos rebaixados podem ser consideradas não apenas funcionais, abrigando do frio e da chuva, mas também marcadoras de posse de lugares considerados estratégicos e, finalmente, demonstração de uma identidade cultural ou étnica. Os assentamentos a céu aberto seriam, então, complementares, respondendo a variadas necessidades, de caráter permanente ou sazonal, como a mineração de material, o manejo florestal, a caça e o cultivo.

Os artefatos líticos produzidos pelos moradores, expeditos e pouco trabalhados, excetuando umas poucas mãos de pilão e lâminas de machado, lembram artefatos de grupos cultivadores e fazem supor a utilização preferencial de matérias primas vegetais e animais. A reduzida quantidade e o pequeno tamanho das vasilhas cerâmicas também sugerem que a movimentação no território ainda faz parte de seu sistema de estabelecimento. Talvez também devamos atribuir os sítios a céu aberto a esta movimentação. A visão final da cultura não é a de um agricultor estável, nem a de um caçador itinerante, mas a de um grupo estável num território, que complementa o manejo de recursos florestais com a caça, a pesca e cultivos tropicais. Para isto ele se apossa da paisagem e de seus recursos, moldando e recriando-a para sua utilidade. Estabelecimentos semelhantes se propagaram por todo o Planalto das Araucárias. Este povoamento era diferente daquele que populações lusas, poloneses e italianas criaram posteriormente nos mesmos lugares, mas estava baseado essencialmente nos mesmos princípios.

**Agradecimentos:** Ao P. Osmar Possamai, Áureo Bertelli, a Norberto Lucchi e a todos os moradores, que permitiram as pesquisas em suas terras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, M.C. & MORAIS, J.L. de 2002. Estudo de uma “casa subterrânea” na bacia do rio Ribeira de Iguape, São Paulo. *Pesquisas, Antropologia* 58:157-163.
- BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 10:05-125. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.
- BEHLING, H. 1995. Investigations into the Late Pleistocene and Holocene history of vegetation and climate in Santa Catarina. *Vegetation History and Archaeobotany* 4:127-152.
- BEHLING, H., BAUERMANN, S. & NEVES, P. 1999. Holocene environmental changes from São Francisco de Paula region in Southern Brazil. arquivo digital. Porto Seguro: VII Congresso da ABEQUA.
- BRENTANO, C. & SCHMITZ, P.I. 2006. Marcas de corte e patologia em esqueletos de jazigo funerário da tradição Taquara na Encosta do Planalto. *Pesquisas, Antropologia* 63:289-303.
- COPÉ, S.M. 2006. *Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du Sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris, Universidade de Paris I – Panthéon – Sobronne. (Tese de doutorado)
- COPÉ, S.M.; SALDANHA, J.D. de M. & CABRAL, M.P. 2002. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia* 58: 121-138.
- CORTELETTI, R. 2008. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre, Nova Prova Editora.
- DE MASI, M.A.N. 2006. Arqueologia das terras altas do Sul do Brasil. O baixo vale do Rio Canoas, SC. In: DE MASI, M.A. N. (org), *Xokleng 2860 a.C. As terras altas do Sul do Brasil*. P. 47-76.
- DIAS, A.S. 2003. *Sistema de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, RGS*. São Paulo, USP (Tese de doutorado)
- FORSBERG, L.L. 1985. *Site variability and settlement patterns*. Umea, University of Umea (Tese de doutorado).
- HERBERTS, A.L. 2006. Arqueologia do Planalto Catarinense: os vales dos rio Chapecó e Pelotas. In: DeMasi, M.A. N. (org), *Xokleng 2860 a.C. As terras altas do Sul do Brasil*. P. 155-165.
- IZIDRO, J.M. & HAUBERT, F. 2003. Análise de remanescentes ósseos de abrigos-sob-rocha do RGS. (Resultados provisórios). *Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo (CD-Rom).
- KERN, A.A.; SOUZA, J.O.C. & SEFFNER, F. 1989. Arqueologia de Salvamento e ocupação pré-histórica do vale do Rio Pelotas (Municípios de Bom Jesus e Vacaria, RS). *Revista Veritas*, v. 34 (134):277-300 e v. 35 (133):99-127

KREVER, M.L.B. & HAUBERT, F. 2001. Estudos dos remanescentes humanos do Planalto Sul-Rio-Grandense: Projeto Vacaria. *Anais da XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Arqueologia no Novo Milênio. Rio de Janeiro (Cd-Rom)

LA SÁLVIA, F. 1983. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: BERTUSSI, P., DE CURTIS, J., LA SALVIA, F. et al. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto.

MABILDE, Pièrre A.F. & BOOTH, F.A. 1983. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos matos da província do Rio Grande do Sul: 1836-1866*. São Paulo, IBRASA.

MENTZ RIBEIRO, P.A. 1999-2000. A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana* 17/18/19:9-49.

MENTZ RIBEIRO, P.A. & RIBEIRO, C.T. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 12(14):49-105.

MENTZ RIBEIRO, P.A. (coord.); HERBERTS, A.L.; DIEHL, A.B.; HOELTZ, S.; BUCHAIM, J.J.S. & RIBEIRO, C.T. 1994. Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo 8(1):221-236.

MILLER, E.T. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul. *Publ. Av. Mu. Pa. Emílio Goeldi* 15:37-60.

MÜLLER, L.M. 2008. *Sobre índios e ossos*. Estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato. Porto Alegre, PUCRS (Dissertação de mestrado).

NIMER, E. 1977. Clima. In: *Geografia do Brasil, Região Sul*. Rio de Janeiro, IBGE. P. 35-79.

OLIVEIRA, J.P. de (org). 1999. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

PROUS, A. 1992. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília.

REIS, M.J. 2007. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense*. Erechim RS. Clássicos da Arqueologia.

REIS, J.A. dos 2002. *Arqueologia dos Buracos de Bugre: uma pré-história do Planalto Meridional*. Caxias do Sul, EDUCS.

SCHMITZ, P.I. 1988. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. Documentos 2:75-130.

SCHMITZ, P.I. 1999-2000. Arqueologia do Planalto Sul-Brasileiro. *Revista de Arqueologia Americana* 17/18/19:51-74. México, Instituto Panamericano de Geografia e História. *Ciência Hoje*, vol. 31, nº 181:22-29.

SCHMITZ, P.I. 2002. As 'casas subterrâneas'. Fragmentos de história dos índios Kaingang.

SCHMITZ, P.I. & ROGGE, J.H. 2004. Dados e reflexões para o sistema de assentamento de populações ceramistas do planalto do Rio Grande do Sul. *Revista de Arqueologia* 17:101-115.

SCHMITZ, P.I.; BASILE BECKER, I.I.; LA SÁLVIA, F.; LAZZAROTTO, D. & MENTZ RIBEIRO, P.A. 1988. Pesquisas sobre a tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 02:5-74.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.; MAUHS, J. & ARNT, F.V. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-grandense. In: Schmitz, P.I. (ed.): *Casas subterrâneas nas terras altas do Sul do Brasil*. Pesquisas, Antropologia 58:11-105.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.; MAUHS, J.; HAUBERT, F.; IZIDRO, J.M.; ARNT, F.V. & DIAS, J.L.Z. 2005. Os índios engenheiros e suas estranhas casas enterradas. In: S.E.S. Milder (org) *Casas subterrâneas*. Anais do I Colóquio sobre sítios construídos. Santa Maria, UFSM, p. 129-182.

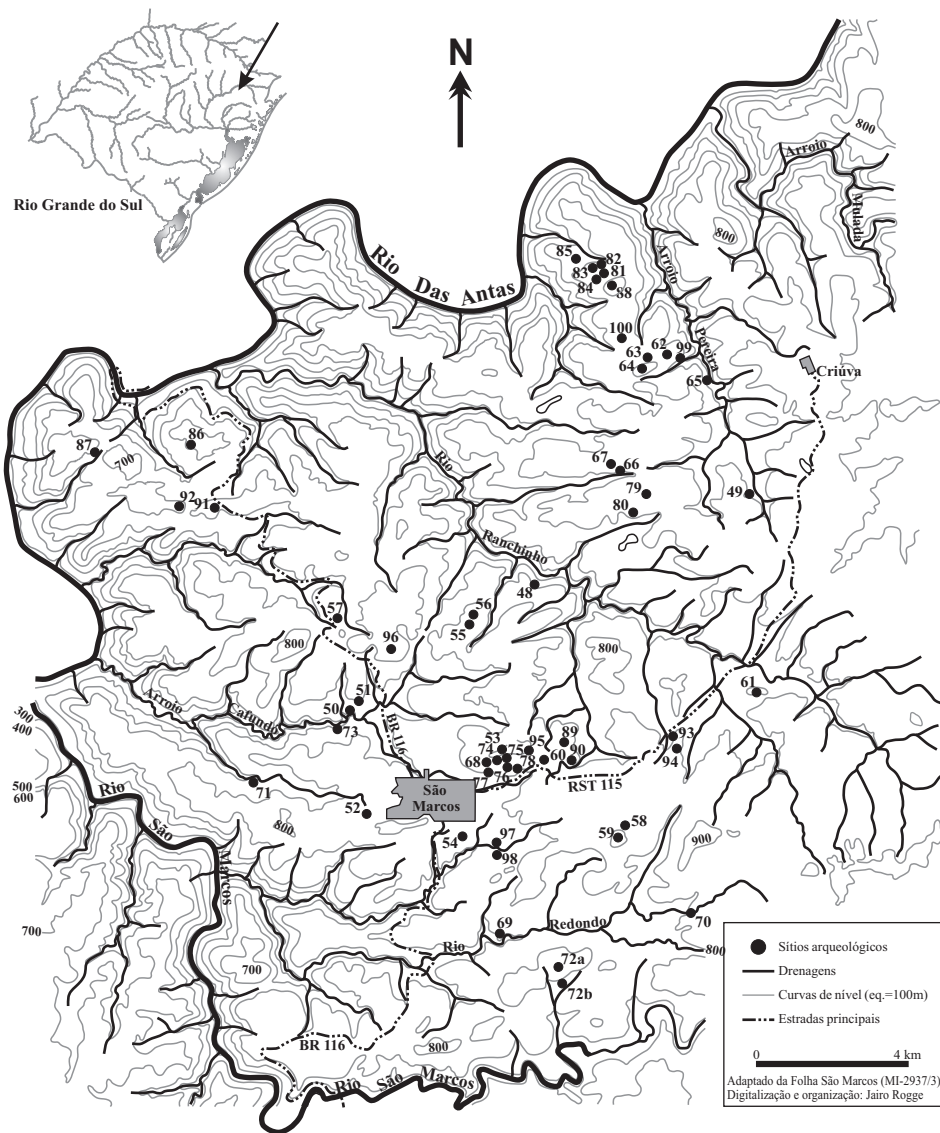


Figura 1: Localização dos sítios de São Marcos sobre mapa hidrográfico e curvas de nível em intervalos de 100m.

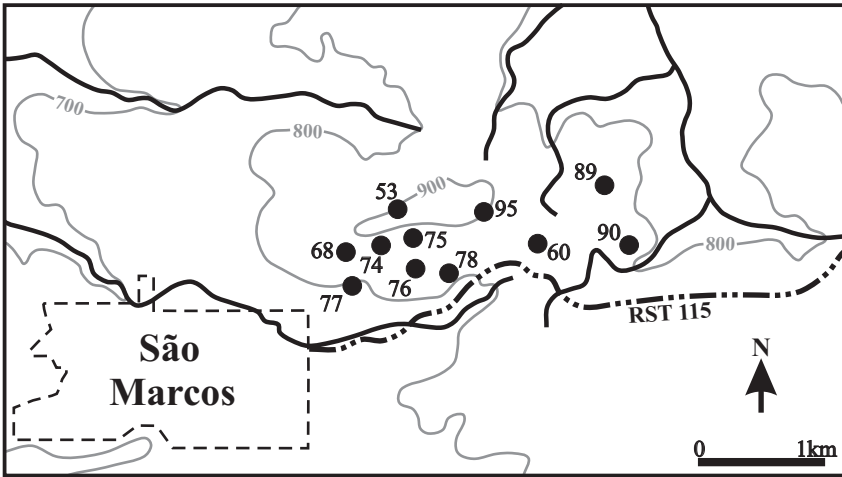


Figura 2: Sítios do Morro da Antena.

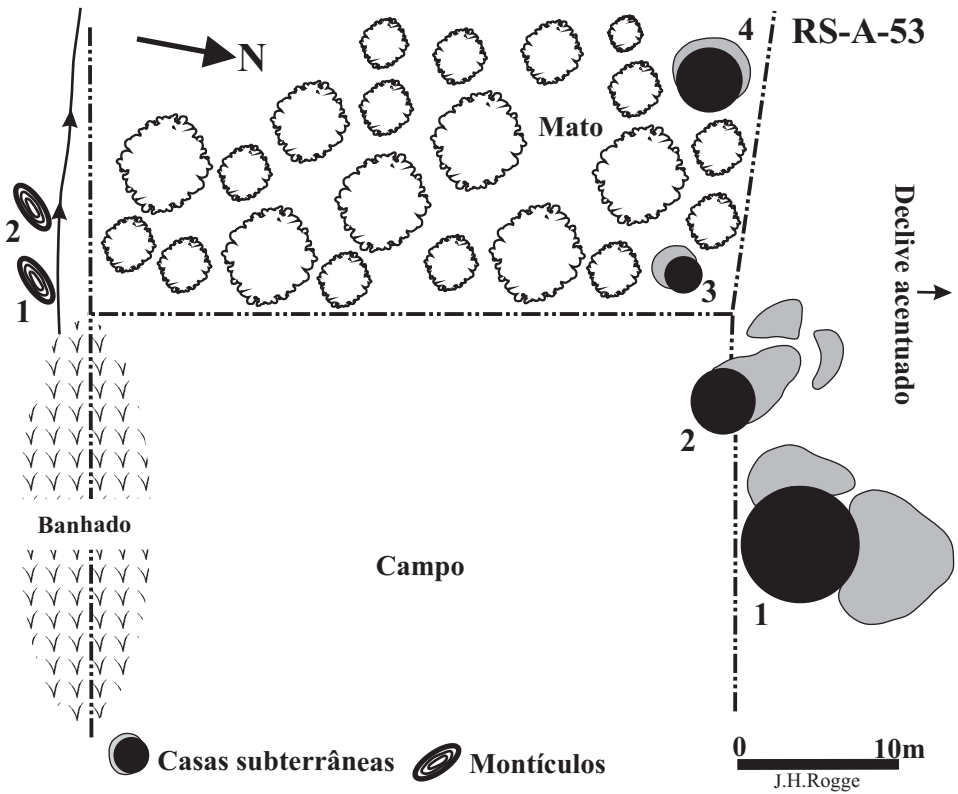


Figura 3: Estruturas do sítio RS-A-53.



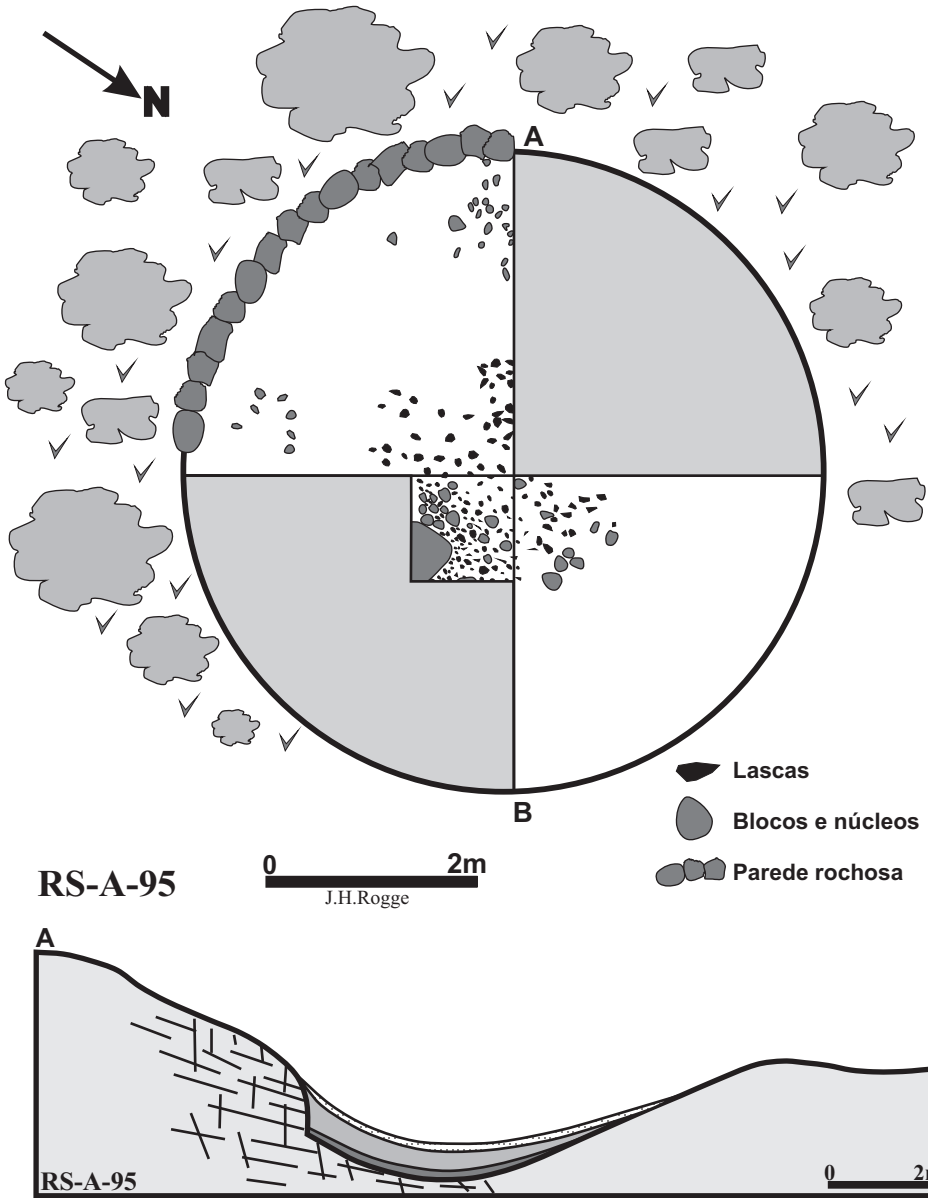


Figura 4: Planta e perfil da casa subterrânea do sítio RS-A-95.

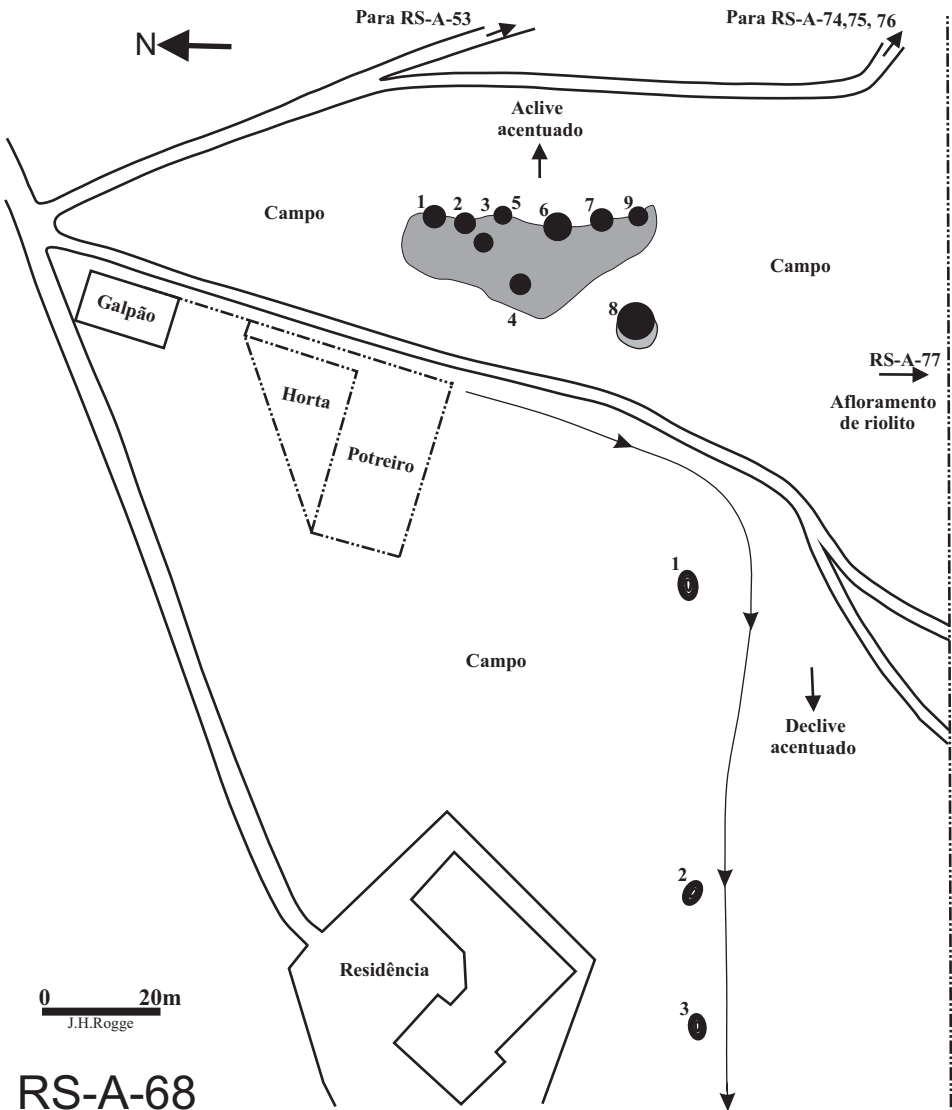


Figura 5: Croqui do sítio RS-A-68.

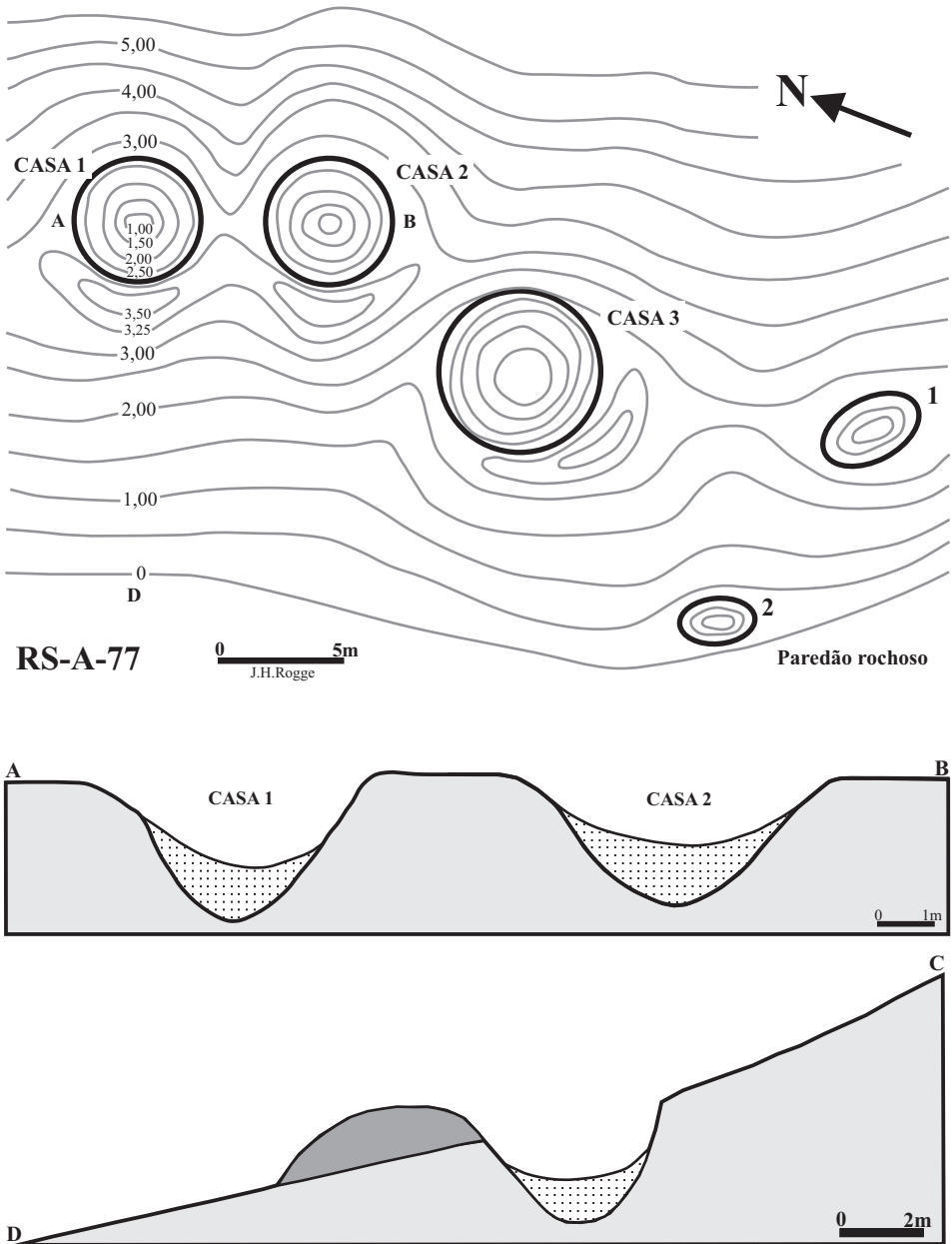
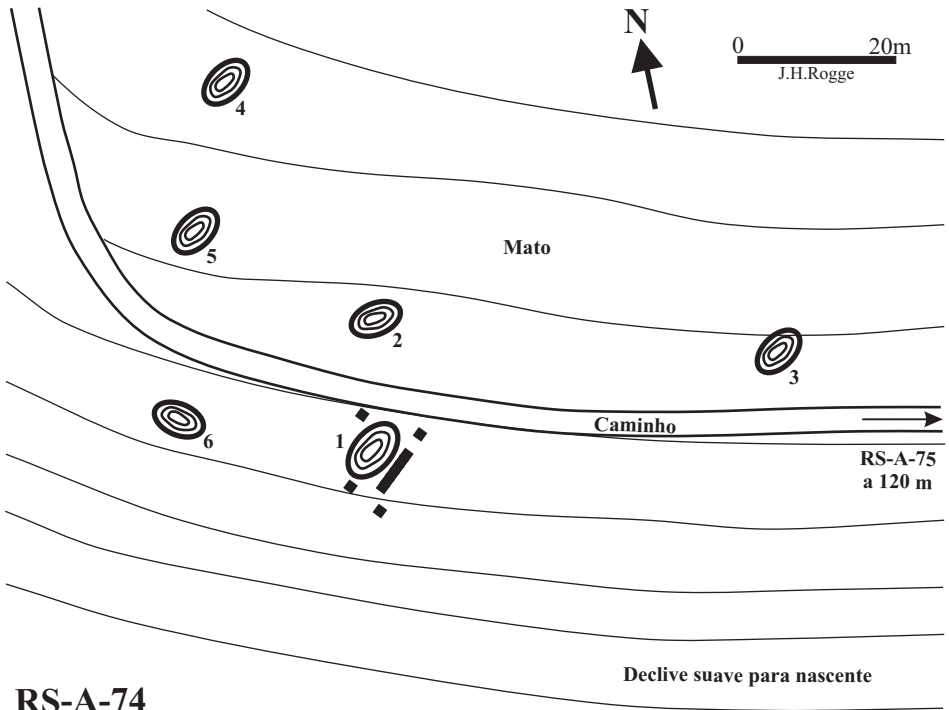


Figura 6: RS-A-77. Croqui e perfil.



**RS-A-74**

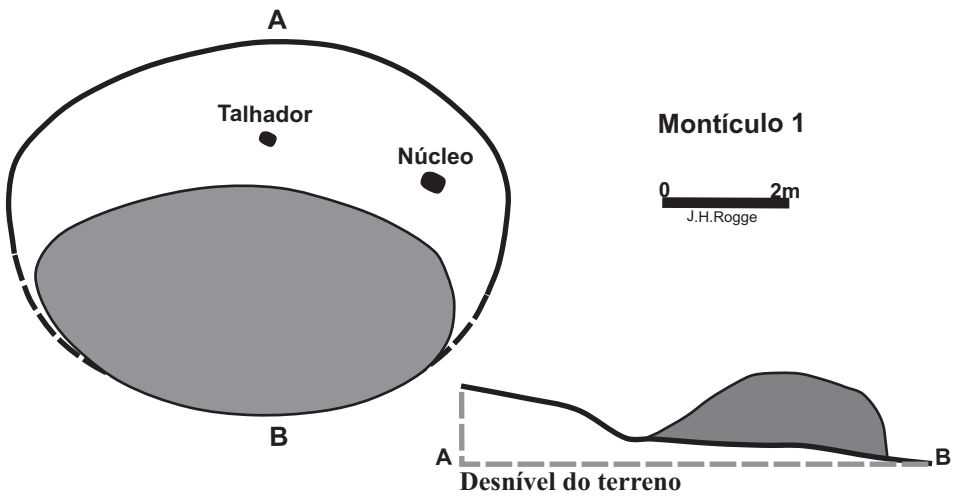


Figura 7: RS-A-74. Croqui do sítio, plano de um montículo e perfil.

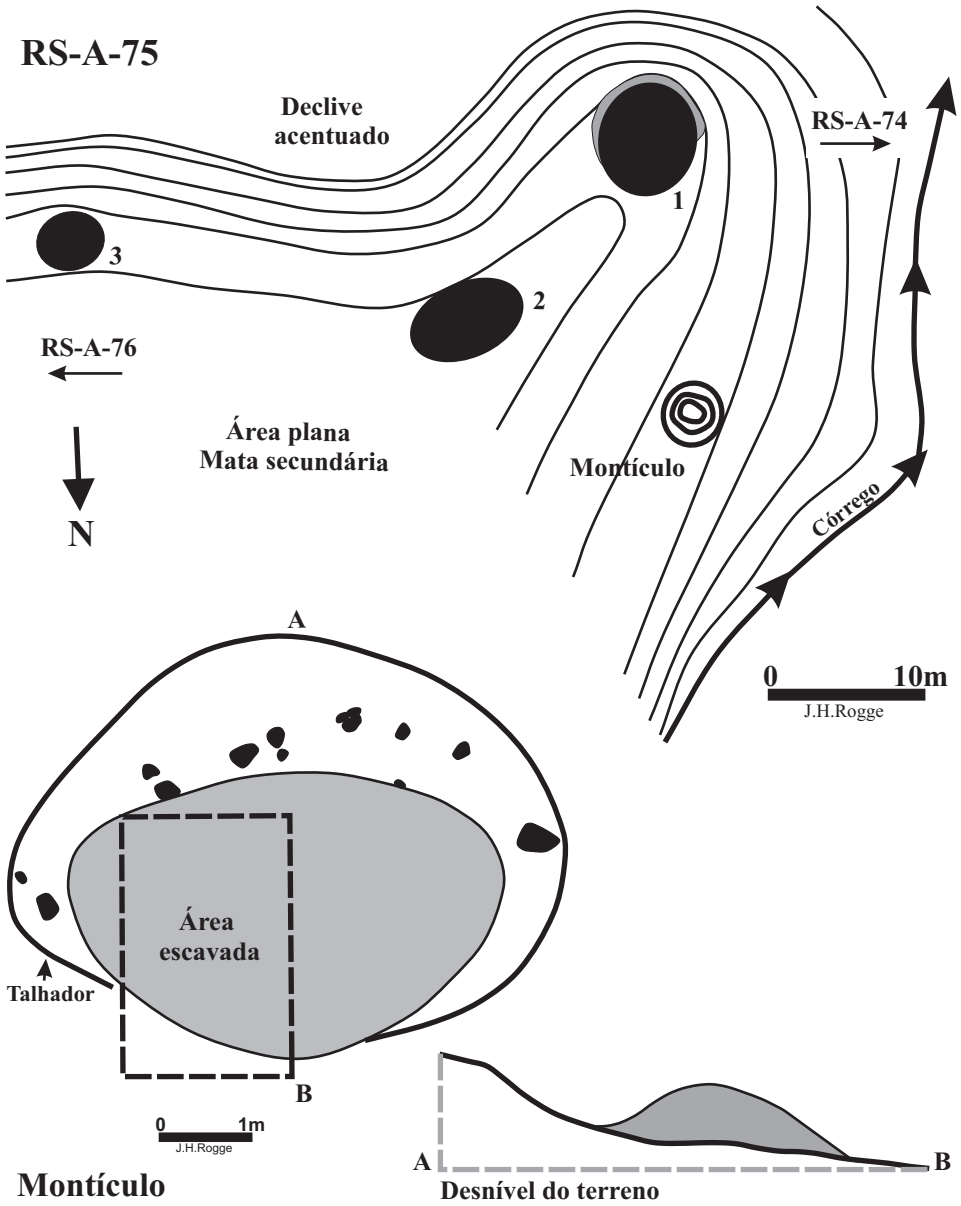


Figura 8: RS-A-75. Croqui do sítio, plano e perfil do montículo.

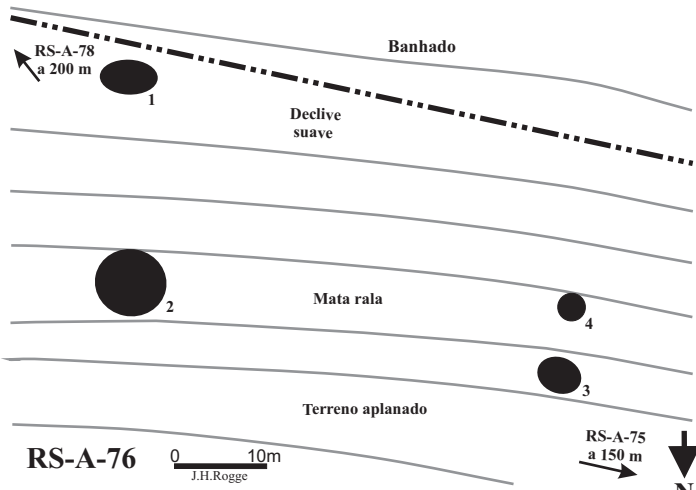


Figura 9: Croqui do sítio RS-A-76.

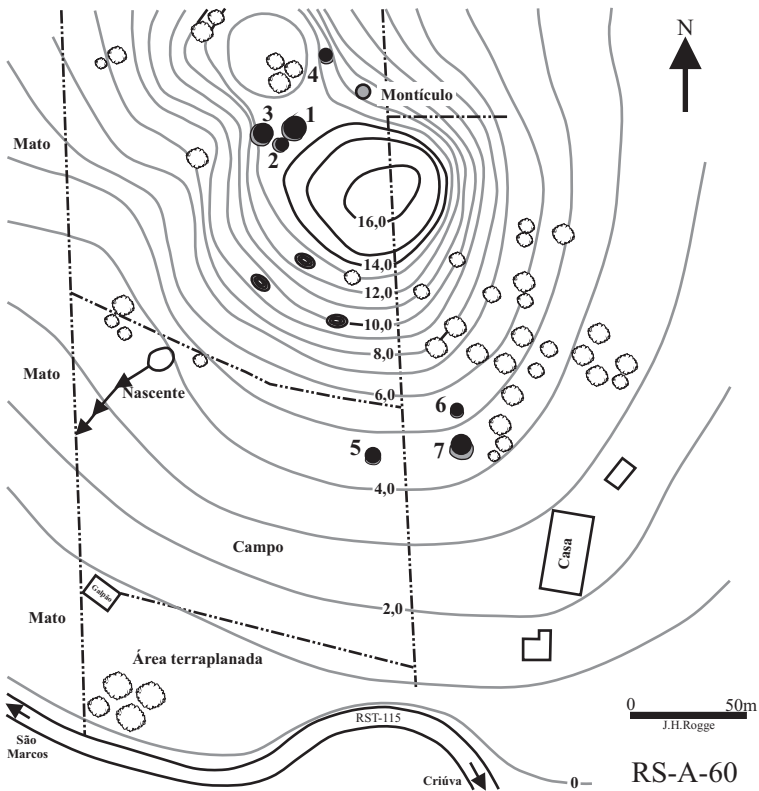


Figura 10: Croqui do sítio RS-A-60.

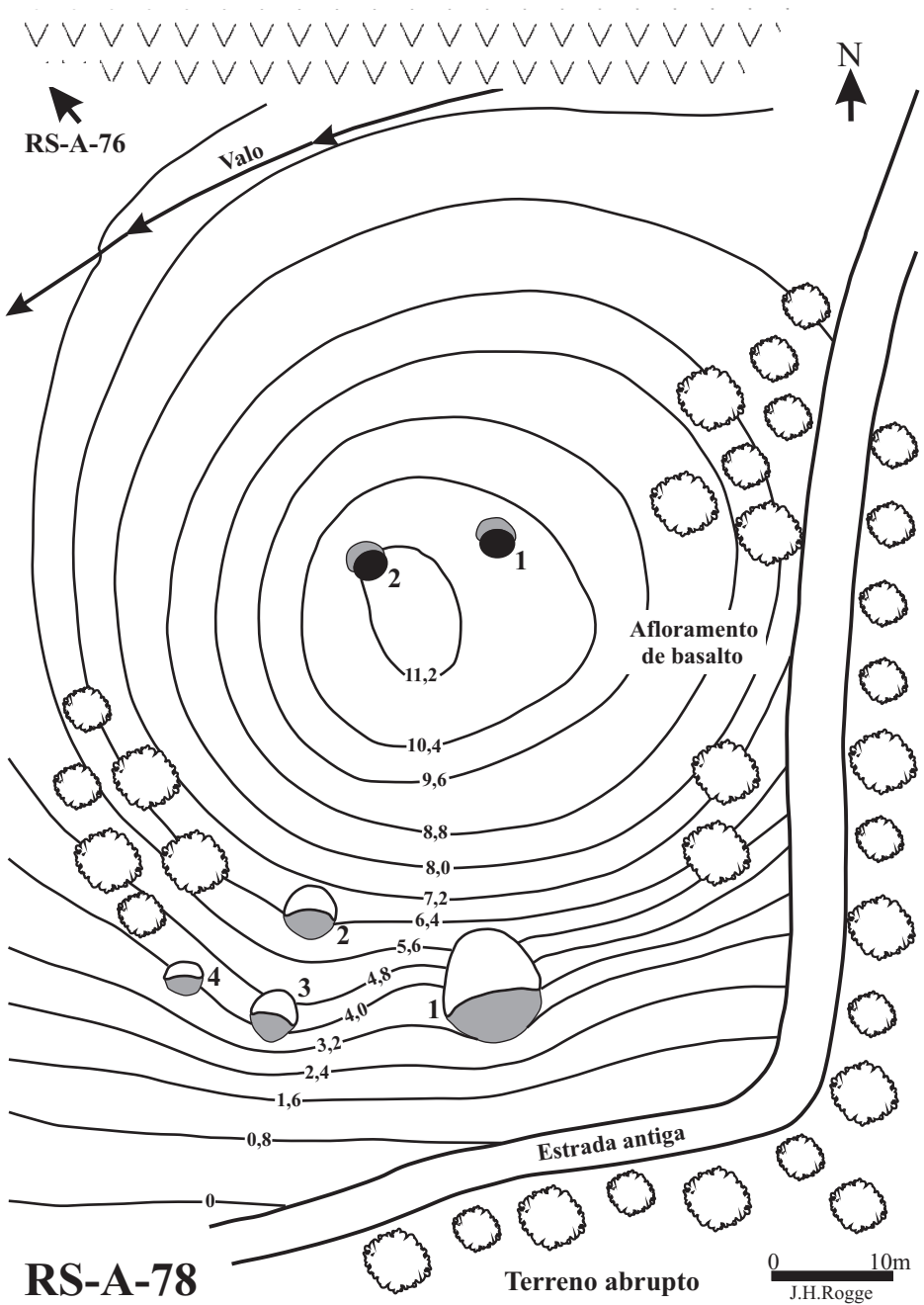
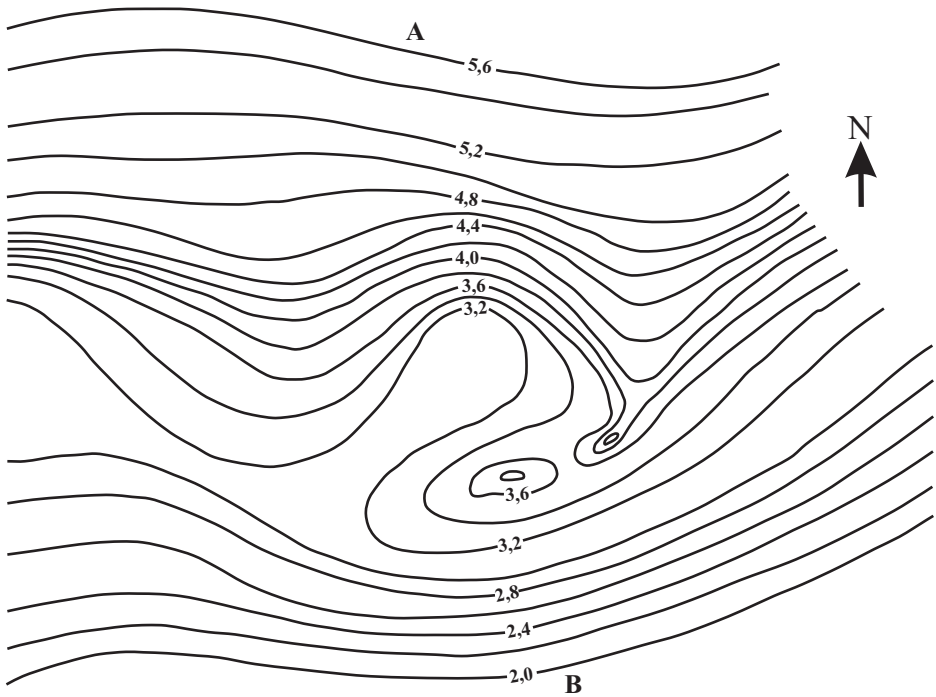


Figura 11: Croqui do sítio RS-A-78.



**RS-A-78: Montículo 1**

0 2m  
J. H. Rogge

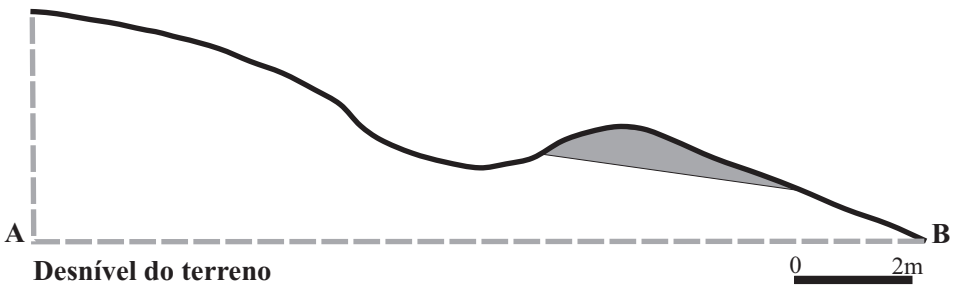


Figura 12: RS-A-78. Curvas de nível e perfil do montículo 1.



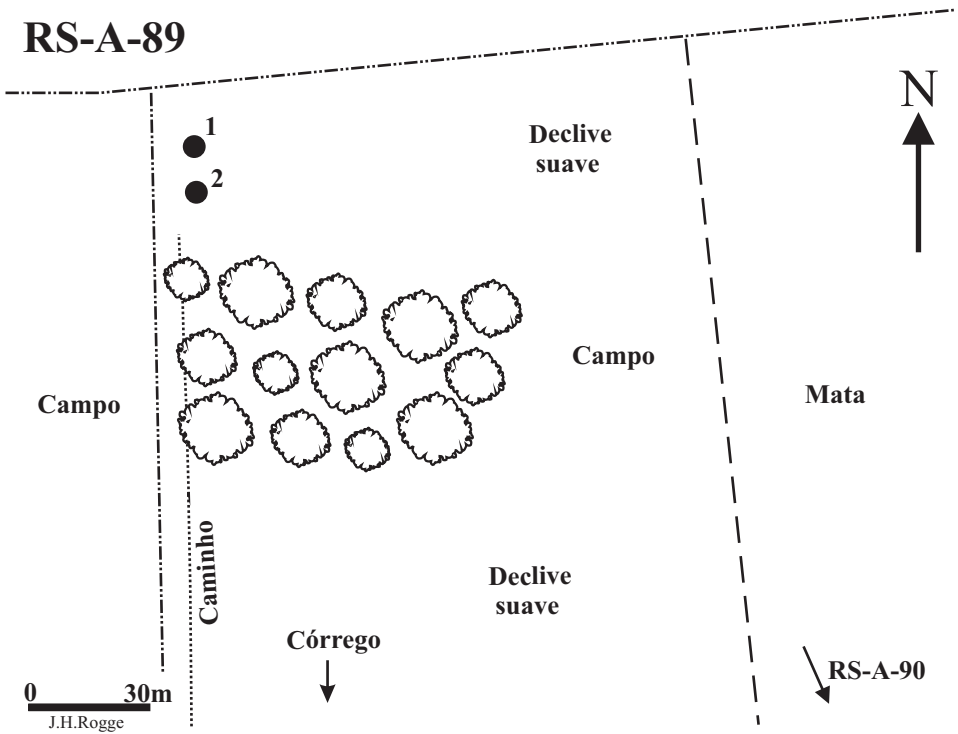


Figura 13: Croqui do sítio RS-A-89.

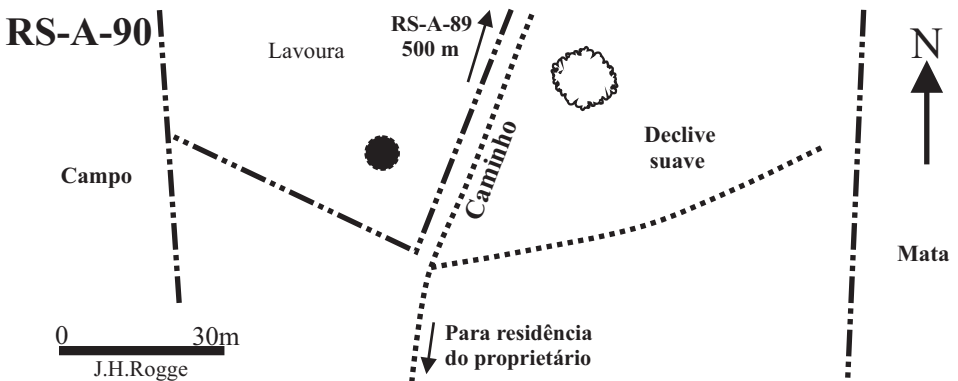


Figura 14: Croqui do sítio RS-A-90.

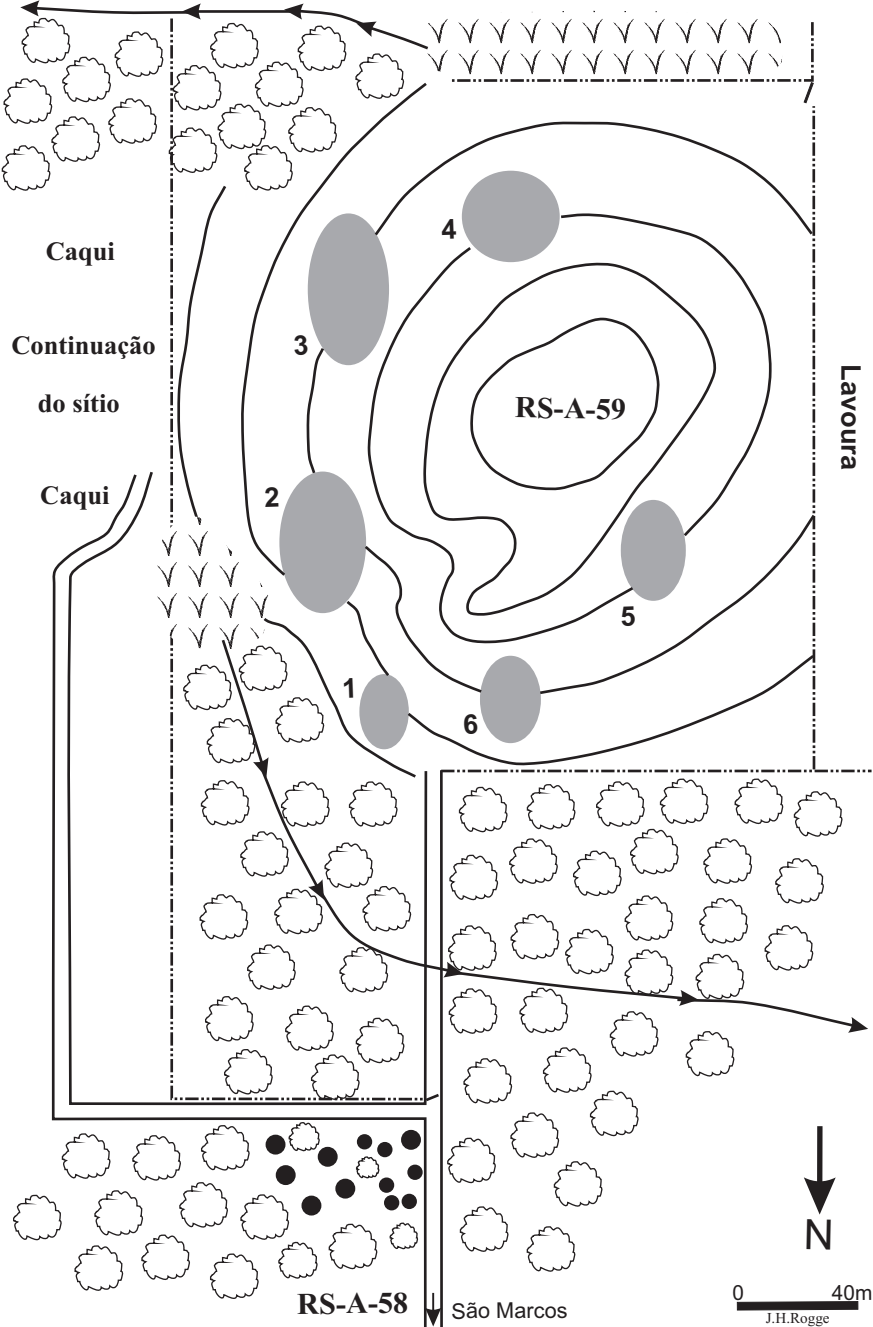


Figura 15: Croqui dos sítios RS-A-58 e RS-A-59.

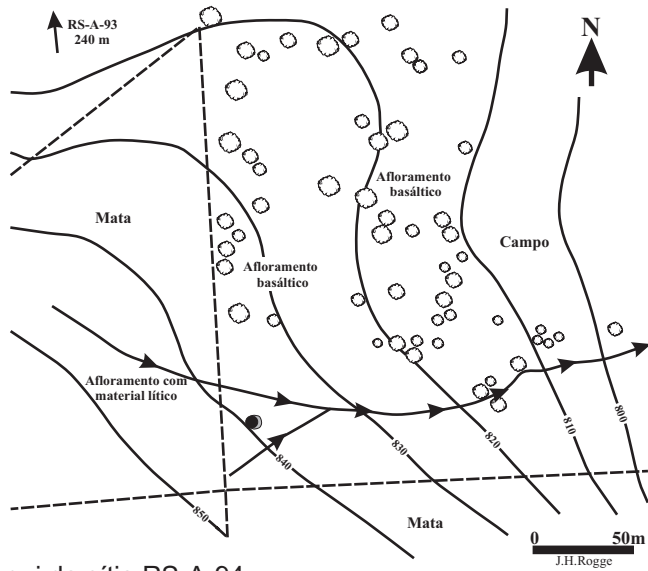


Figura 16: Croqui do sítio RS-A-94.

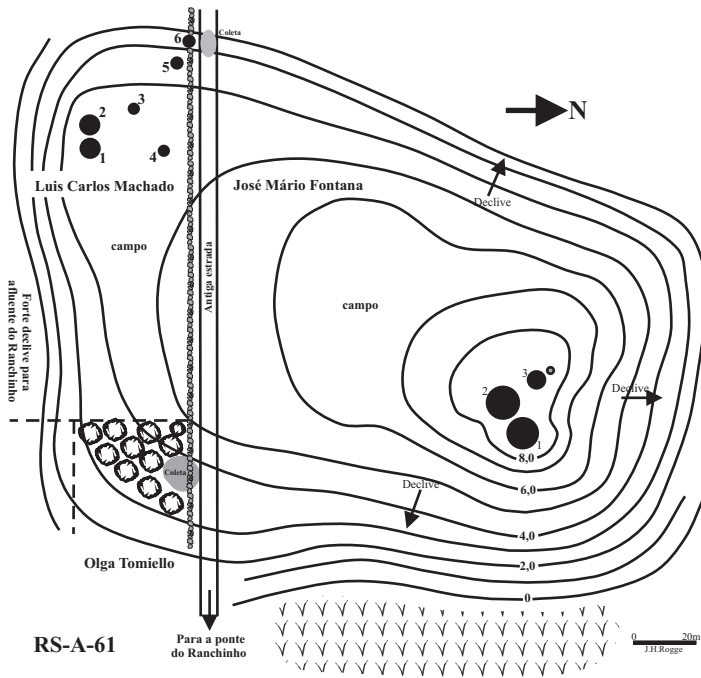


Figura 17: Croqui do sítio RS-A-61.

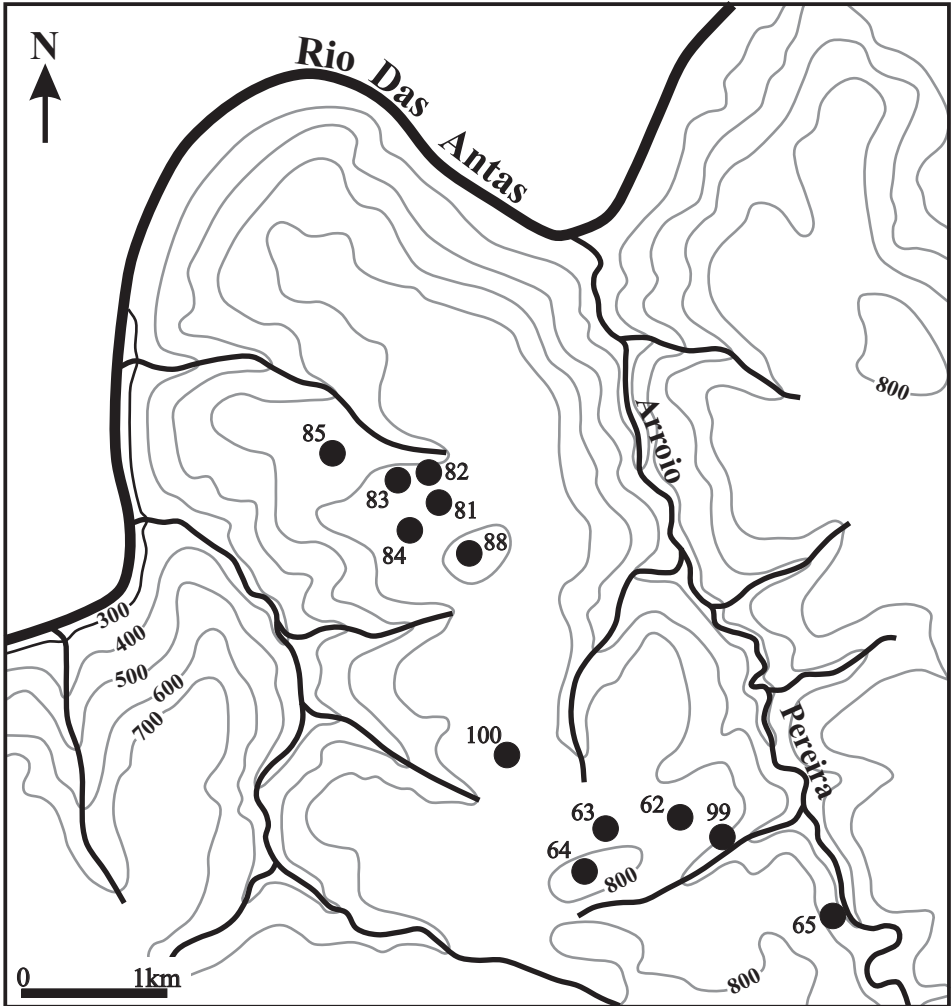


Figura 18: Mapa dos sítios da Linha Café.

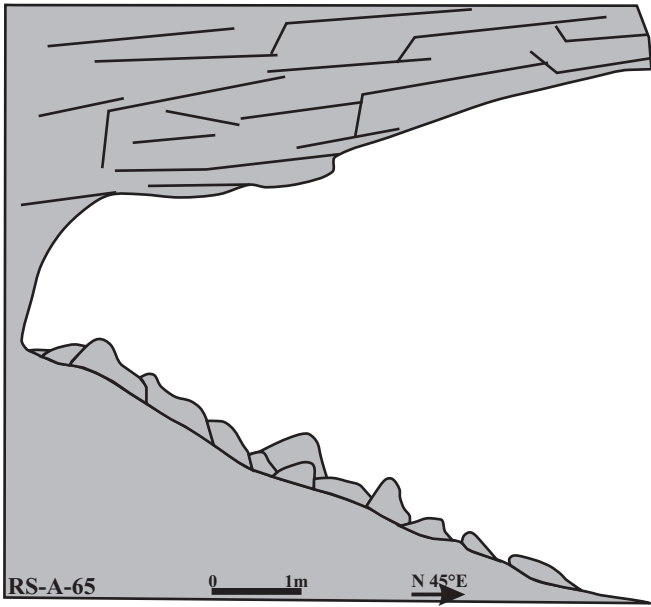


Figura 19: Perfil do abrigo do sítio RS-A-65.

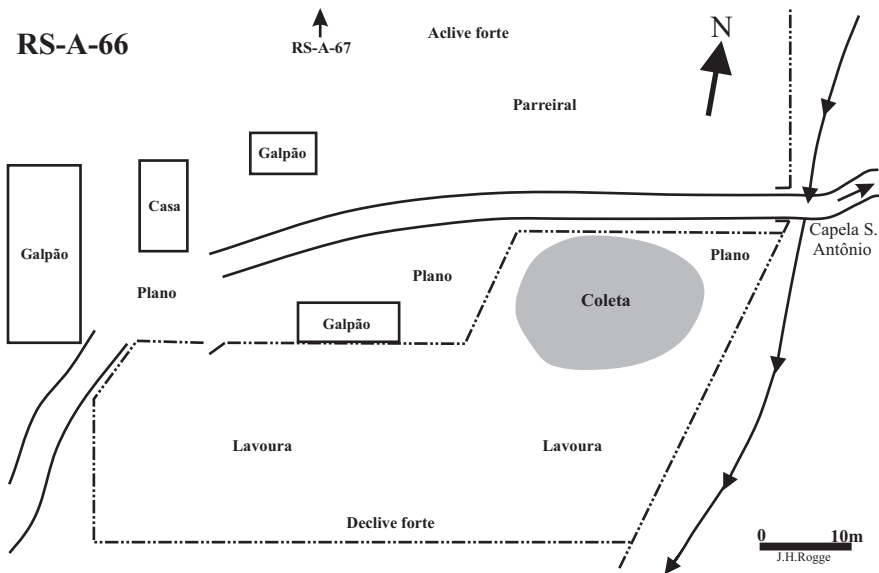


Figura 20: Croqui do sítio RS-A-66.

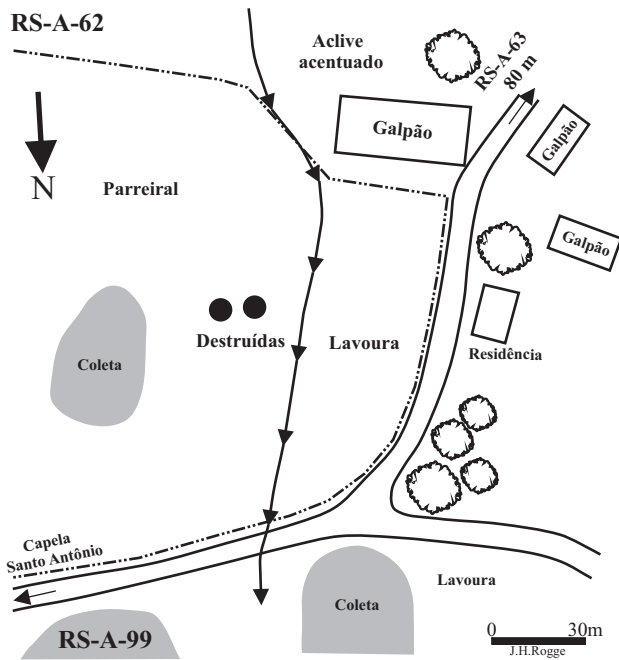


Figura 21: Croqui do sítio RS-A-62.

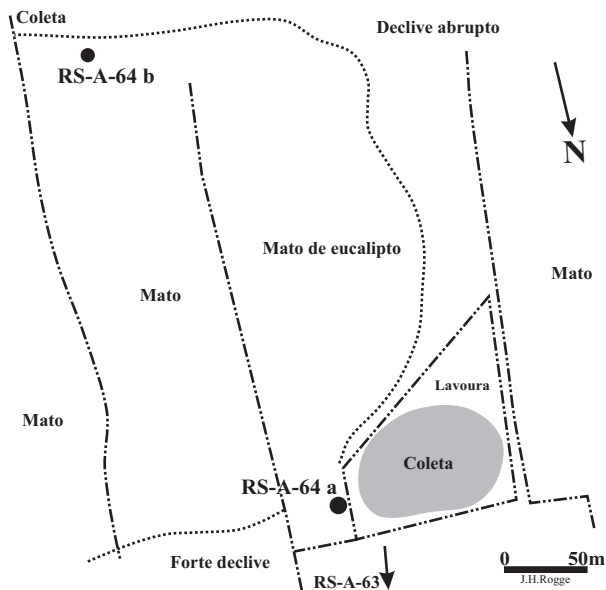


Figura 22: Croqui do sítio RS-A-64.

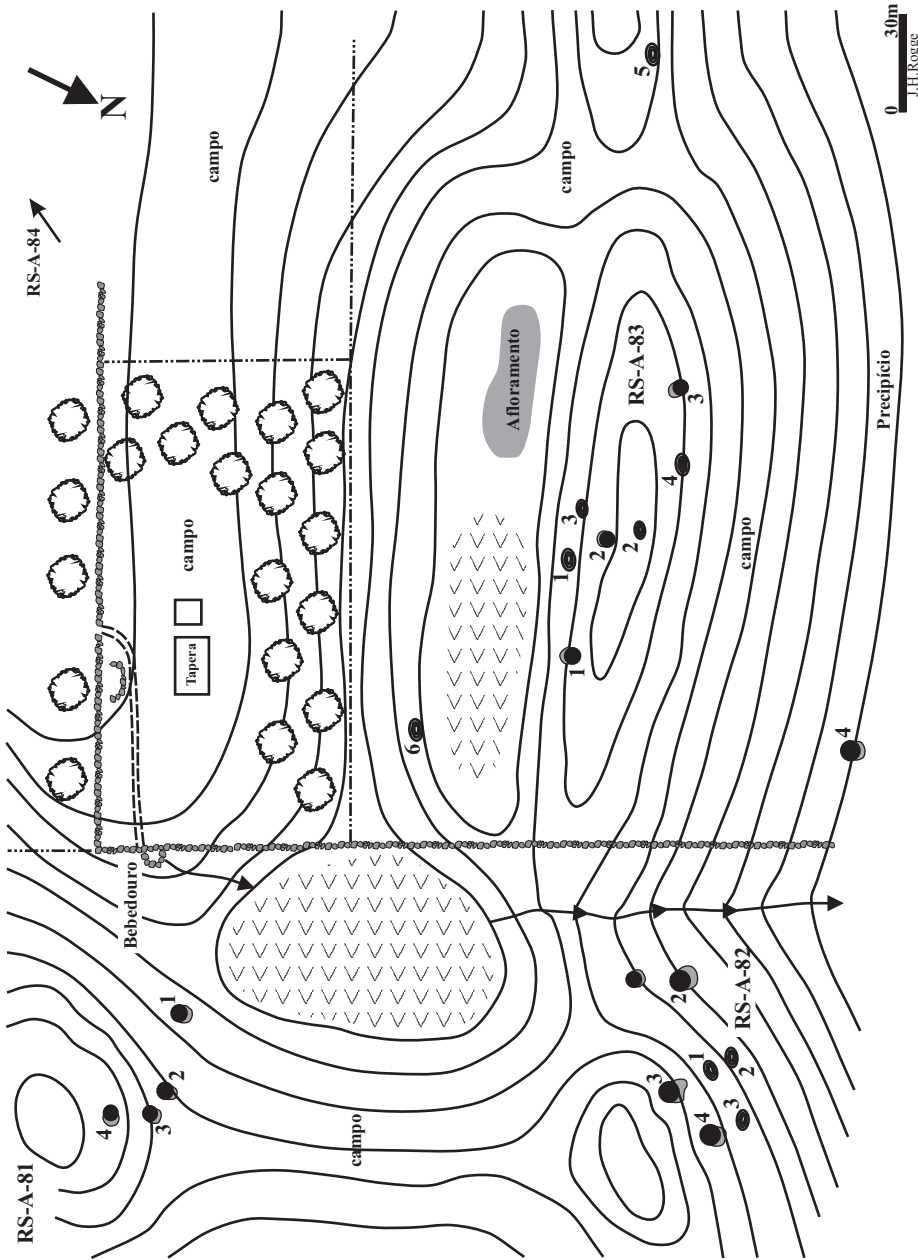


Figura 23: Croqui dos sítios RS-A-81, 82 e 83.

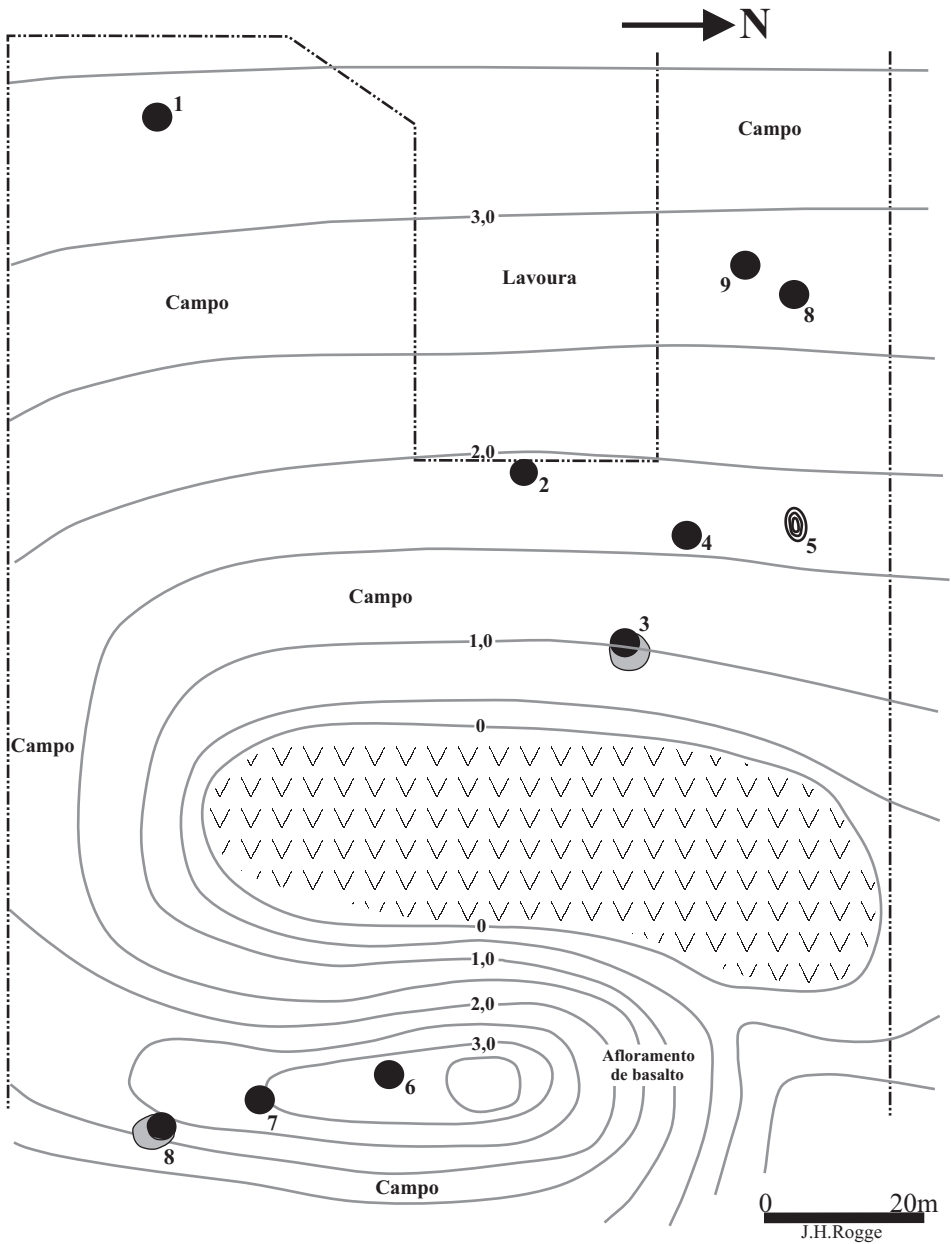


Figura 24: Croqui do sítio RS-A-84.



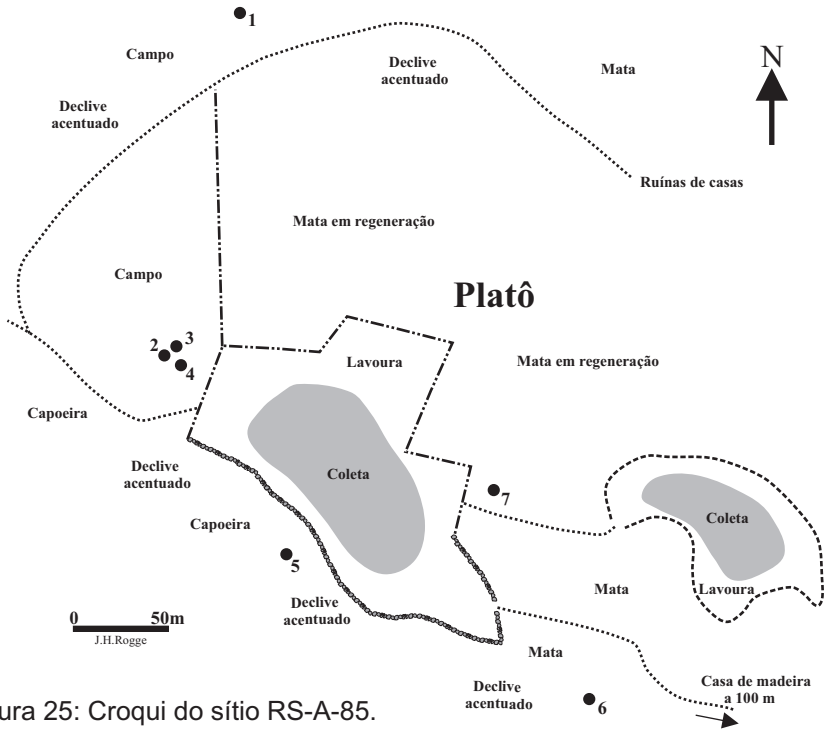


Figura 25: Croqui do sítio RS-A-85.



Figura 26: Toca Santa, RS-A-49.

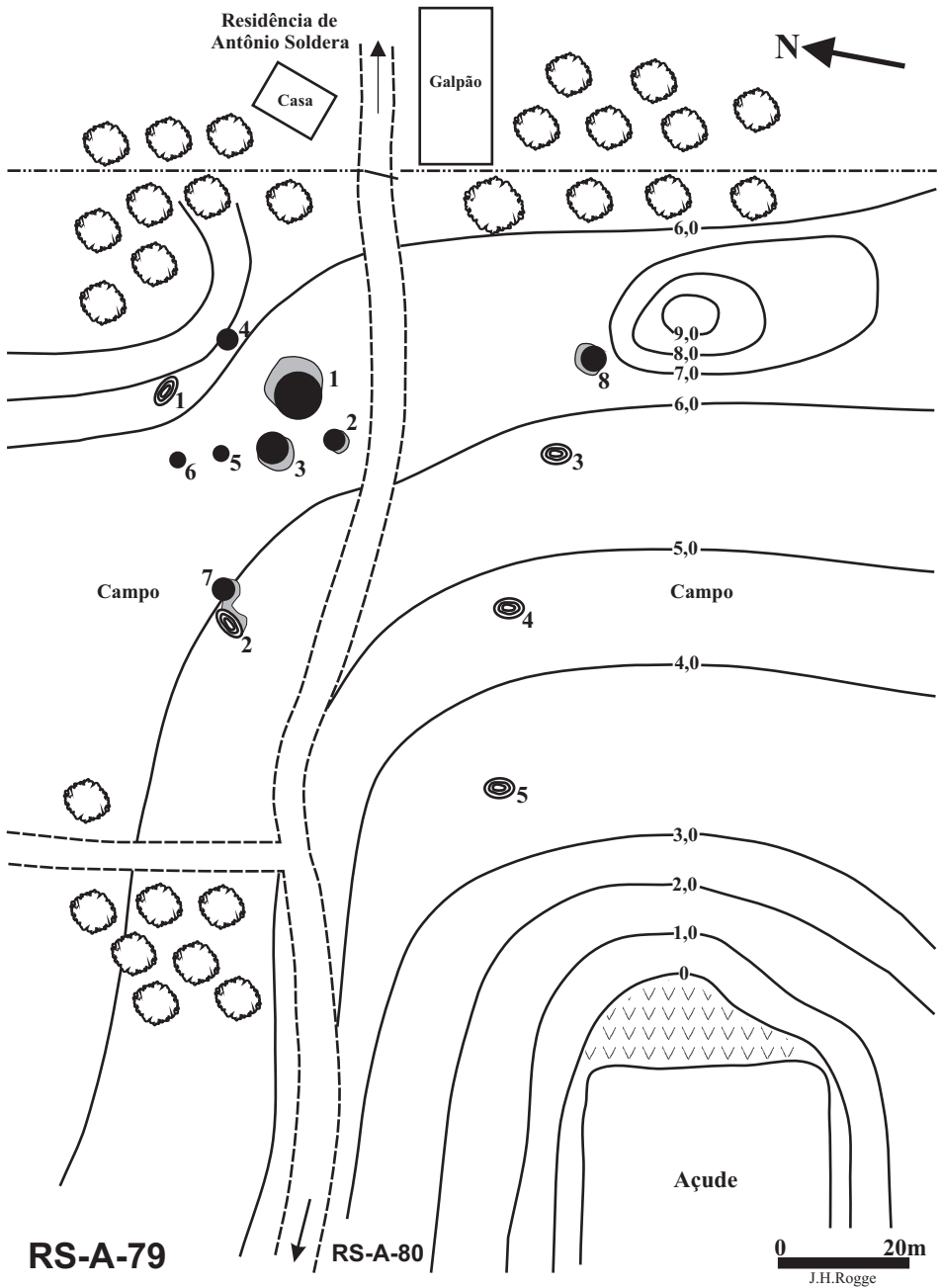


Figura 27: Croqui do sítio RS-A-79.

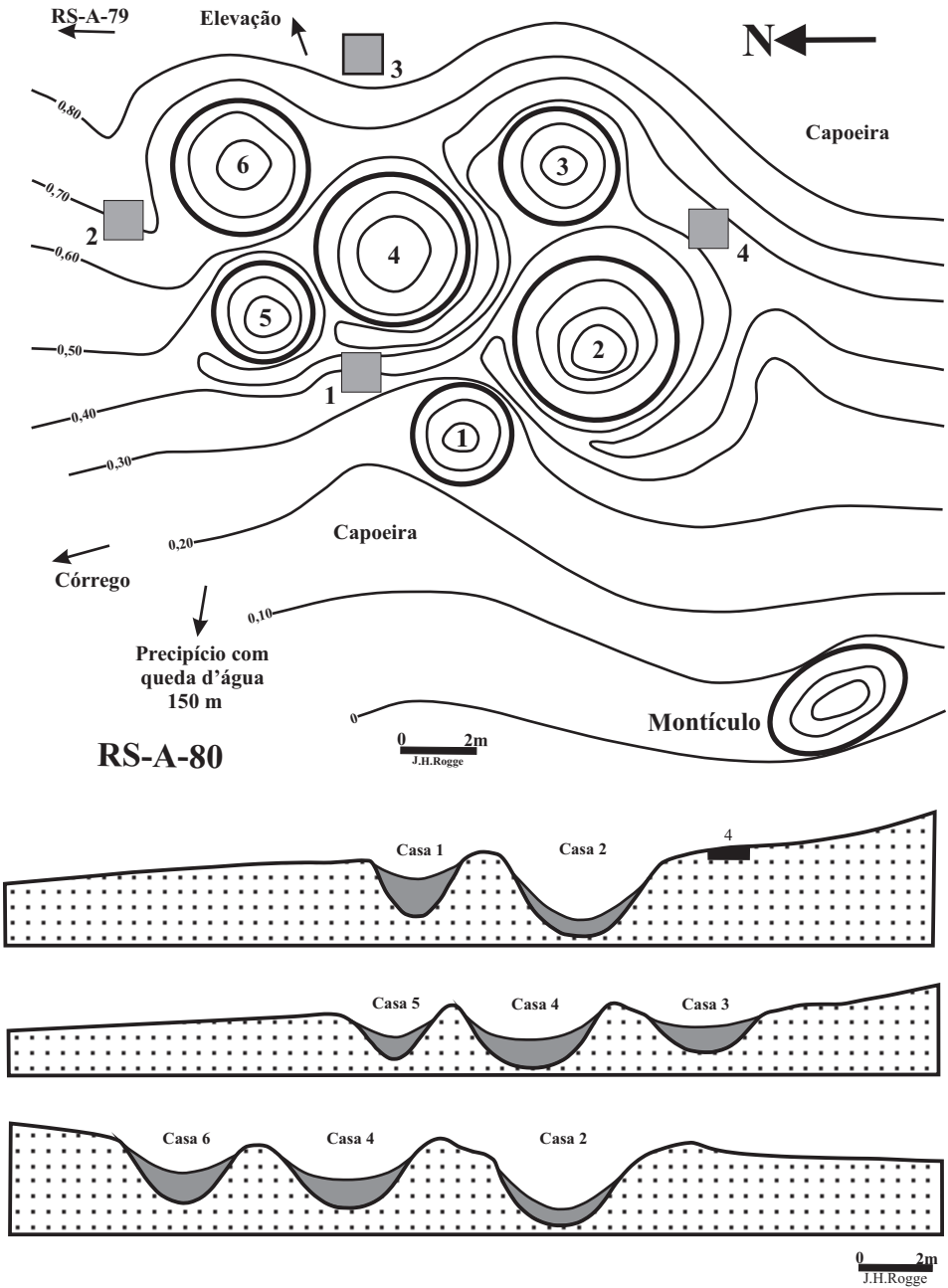


Figura 28: Croqui do sítio RS-A-80 e perfis.

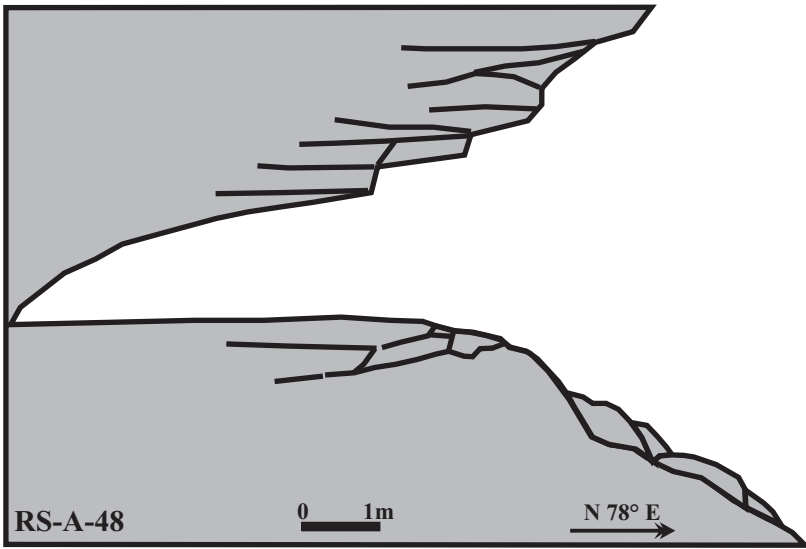


Figura 29: RS-A-48. Perfil do abrigo.

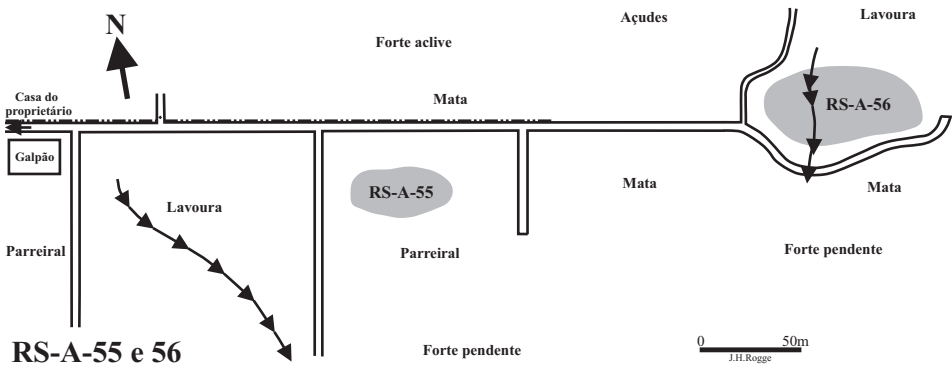


Figura 30: Croqui dos sítios RS-A-55 e 56.

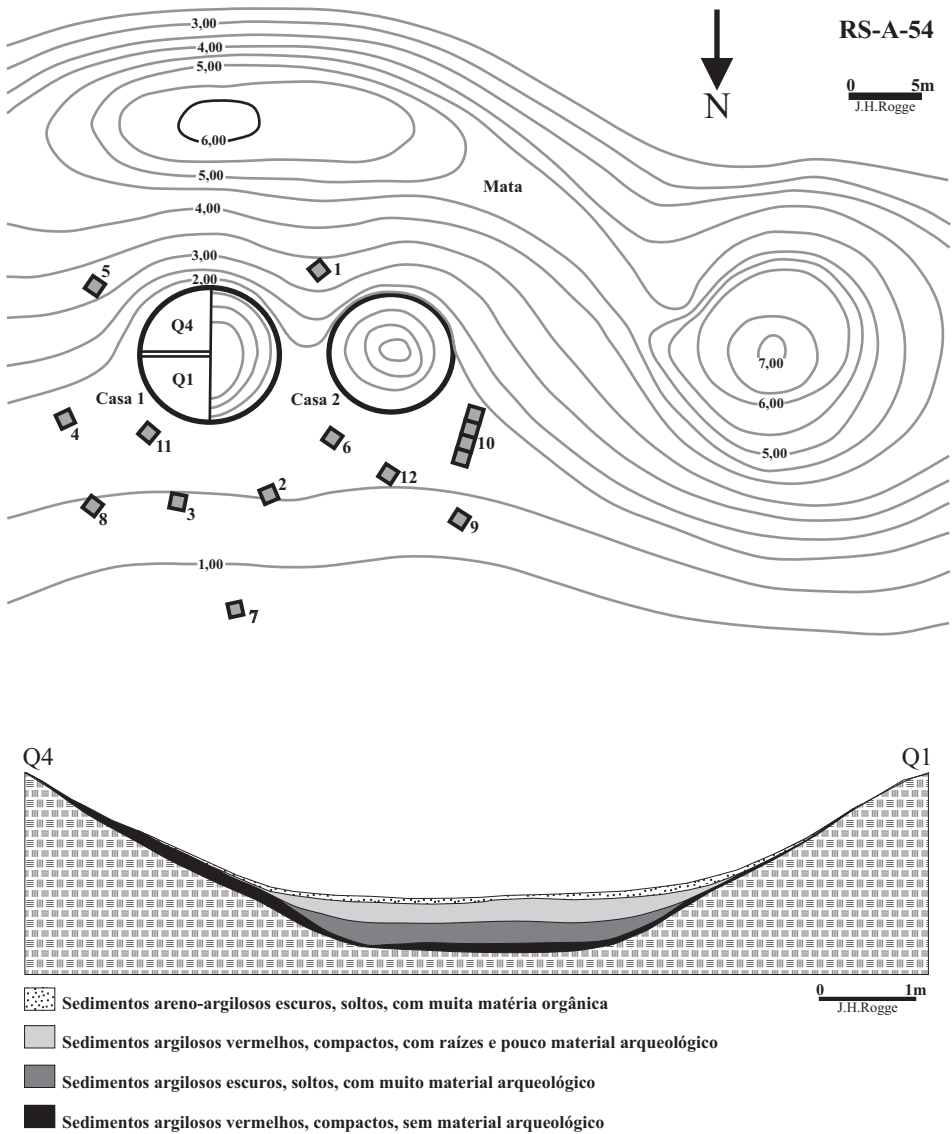


Figura 31: Croqui do sítio RS-A-54 e perfil estratigráfico da casa 1.

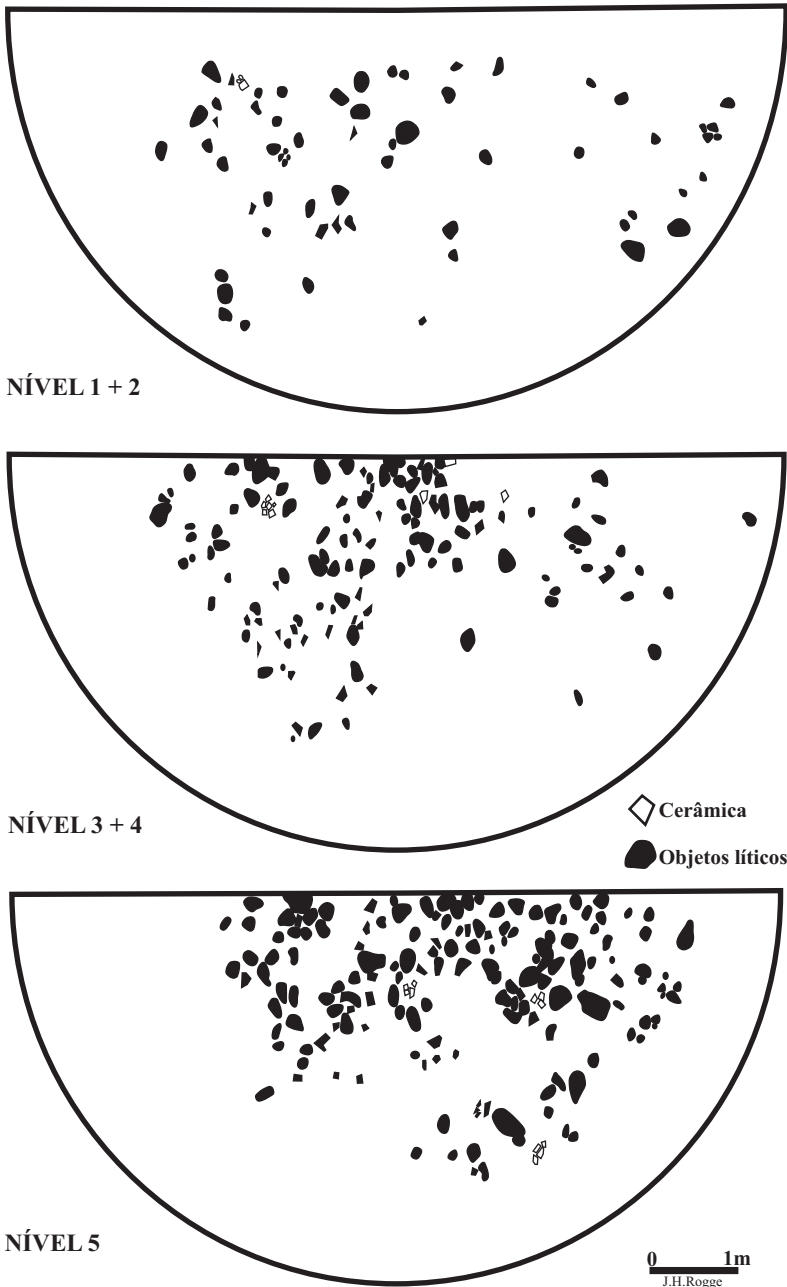


Figura 32: Planta da escavação da casa 1 do sítio RS-A-54.

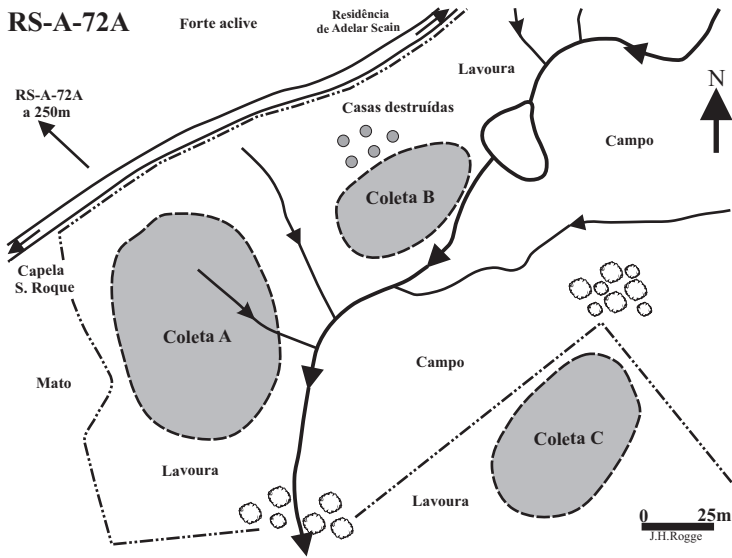


Figura 33: Croqui do sítio RS-A-72A.

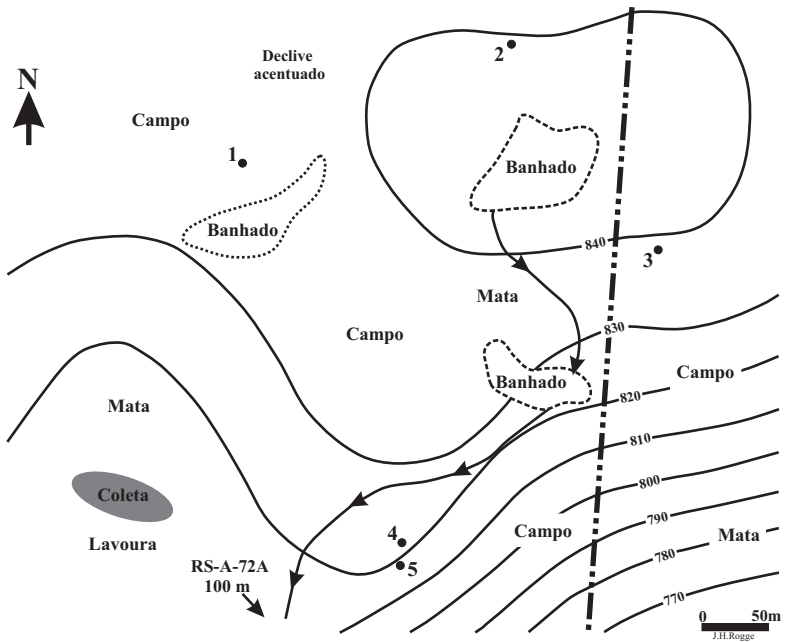


Figura 34: Croqui do sítio RS-A-72B.

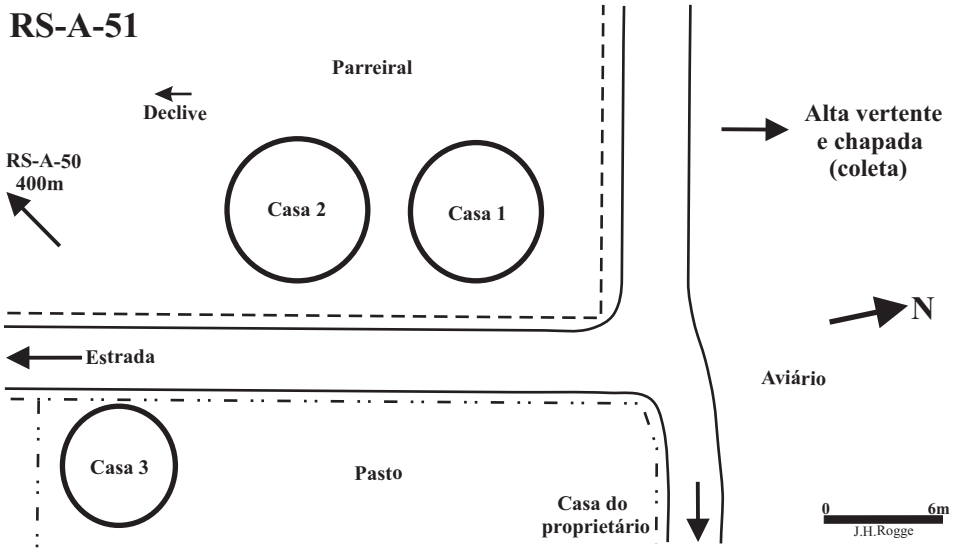


Figura 35: Croqui do sítio RS-A-51.

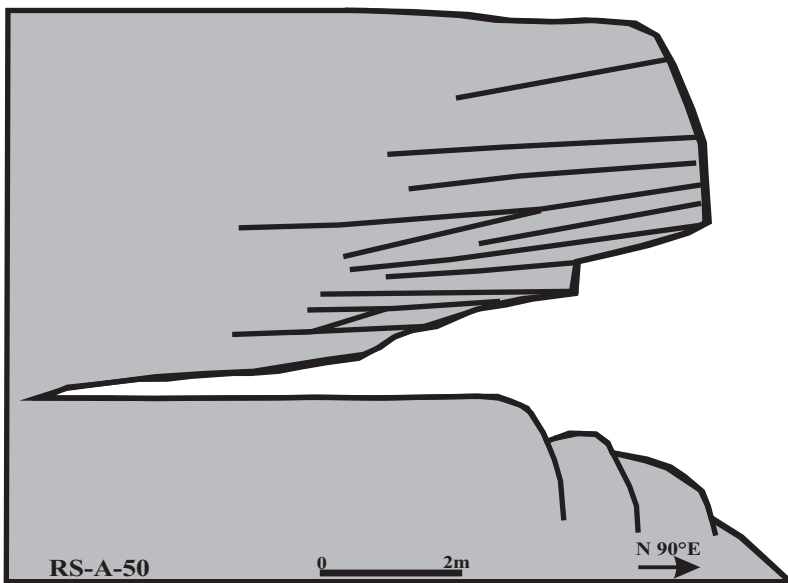


Figura 36: RS-A-50. Perfil do abrigo.



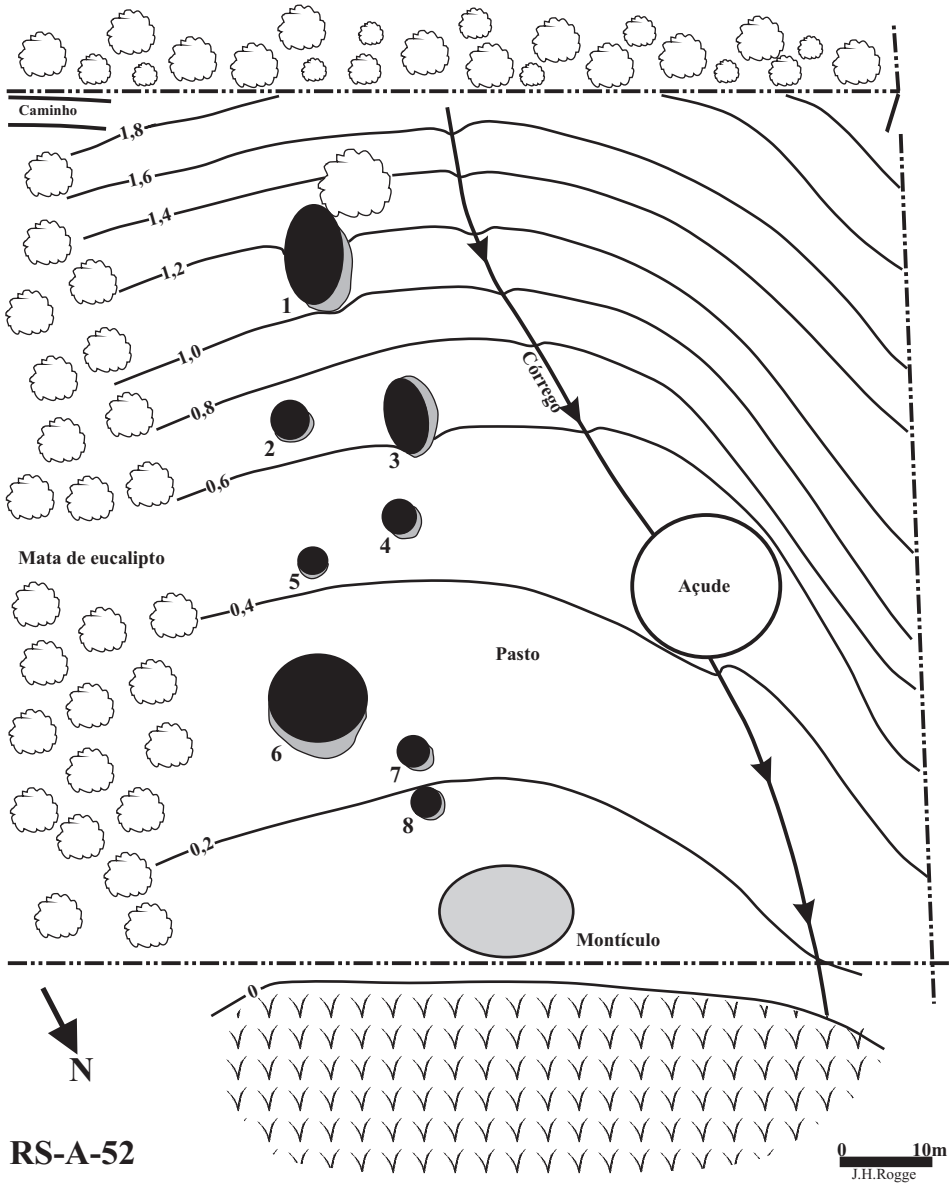
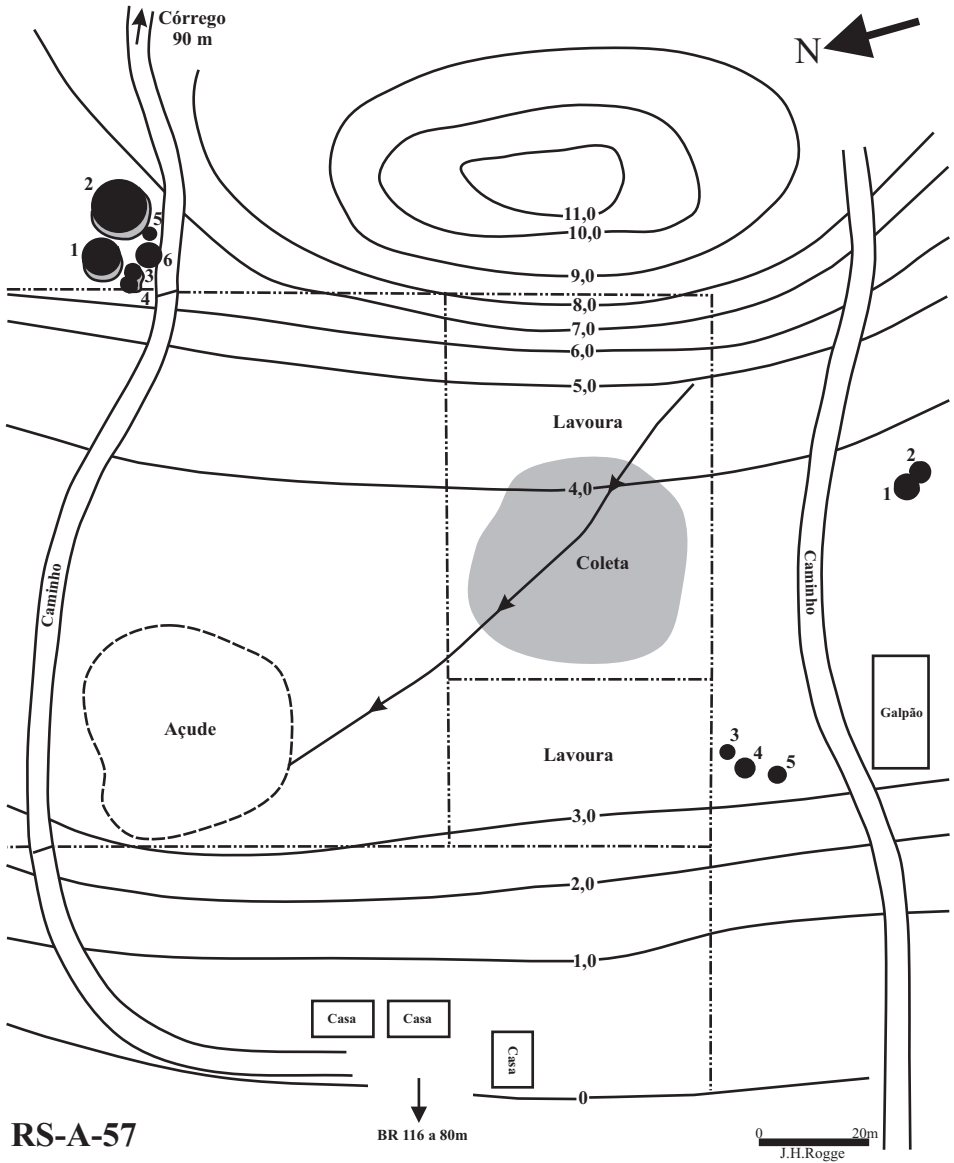
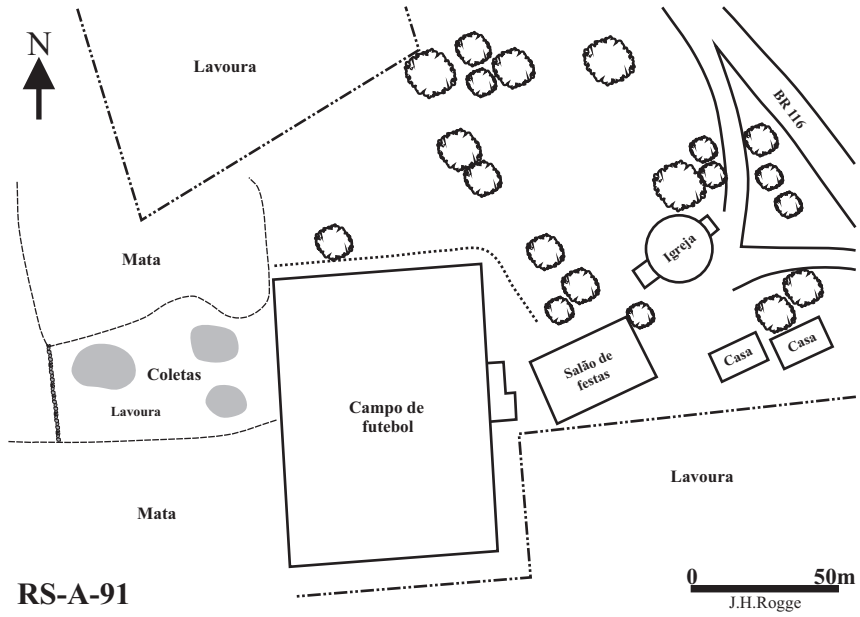


Figura 37: Croqui do sítio RS-A-52.



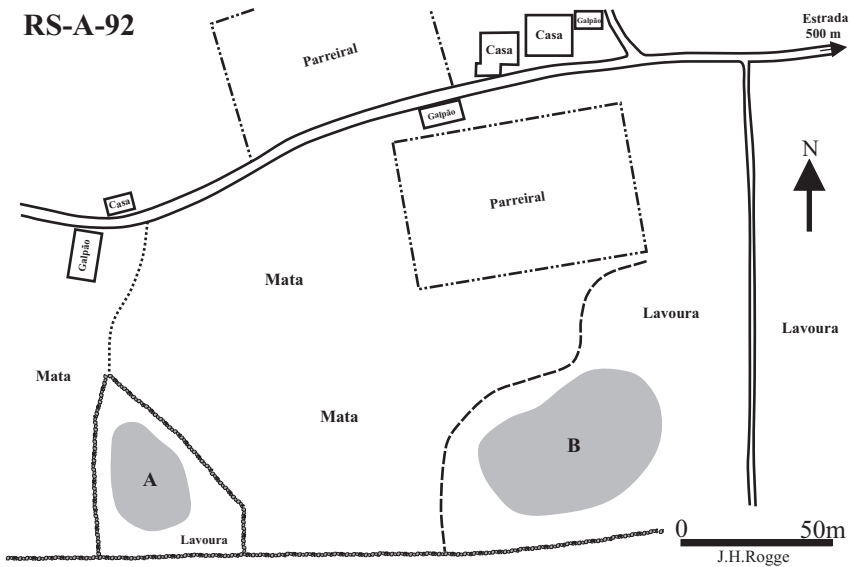
RS-A-57

Figura 38: Croqui do sítio RS-A-57.



RS-A-91

Figura 39: Croqui do sítio RS-A-91.



RS-A-92

Figura 40: Croqui do sítio RS-A-92.

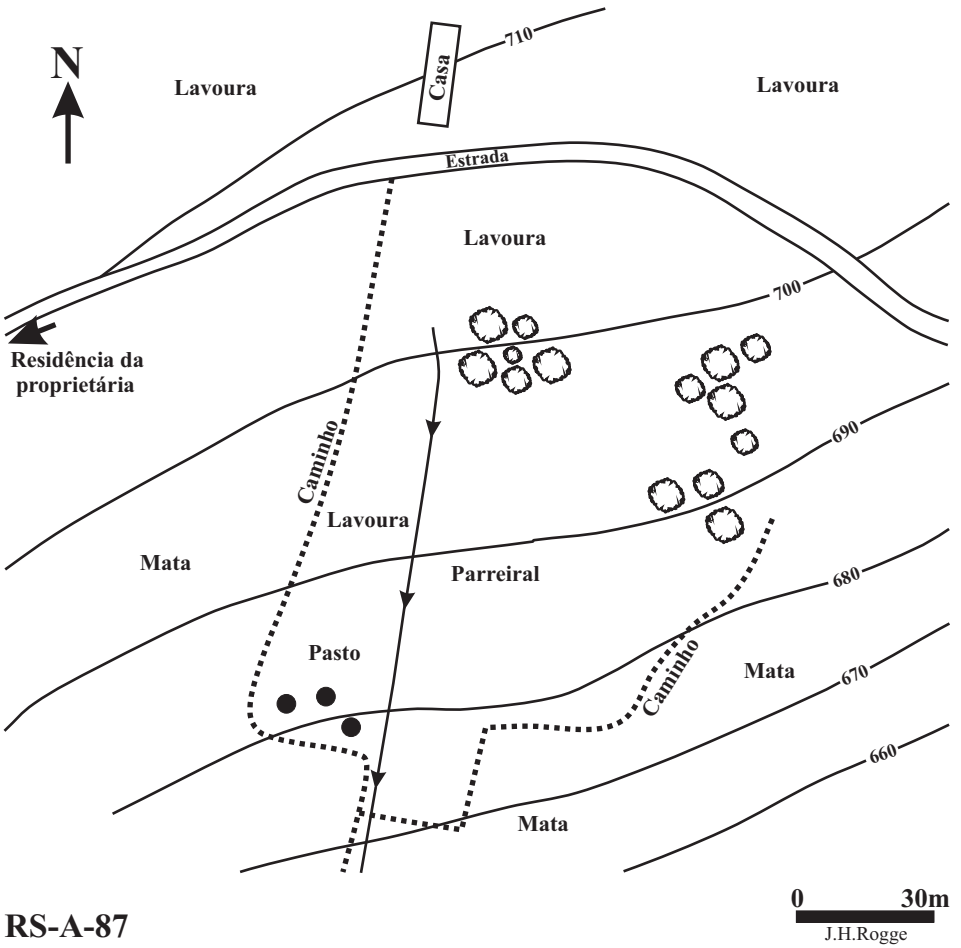


Figura 41: Croqui do sítio RS-A-87.

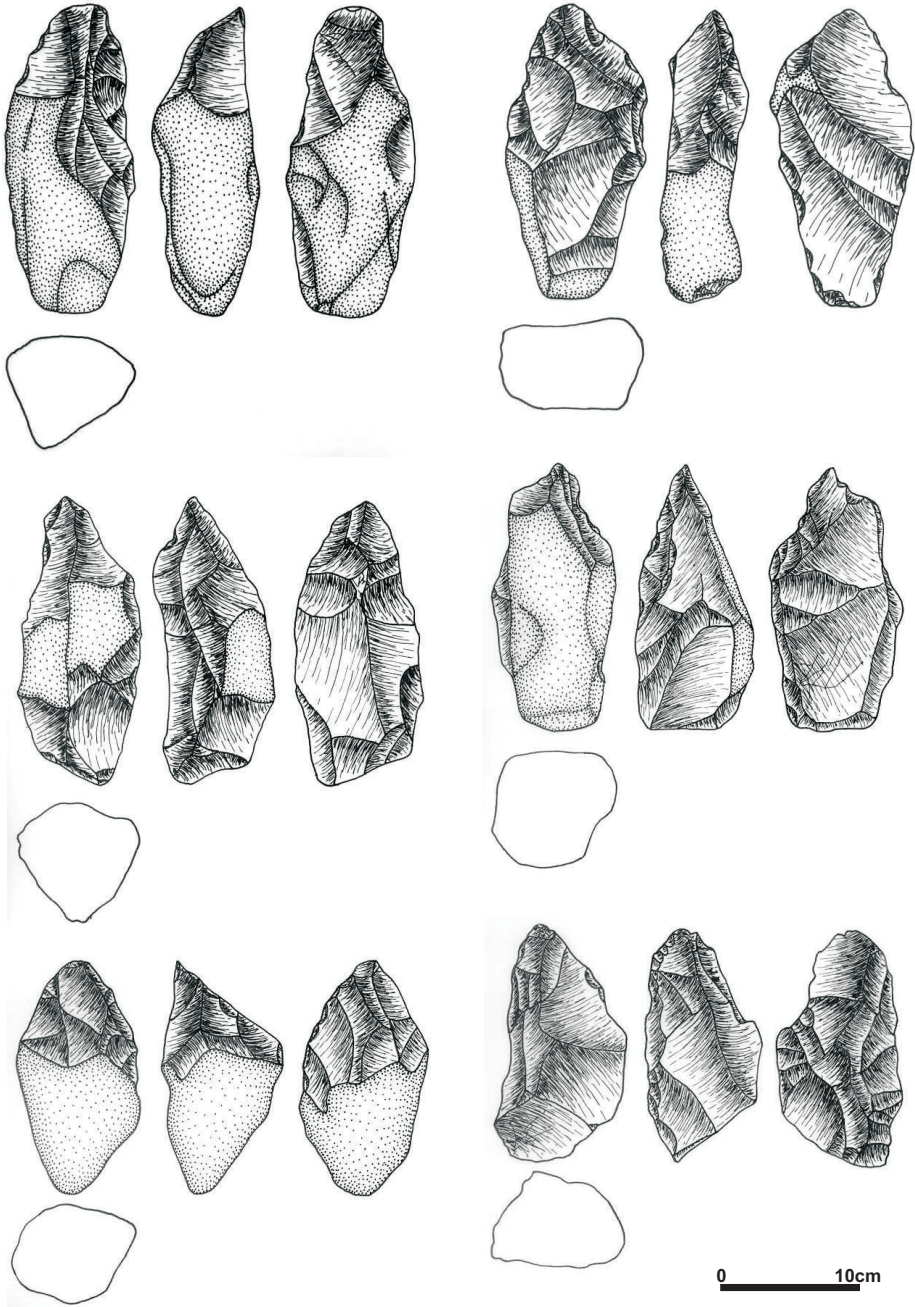


Figura 42: Talhadores.  
NÚMERO 67, ANO 2009



Figura 43: Talhadores.



Figura 45: Lascas retocadas. Desgaste representado pelo pontilhado.

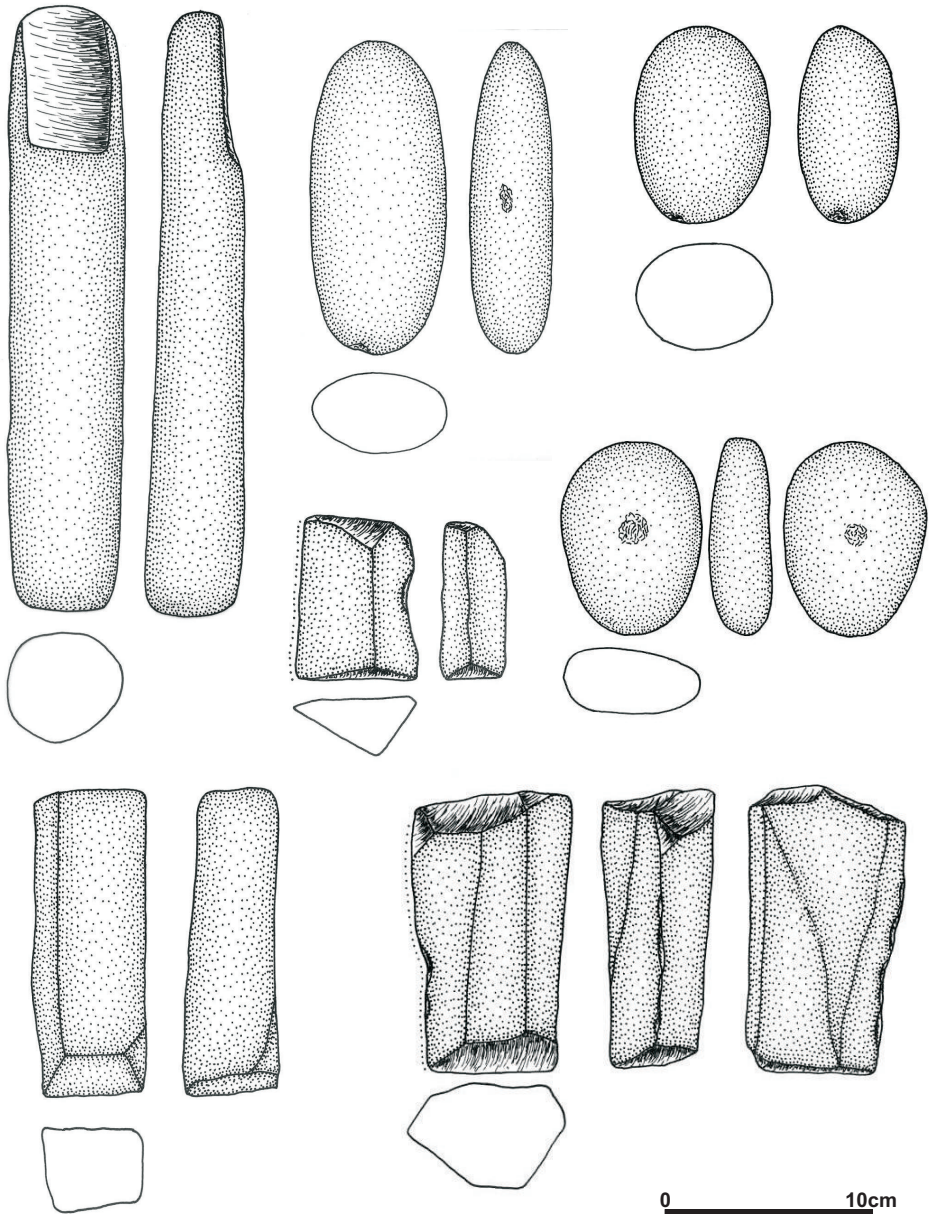


Figura 46: Mãos, percutores e colunas. Desgaste representado pelo pontilhado.



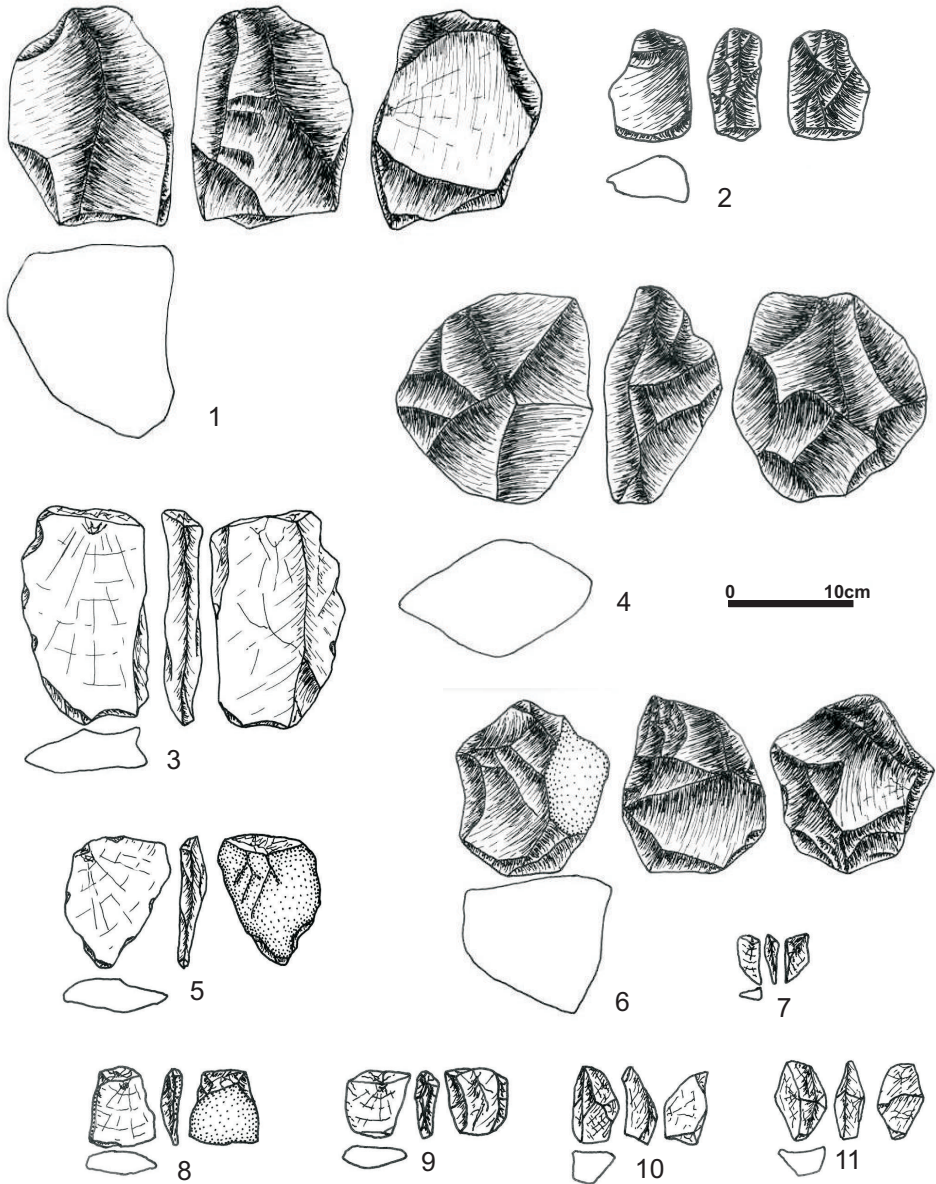
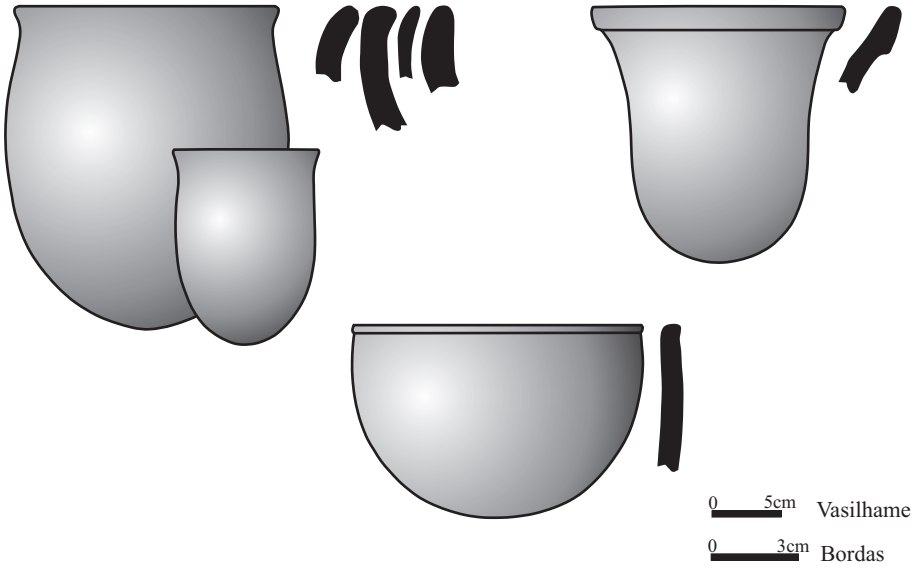


Figura 47: 1, 2, 4 e 6 = núcleos de basalto; 3, 5 e 8 = lascas de basalto; 7, 9 e 10 = fragmentos bipolares de calcidônia; 11 = núcleo bipolar de quartzo.

### Tradição Taquara



### Tradição Tupiguarani

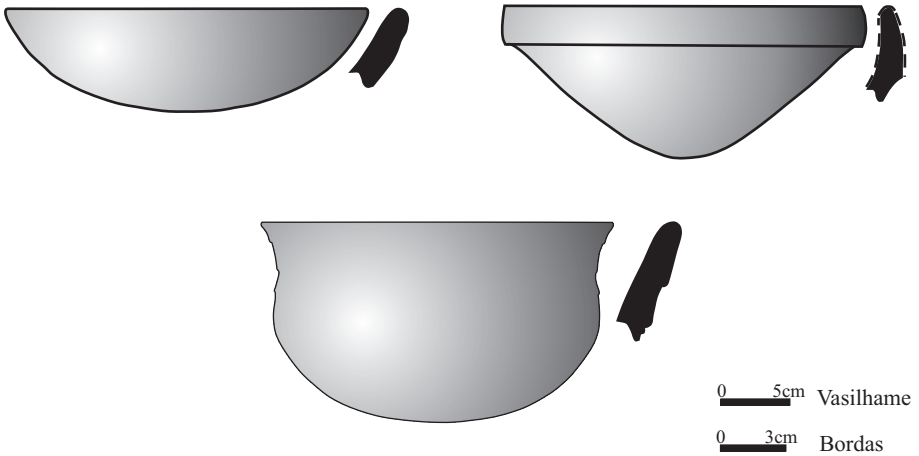


Figura 48: Cerâmica Taquara e Tupiguarani.



Figura 49: São Marcos e o Morro da Antena.



Figura 50: RS-A-80. Casas aglomeradas.



Figura 51: RS-A-80. Casa 2.

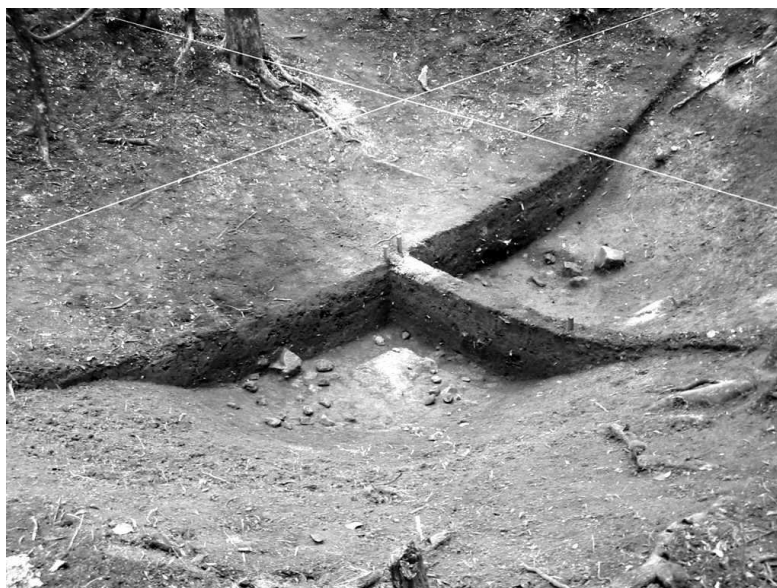


Figura 52: RS-A-54. Aspecto da escavação.



Figura 53: RS-A-75. Montículo escavado.



Figura 54: RS-A-72A. Sítio a céu aberto.